



# ELLE

SOMBRAS DO PASSADO  
VOLUME 2

SÉRIE  
JACK  ROCK

ARETHA V. GUEDES



Elle

# Sombras do passado

Aretha V. Guedes

Copyright © 2015 Aretha Vieira Guedes

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Título: Elle – Sombras do Passado

Série Jack Rock: Volume 2

Autora: Aretha Vieira Guedes

Capa: Izzy Ximenes

Revisão: Clara Taveira

## **SINOPSE**

Elle se sente sozinha no mundo e acha que só pode contar com a ajuda de Chris. Ele era seu porto seguro, mas parecia ter sentimentos que iam muito além da amizade. Ela já o amava como a um irmão, poderia haver outra relação entre eles?

Ela quer ser independente e trabalhar para John tinha sido a escolha mais fácil, mas resistir ao seu jeito sedutor estava sendo mais desafiador do que esperava. Helena não poderia confiar nele, um notório conquistador que escondia um segredo obscuro.

Quando as sombras do passado voltam para cobrar seu preço, Elle não terá como escapar. Enfrentar a verdade pode ser sua única salvação.

# Conteúdo

## PRÓLOGO

## CAPÍTULO 1

## CAPÍTULO 2

## CAPÍTULO 3

## CAPÍTULO 4

## CAPÍTULO 5

## CAPÍTULO 6

## CAPÍTULO 7

## CAPÍTULO 8

## CAPÍTULO 9

## CAPÍTULO 10

## CAPÍTULO 11

## CAPÍTULO 12

## CAPÍTULO 13

## CAPÍTULO 14

## CAPÍTULO 15

## CAPÍTULO 16

## CAPÍTULO 17

## CAPÍTULO 18

## CAPÍTULO 19

## CAPÍTULO 20

## CAPÍTULO 21

## CAPÍTULO 22

## CAPÍTULO 23

## CAPÍTULO 24

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO BÔNUS](#)

[EPÍLOGO](#)

[ELLE – Amor e redenção](#)

[Prólogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Siga Aretha V. Guedes nas redes sociais:](#)



# PRÓLOGO

Todo ano, na minha cidade, eu ia ao circo na noite de estreia com meus pais. Lembro-me de entrar naquele mundo mágico de mãos dadas com eles. O picadeiro, as arquibancadas, era tudo tão colorido e vivo!

Eu sempre sentava entre os dois. Eles eram tão altos e eu tão pequena, que eu, em meu vestido lilás e com os pés balançando sem tocar o chão, me sentia protegida. Sabia que mamãe e papai não deixariam o palhaço me ver e me levar para o palco. Eu amava as luzes e os sons, mas não gostaria de ser o centro da atração. Além disso, tinha medo do palhaço, achava estranho aquele rosto branco e nariz vermelho. Não confiaria em alguém que parecia legal, mas se escondia atrás de uma máscara. Como iria saber quem ele era quando o visse novamente?

Eu nunca contei isso para ninguém. O Chris acharia que eu era fraca, e eu queria ser forte como ele! Chris não vinha para o circo com a gente, ele dizia que “os mágicos eram enganadores e eu não gosto de ser enrolado”.

Eu não me importava que tudo fosse parte de um grande truque, o que eu gostava era de tentar descobrir quando a “mágica” acontecia, em que ponto a ilusão se dava.

Outra coisa que eu realmente amava no circo eram os malabaristas. A habilidade que eles tinham de manipular as coisas e manter um equilíbrio era impressionante. Uma vez, eu vi uma malabarista vestida com um collant preto com lantejoulas brilhante. As luzes estavam apagadas e apenas um enorme holofote a iluminava em um círculo branco. Parada, no centro do picadeiro, ela segurava dez bolinhas, ao bater uma na outra, elas começaram a piscar em vermelho e azul.

A luz se apagou, segurei no braço de meu pai e ele fez carinho em minha cabeça para me tranquilizar. A mulher, então, começou a jogar as bolas no ar, pontos de luz cintilando para cima e para baixo. Lindo! Até que ela deixou uma cair no chão, o impacto a fez apagar. A malabarista continuou como se nada tivesse acontecido, mas eu senti pena da bolinha que ficou perdida. E se ela nunca mais voltasse a brilhar?

Hoje, tantos anos depois, eu não tinha mais a segurança de meus pais. Eles se foram em um trágico acidente. Fiquei sozinha no mundo, ainda que não por muito tempo: Chris, meu melhor amigo e protetor desde a infância, veio ao meu resgate.

O problema é que eu queria provar para mim que poderia ser independente, e isso não



combinou muito com os planos iniciais do Chris. Ele queria cuidar de cada aspecto da minha vida, quando eu precisava resolver meus próprios problemas.

Por isto, aceitei trabalhar para John, o sexy vocalista da banda Jack Rock e amigo do Chris que era o guitarrista. Desde então, minha vida se transformou em um caos. Morar com Chris e ter John como chefe me fazia sentir como aquela malabarista.

Por mais que eu parecesse bem por fora, estava envolta em escuridão e tentava equilibrar três bolinhas ao mesmo tempo: a amizade do Chris, a atração por John e meus anseios. Sabe qual o problema com o malabarismo? Por mais que você tenha mãos firmes, sempre haverá uma no ar prestes a despencar no chão. Se ela vai cair ou não, vai depender da habilidade do malabarista.

Se eu soubesse o que o futuro me traria, talvez eu tivesse agido de outra forma, mas eu não sabia... Não até ter sido tarde demais.



# CAPÍTULO 1

No elevador do prédio de Chris, ainda não acredito que briguei com ele. Não éramos de discutir. Encosto minha testa na parede, o fio do metal não alivia minha dor de cabeça. Como pude empurrar o Chris? Agora entendo o que a Fiona Apple quis dizer na música Criminal, eu me sinto uma criminosa pela forma que o tratei.

O apito do elevador me assusta, saio do prédio e entrego minha mala para Gabriel. Bato no vidro do carro e John abre a porta.

– Estamos muito atrasados para o voo?

Pergunto com a voz embargada.

– Não, vamos em um avião particular. Por quê?

John fala curioso.

– Volto já, esqueci algo importante lá em cima!

Subo o mais rápido que consigo para o apartamento. Encontro Chris na cozinha tomando café, ele me olha confuso.

– Aconteceu algo, Elle?

– Sim! Aconteceu que eu sou uma idiota e não mereço um amigo como você – minhas lágrimas ameaçam escapar – Me perdoa, Chris?

– Elle, eu acho que a gente precisa se acostumar a conviver novamente – ele se levanta e me abraça – Não é mais tão simples como quando éramos crianças.

– Eu sei, estou tão confusa! Fui uma estúpida, nada justifica o que eu fiz...

Não consigo mais conter e as lágrimas escorrem por meu rosto.

– Você não precisa lutar tanto, Elle – ele me encara sério – Não é você contra o mundo.

– Eu sei, mas saber e agir são coisas diferentes... – seco meu rosto com o dorso da mão – Estamos bem?

Chris beija o topo da minha cabeça e pisca um olho.

– Sim, desta vez não vou fazer birra.

Sorrio com a lembrança. Quando éramos crianças e eu o empurrei, Chris ficou dois dias sem falar comigo. Mas eu não desisti dele, joguei tantas pedras na janela do quarto dele para chamar sua atenção que terminei quebrando-a.

– Ótimo, porque tenho certeza que eu não conseguiria jogar uma pedra nesta altura.

Eu tentaria, porém, se fosse preciso. O interfone toca e Gabriel pergunta se preciso de alguma ajuda.

– Vá lá, Elle.

– Eu vou, se estiver tudo tranquilo entre nós.

– Pode ir, está tudo como sempre foi.

Eu o abraço apertado e sugiro:

– Sushi quando eu voltar?

Chris me dá seu lindo sorriso:

– Você leu meus pensamentos!

Agora posso ir, não suportaria partir estando brigada com o Chris, mesmo que seja por poucos dias. Sinto meu coração mais leve. No carro, John estava sentado no banco de trás e franze a testa quando percebe minhas mãos vazias.

– O que você foi buscar lá em cima?

Minha consciência, paz mental, um pedaço do meu coração... E o mais importante, saber que o Chris não está mais triste.

– O que eu fui buscar é algo muito valioso, John! Porém, não é nada que eu pudesse trazer na mão.

John fica calado por um segundo. Seu ray-ban é tão grande que não posso decifrar sua expressão:

– Vamos, Gabriel, já perdemos tempo demais aqui.

Coloco os meus próprios óculos escuros e fico olhando pela janela. Com ou sem trégua não estou com humor para conversa. Quarenta minutos depois estávamos embarcando no jatinho particular do Bob. Fazer parte mundo do Rock tinha suas vantagens.

O interior do jato era moderno com tons de prata, bege e negro. Um enorme e estiloso sofá ocupava o lado direito quase inteiro. Havia uma TV tela plana em frente a ele, e, ao lado dela, duas grandes poltronas. No final havia mais um par de poltronas antes da parte traseira da aeronave. Nos sentamos nestas durante a decolagem.

John guarda os óculos e me olha.

– Ainda estamos em trégua?

Oh meu Deus! John está com uma marca arroxada no local que Chris o bateu.

– Sim, mas... – gaguejo – Como você vai gravar qualquer coisa assim?

John dá de ombros.

– Isso é problema dos maquiadores, não está inchado. Então, vai me dizer o que houve?

Não vou discutir com ele os meus problemas com o Chris. Retiro meus óculos também e o encaro:

– Eu disse que estamos em trégua, não que somos amigos.

Quando o avião estabiliza, solto meu cinto e vou para o sofá. Alguns segundos depois sinto-o afundar com o peso de John que puxa uma mecha do meu cabelo para o lado.

– Você é uma coisinha mal-humorada, hein?

Hoje ele não deve me testar:

– John...

John não é culpado por eu ter discutido com Chris, apesar dele ter sido o motivo dela. Fiz as pazes com Chris, mas não contei a verdade. Menti para acabar a briga entre os dois e agora estava em uma encruzilhada.

– Ok, vamos falar de negócios, então – ele solta meu cabelo e pega uma pasta com documentos – Quero te explicar sobre o Clave de Sol.

Uma risadinha escapa antes que eu possa segurá-la. Ele me olha de lado.

– O que foi agora, Elle? – John pergunta impaciente.

– Nada... – digo sem jeito – É que esse nome é meio engraçado para uma ONG.

Para não dizer *esquisito*.

– Você fez as mesmas aulas de música do Chris. Sabe o que é uma Clave de Sol, não é? – ele pergunta desconfiado.

– Claro, mas...

– Então pronto! – ele fala sem deixar margem para discussão.

O problema é que eu não acho que seja um nome muito popular...

– Mas John, olhe só...

– *Helena!* – ele me corta – Sol era o apelido da minha mãe, por isto escolhi este nome. Está satisfeita agora?

Oh...

– Era no sentido de “era” porque ela mudou de apelido, ou ...?

Ele me fuzila com o olhar. Acho que é melhor eu me calar agora.

– A gente pode trabalhar agora, ou você vai continuar me enchendo de perguntas? – ele diz irritado.

Mostro o meu melhor sorriso amarelo.

– O que o senhor achar melhor, *chefinho*.

John me encara por uns cinco segundos e balança a cabeça para os lados. Ele podia ter mandado eu ficar quieta logo... Pensando bem, melhor não, considerando o que aconteceu nas últimas vezes que ele fez isto.

Ele então começa a explicar os aspectos legais e financeiros do projeto, o que falta fazer e como conseguir mais arrecadações. É impressionante sua paixão por tudo. Enquanto John estiver gravando a campanha, eu devo cuidar da parte burocrática. Vou fazer isto! Mostrarei para Chris que ele estava errado, que posso fazer diferença mesmo como uma simples assistente.

John me olha desconfiado.

– Por que está sorrindo tanto? O que você está tramando?

Dou de ombros.

– Apenas algumas ideias, uma meta para os próximos meses.

Ele aproxima sua boca da minha orelha e sussurra:

– Algo que envolva a mim?

Afasto minha cabeça de seu alcance:

–Você pelo menos entende os conceitos de trégua e limite?

John se afasta e pega o controle remoto da TV.

– Não exatamente, mas tenho certeza que você vai me mostrar.

Ele liga o televisor e vejo que está passando a gravação em DVD de seu show.

– É sério que você fica se assistindo o tempo inteiro? – pergunto com desgosto. Egocêntrico.  
Ele começa a rir.

– Combina com o que você pensa do meu jeito narcisista, não é? Mas não, este jatinho é do Bob. Prefere ver um filme?

Nego com a cabeça. Amo a música deles e tenho escutado pouco nos últimos tempos. Estou louca para vê-los ao vivo, sentir a emoção do público e dos bastidores. Já é contagiante pela televisão, imagino no palco.

Este DVD era do segundo álbum deles. Na época do lançamento, Chris me enviou uma cópia com o autógrafo de todos na capa e eu havia decorado cada detalhe. Não tinha outro remédio para melhorar meu humor do que me perder no som do Jack Rock. Agora que os conheço pessoalmente posso perceber que suas personalidades no palco se refletem na vida real. Eles não são fabricados para agradar ao público.

Kim arrasa na bateria, brincando e balançando seus cabelos vermelhos, sempre uma pimenta. Começo a rir em uma cena de bastidores quando ela bate as baquetas na bunda de Alysson que adormeceu de bruços no sofá do ônibus, provavelmente exausto de farrear a noite toda.

Aly tem ares de bom moço, mas apenas seu rosto é de anjo: ele grita, xinga, faz gestos obscenos e paquera as mulheres, é sempre o primeiro a ter a caneta na mão para assinar os peitos das fãs e beijar algumas enquanto faz isto. Nojento.

Chris no palco se concentra em sua guitarra e no microfone. Ele faz a segunda voz e complementa perfeitamente a de John. O vento balança seus cabelos loiros, os holofotes o iluminam

de verde, roxo e azul, e definem ainda mais seu queixo. Ele está lindo e perdido em seu próprio mundo, no solo de guitarra e na sua performance até a música acabar. O público pode não perceber, mas eu sim.

E tem o John: a câmera a ama e as meninas também, é claro. Ele está de jeans e camiseta regata branca. A primeira música que cantam tem o início mais calmo, porém, à medida que a batida vai aumentando, John percorre o palco de um lado ao outro, jogando seu charme para as meninas. Um pouco antes do refrão as luzes se apagam e apenas Kim determina o ritmo, depois entra Chris e Aly.

Por fim, as luzes se acendem e iluminam John, que canta sobre uma mulher que vai se arrepender de tê-lo traído. Durante o refrão ele realmente enlouquece, é contagiante e estou batendo meu pé ao ritmo da bateria. Acompanhando a letra, fecho meus olhos me imaginando lá gritando junto com os outros milhares de garotas sobre a raiva de um amor perdido.

A música termina e eu me lembro que não estou sozinha em meu quarto como a fã tiete que finjo não ser.



# CAPÍTULO 2

Olho para o lado e John está sentado confortavelmente no sofá, com a cabeça apoiada na mão me olhando como se eu fosse o programa mais divertido que ele já viu na vida. Acho que me empolguei.

– Está olhando o quê? Curtindo o show?

– Não tanto quanto você, aparentemente. – ele sorri.

Cruzo meus braços de forma defensiva.

– Gosto do Jack Rock, me processe.

Seu sorriso aumenta.

– Fico feliz em saber que você gosta de *algo* que eu faça.

Ah, querido! Se você soubesse de outras coisas que você faz que eu gosto...

– Ora, John, este é o seu problema comigo? Procurando por elogios? – digo com desdém.

Fico de joelhos no sofá, me aproximo dele e grito imitando uma *groupie*:

– Joouoooohnnnnnn!! Aaaaaaaaah, eu vou chorar!! É você mesmo!! Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus! Tira uma *selfie* comigo, por favor?? Minhas amigas não vão acreditar!

Gargalhando, ele tira o celular do bolso e me puxa para perto, tirando uma *selfie* nossa.

– Pronto, pedido realizado! Agora pode voltar a falar normal, quase fico surdo, mulher!

Sento-me novamente no sofá.

– Ei, a fã deveria ficar com a foto! E eu não falo tão alto assim...

Ele dá de ombros.

– Realmente não, mas tem uma voz poderosa e não errou uma nota. Nunca pensou em cantar?

Ah, não, ele também não. Chris já tentou me convencer, mas cantar na frente de uma multidão não é para mim.

– O chuveiro é o máximo de audiência que vou ter, e pode tirar esta cara safada que a resposta é não!

Ele morde o lábio inferior, seus olhos brilham com promessas ocultas.

– Tem certeza? Posso esfregar suas costas enquanto faço você atingir notas mais altas.

Tentador. Decido ignorar sua provocação, talvez ele desista se não for encorajado.

Chris e John aproximam suas guitarras no show, tocando juntos. A plateia vai à loucura e eu tento desviar sua atenção:

– Onde você aprendeu a tocar assim?

John me responde com um olhar triste, saudoso:

– Eu aprendi a tocar o básico quando pequeno com minha mãe, ela amava música. Depois Chris me ensinou muito e me deu dicas, mas tocar assim só depois do Jack Rock, quando Bob contratou um professor de guitarra para mim.

Fazia sentido o que ele disse: no segundo álbum ele tocava muito mais do que no primeiro. Antes era mais um acompanhamento...

– John, o Chris te deu dicas? Ele também me dava, a gente fazia as aulas juntos. Sei tocar, mas nunca tive o talento natural dele.

Ele sorri. John se sente à vontade falando sobre Chris. Acredito que são bons amigos de verdade, apesar de um implicar com o outro de vez em quando... Mas isso deve ser coisa normal de homens.

– Poucas pessoas têm um talento como o do Chris. Ele era muito paciente e ainda é até hoje, quando erro alguma nota.

Balanço minha cabeça concordando.

– Sei... E quando foi isso? Pensei que vocês não se conheciam antes do Bob montar a banda.

John congela. Depois tenta sorrir, mas o sorriso não atinge seus olhos.

– E foi isso mesmo, ele me ensinou antes do Jack Rock ser uma banda de sucesso, mas é claro que foi depois do Bob nos apresentar. Vou pegar algo para beber, você quer?

Ele se levanta e sai sem esperar minha resposta. É um péssimo mentiroso para um cara que

tem fama de *bad boy*. Tanto ele quanto Chris estão escondendo algo de mim... Porquê?

O resto da viagem passa sem muita conversa. John está perdido em pensamentos e eu me familiarizo com a papelada enquanto escuto o resto do show. Porém, a curiosidade me corrói: esse mistério deve estar, de alguma forma, ligado ao desaparecimento de Arthur. Eu só preciso descobrir como.

O hotel em que ficamos era de uma rede de hotelaria conhecida e era todo de vidro e mármore. No meu quarto caberia toda uma comitiva, e ao lado da cama de casal king-size havia um lindo buquê de rosas vermelhas que se destacava contra os tons claro do ambiente. Era lindo e tinha um perfume delicioso.

Estava sentindo o toque de seda de suas pétalas quando escuto uma voz rouca atrás de mim:

– Gostou do seu quarto?

Me viro alarmada para um sorridente John.

– De onde você surgiu? – pergunto desconfiada.

Ele aponta para uma porta atrás dele.

– Nos deram um quarto conjugado. Não foi ideia minha, mas geralmente fazem isto para facilitar na preparação de comitivas de imprensa. Não se preocupe, tenho a chave aqui, em oferta de paz para você.

Ele me mostra a chave e a coloca em uma mesinha ao lado da porta.

– Oferta de paz? Por que você sempre pensa que eu vou te acusar de alguma coisa? – digo com os meus braços cruzados.

Ele levanta uma sobrancelha.

– Você não iria?

Claro que não. *Provavelmente*.

– Eu não te acusei de nada! – respondo indignada.

Ele me dá um meio sorriso de escárnio.

– Porque eu não dei a chance. Agora se arrume que a gente tem que ir. Ainda estamos em trégua?

Sorrio para ele e aperto sua mão.

– Trégua!



Após um banho maravilhoso, decido vestir um tubinho preto com um cinto e sapatos de salto baixo. Laura vai ter que me perdoar, mas não usarei sapatilha hoje. Aplico uma maquiagem leve, prendo o cabelo preso em um coque baixo e pronto: estou profissional.

Estou tão empolgada com o dia de hoje que abro a porta conjugada de repente, em busca do meu chefe, e o encontro apenas de jeans, com os pés descalços e sem camisa.

Eu deveria aprender a bater à porta... *Ou não.*

Minha boca resseca e meu coração acelera. Suas calças estão penduradas em seu quadril, tão perigosamente baixas que o máximo de pensamento coerente que consigo ter é: “*ele está usando uma cueca?*”. Eu apostaria alto que a resposta é não. Ainda bem que ele está rindo distraído com o celular e não me vendo babar. *Controle-se Helena!*

John finalmente percebe que estou no quarto:

– Ei, Elle. Olha o vídeo que o Alysson mandou!

Me aproximo e vejo Kim e Chris bêbados cantando *I will survive* da Gloria Gaynor, usando perucas ridículas enquanto tentam fazer uma dança louca um ao lado do outro. Começo a rir, o vídeo é hilário, mas não estou entendendo nada.

– Por que eles estão dançando assim?

– Escute a música de fundo. Eles estão tentando jogar Just Dance no Kinect enquanto cantam, mas estão tão bêbados que mal podem ficar em pé! – John diz entre risos.

– Adorei, quero dançar um dia também! Faz tempo que isso aconteceu?

Começo a rir quando Chris cai de bunda no chão ao tentar um rodopio.

– Nada, isso foi gravado agora!

John está rindo das tentativas de Kim e Aly levantarem Chris, porém meu sorriso morreu. Eu o deixei chateado em casa algumas horas atrás e agora ele estava assim? Nunca o vi neste estado... Mas o que realmente conheço do Chris? Ele era um adolescente quando saiu de casa.

John percebe a minha mudança de humor e desliga o vídeo. Ele me segura pelos ombros e diz:

– Rock 'n roll, baby. Isto é normal no nosso mundo, não precisa ficar assim.

É, devo estar exagerando, eles são roqueiros. Eu esperava o quê, chás e biscoito? Então percebo que John ainda está me segurando contra a lateral de seu tórax nu. Sua pele é macia e quente, a tentação é grande e eu não sou nenhuma santa.

– Quer me largar? – digo empurrando-o – Se veste logo, que estamos atrasados!

Volto para o meu quarto em busca da minha bolsa e um pouco de sanidade mental.

*Controle-se, Elle, ou esta história de trégua não dará certo e a culpa será sua!*



# CAPÍTULO 3

Enfrentarei a diretoria, a equipe de marketing e a de relações públicas de três empresas parceiras. Se não fosse suficiente, ainda tentarei convencê-los a dar mais dinheiro do que planejam.

E se eu realmente não for boa nisto? E se eu estragar tudo e eles retirarem até a doação que já pretendiam fazer? Estamos no carro agora e fico retorcendo em minhas mãos um panfleto que peguei no hotel. É melhor eu ficar de enfeite e deixar John resolver tudo, posso apenas dar apoio moral.

– Elle, o que este pobre papel fez contra você? – John diz com a testa franzida.

– John, melhor você adiar o comercial e ir falar com os diretores primeiro. – digo em tom incisivo.

Ele apenas levanta uma sobrancelha para mim.

– Eu sei que você me acha um deus, mas não seria bom deixar toda uma equipe esperando. Qual o problema?

– Não acho que posso falar com toda esta gente sozinha. – baixo minha cabeça enquanto faço uma bola com o papel.

John apenas dá de ombros e diz com desdém:

– Eu acho que você faz isso brincando...

Eu arremesso a bola em sua cabeça.

– Estou falando sério, John!

– Eu também! Basta ser você – ele esfrega um ponto em sua testa – Talvez em uma versão mais controlada de você. Está doendo!

Ele faz bico e cara de choro.

– Deixa de ser um bebê, porque não doeu. Era uma bola de papel, não de sinuca. – falo com os braços cruzados.

Ele se inclina em minha direção. Mais um pouco estaria deitado em meu colo. Aproveitador.

– Acho que está ficando vermelho, você vai ter que beijar para sarar. Eu não posso gravar

nada com a testa assim e a culpa é sua!

Pego um punhado de seu cabelo quase pela raiz e aproximo sua cabeça dos meus olhos.

– Oh, meu Deus! Temos que levá-lo ao hospital urgentemente! Está sangrando, vai precisar de pontos, posso ver seu cérebro – grito em pânico fingido – Eu vou desmaiar, acho que rachei seu crânio!

Ele se solta, ajeitando-se no banco.

– Sabe, você não é tão engraçadinha quanto pensa. Ou boa atriz. – ele diz emburrado.

– Eu digo o mesmo sobre você! Mas obrigada por me fazer relaxar.

Ele me olha com um sorriso malicioso.

– Ah, Elle, sintá-se à vontade para me usar quando quiser relaxar... Ou não.

Desvio minha atenção para a janela. A paisagem é muito menos tentadora do que o homem ao meu lado.

Quando chegamos ao nosso destino, John decide me acompanhar à sala de reuniões na cobertura. Ele me apresenta como sua assistente pessoal, cumprimenta a todos e vai embora apenas quando percebe que estou mais à vontade.

Das dez pessoas presentes na reunião, apenas três eram mulheres e todos eram pelo menos trinta anos mais velhos que eu. Maravilha.

Eu podia não ter participado da criação do projeto, mas adolescentes que fugiram de casa e moravam na rua era algo que eu estava familiarizada desde meus 14 anos. Eu vivi preocupada com o Chris por meses e tinha pesadelos frequentes. Mesmo depois da fama, isso era algo que ainda me assombrava.

Então eu apenas visualizei todas as crianças perdidas como Chris e falei do fundo de minha alma, sensibilizando-os. Em um impulso ofereço dez convites de *meeting* com a banda para cada um dos executivos, além de acesso a uma festa pós show de inauguração do projeto. Tenho certeza que as filhas ou sobrinhas deles estavam loucas por isto. E pelas suas expressões de interesse eu estava certa: o acordo foi feito e era melhor do que o esperado.

Uma hora e meia depois vou ao encontro de John. Ele ainda estava ocupado com as gravações no térreo, então resolvo dar uma espiadinha. O andar inteiro estava fechado, mas entro



com o crachá que John havia conseguido para mim. O local era uma *megastore* que vendia livros, DVDs, games e CDs. No momento, o local estava um caos: algumas prateleiras foram afastadas para dar espaço a equipe, câmeras e holofotes. Havia também algumas crianças espalhadas ao redor dos holofotes, porém, fora do ângulo de filmagem.

No centro de tudo estava um John vestido como o *rockstar* que ele é, com guitarra na mão e cantando seu último hit de sucesso. Ele termina o refrão e olha para a câmera fazendo a propaganda da loja, depois se levanta e coloca o instrumento no chão. Para minha surpresa, começa a fazer um pequeno *strip* tirando a jaqueta de couro preta, só para mostrar a camiseta com a logo do projeto, que são instrumentos musicais formando uma casa, cercado pelo nome do projeto.

– Comprando aqui você estará contribuindo com nosso projeto “Clave de Sol”, que ajudará a retirar crianças de rua, dando a elas a oportunidade de um futuro melhor através da música – John se ajoelha e os garotos correm em sua direção, abraçando-o. Então todos olham para a câmera e falam em uníssono:

– *Junte-se a nós, colabore você também!*

Quando a gravação termina todos pulam em cima dele, John perde o equilíbrio e cai de bunda no chão. Ele não se irrita com os pequenos, puxa-os e brinca com eles também. A cena é tão bonita que eu me pego sorrindo para as brincadeiras dele.

Uma mulher chama as crianças e John fica sozinho jogado no chão. Apoiado pelos cotovelos, seu olhar se tranca no meu e eu sorrio para ele.

– Se divertindo aí?

O sorriso dele aumenta.

– Você podia me dar uma mãozinha para levantar.

– Claro que posso, deixa eu ir ali chamar um guindaste primeiro...

Ele se levanta e para na minha frente.

– Está me chamando de gordo? Você fere meu ego assim...

Eu pisco meus olhos docemente para ele.

– Não se preocupe, você tem ego de sobra. Agora me alimente, que estou faminta e tenho novidades!

John me leva para almoçar em um restaurante na cobertura do hotel, mas, mesmo sendo privado, ainda apareciam fãs pedindo autógrafos. Era realmente irritante como essas meninas achavam que só por que ele era famoso podiam ir agarrando e tirando foto. Que direito elas tinham? Bando de piranhas, algumas até passam a mão pelos braços e peito dele enquanto fingem se apoiar para a foto. Isso é um absurdo...

– Vai terminar criando rugas cedo – John sussurra em meu ouvido.

– O quê? – pergunto sem entender nada.

– Essa testa franzida que você está fazendo... vai terminar dando rugas. Vem, que nossa mesa está aguardando. – ele diz com um sorriso conhecedor no rosto.

Por que ele falou isso? Como se eu me importasse que essas piranhas vadias estivessem pulando em cima dele... Por mim podiam ir todas para o inferno, junto com ele! Mulherengo safado.

O garçom puxa uma cadeira para eu sentar e John se senta em frente a mim. Nossa mesa está perto das janelas de vidro e daqui podemos ver todo o centro da cidade. É tão alto que chego a sentir vertigem.

– Aqui é perto da minha casa, não é? – digo admirando a vista.

– Sim, acho que é cidade mais ampla que você tinha por perto... – ele fala em voz baixa.

Olho para John.

– Chris deve ter vindo para cá depois que fugiu de casa...

John desvia o olhar, e de repente o menu é uma leitura interessante.

– Provavelmente, aqui ele teria mais oportunidades. – as bebidas chegam e John desvia a conversa.

Chris sempre me ligava para dizer como estava, mas nunca era específico na parte do onde.



# CAPÍTULO 4

À tarde, John fez as fotografias da campanha. Era engraçado ver o fotógrafo mandando ele mudar de pose o tempo inteiro. A câmera podia amá-lo, mas a recíproca não era verdadeira. Durante o intervalo, ele já estava impaciente.

– Mais tarde iremos beber alguma coisa, já esgotei meu limite de paciência! – John diz, enxugando a testa com uma toalha.

Tinha que concordar com ele: podia parecer divertida, mas a sessão de fotos era extremamente cansativa. E eu estava só observando, imagino como era para ele! Os holofotes esquentavam, a maquiagem tinha que ser retocada o tempo inteiro e sempre tinha alguém gritando ordens... A vida de estrela não era tão glamorosa assim.

– Ah, claro, porque bebida é um ótimo combustível para pessoas que já estão no limite! – provoco-o – E você sabe que eu não posso entrar em nenhum bar, continuo com 17 anos.

Ele joga a toalha em uma mesa próxima e me lança um olhar superior.

– Você acha que isso seria um problema estando comigo?

Lá vem ele e seu grande ego de novo.

– Sim, se isso significar que corro o risco de ser expulsa de um bar na frente de todo mundo porque você se enganou! – sussurro tentando não chamar atenção.

Ele apenas levanta uma sobrancelha para mim.

– Acho que você vai ter que me dar pelo menos um voto de confiança, Helena.

Antes que eu possa responder, o fotógrafo chama-o de volta. Ele pisca para mim e volta a posar com um microfone na mão. Devo ver pelo lado bom. Se eu passar vergonha, poderei jogar isto na cara dele por dias.

Depois do que parece uma eternidade a sessão finalmente termina e voltamos para o hotel. Ainda faltam algumas horas para sairmos, então decido por um longo banho de banheira. Ah, a maravilha de estar submersa em água quente com espuma! Eu tenho mesmo que sair com John? Poderia ficar aqui o resto da noite.

Lembro-me do vídeo de Chris bêbado. Ele estava alterado no dia em que eu cheguei também. John disse que é normal para os músicos, mas me preocupo mesmo assim. Preciso ter uma conversa séria com ele.

Saio da banheira e começo a me arrumar. No meio da confusão com o Chris não prestei muita atenção ao que estava sendo colocado na bolsa. Ainda bem que encontro um jeans azul saruel, que cai em mim como uma luva, um lindo cropped branco e um maxi colar chumbo.

Não sei fazer penteado elaborado, então decido deixar meus cabelos soltos, ondulados e meio bagunçados. Tento imitar a maquiagem que fizeram em mim na festa. Mão fica igual, mas é próximo o suficiente. Para completar o conjunto, sandálias também na cor chumbo. Elas são lindas, foi Sam que me deu no meu último aniversário.

Sam... Estou com tantas saudades! Pego o iPhone e ligo para ela.

No terceiro toque Sam atende:

– Alô?

Imito uma voz mais grossa:

– Boa noite, gostaria de falar com a senhorita Samantha. Ela se encontra?

Sua voz sai desconfiada:

– Quem quer falar com ela?

– Aqui é da Segurança Nacional, gostaríamos de interrogá-la sobre a apropriação indevida de fardamento policial.

– Vai se lascar, Elle! – ela grita no telefone.

– Ei, como você sabia que era eu? – Pergunto indignada.

– Porque você não é tão boa na imitação quanto pensa! – ela fala rindo – Então resolveu lembrar de mim, não é? Como vão as coisas no mundo do rock?

– Bem, estou terminando de me arrumar para ir a um clube – digo enquanto passo perfume – com John.

Tenho que afastar o telefone do ouvido ou ficaria surda com o grito que Sam deu.

– Vocês estão tendo um caso? – ela pergunta ainda estridente.

– Não! Ele é meu chefe, esqueceu? – eu com certeza tenho que ficar me lembrando disso.

– Então por que você vai sair com ele para um clube? – esta é uma boa pergunta.

Abro a porta da varanda e observo as luzes da cidade.

– Porque ele pediu – *impôs*, na verdade– que eu fosse, mas isso não importa. O que eu quero saber é: em uma escala de zero a dez, quais as chances de você conseguir vir no meu aniversário?

Sam suspira ao telefone.

– Eu diria que menos dez. O Delegado tem estado mais rabugento do que nunca. Ou isso, ou sou eu que estou mais tempo em casa com você longe daqui.

– Me desculpe por isso! Mas seria ótimo se você pudesse vir, você poderia dormir comigo na minha nova casa e a gente iria farrear a noite toda!

Ela fala animada:

– Me levaria para os clubes também? Eu aposto que você daria um jeito de me fazer entrar em um!

– Claro, amor! – digo rindo – Curtiríamos a noite toda, soa bom o suficiente para você?

– Soa maravilhoso, principalmente se eu também puder agarrar o seu chefe!

Sam estava com os hormônios a mil e John era um mulherengo. Péssima combinação, *com certeza*.

– Deixe o bundão do meu chefe de fora disso! – faço piada enquanto me viro para entrar no quarto.

John está parado na porta da varanda com os braços cruzados e uma cara de poucos amigos.

– Mas Elle, eu aceito ele bundão ou não!

– Certo... depois eu ligo, ok? Beijos, te amo.

– Ele está aí, né? Aperta o bundão dele por mim! Te amo, beijos.

Desligo o telefone. John está bloqueando a passagem, então estou presa na varanda.

– Vamos? – pergunto simplesmente.

– Com quem você estava falando? – Sua voz é seca, como se estivesse tentando conter suas emoções.

Quanto ele ouviu? Não falei nada demais, além de tê-lo xingado no final.

Empino meu nariz:

– Estava falando com Não-te-interessa. Conhece?

– Não me *interessa*? Acho que é do meu interesse sim quando você chama uma pessoa para dormir na *minha* casa! – agora ele está nervoso e se aproxima – E ainda me xinga! Você deixou um namorado para trás, Helena?

Namorado? De onde ele tirou isto? Ah... entendi. *Homens*.

– *Sua* casa? Que eu me lembre, no contrato diz que a casa seria minha enquanto eu fosse sua funcionária. Então posso convidar quem *eu* quiser! – enfatizo as palavras – Agora saia do caminho, que eu não mandei você escutar minha ligação.

Isto é que dá ouvir apenas um lado de um telefonema.

– Esta conversa não acabou, Helena! – ele segura meu braço – Você tem ou não outra pessoa?

Olho com raiva do seu rosto para a sua mão. Antes eu poderia até facilitar e responder para ele, mas agora que ele me agarrou, não.

Falo séria para John:

– Eu acho melhor que esta conversa tenha acabado, *chefinho*.

Ele me solta e passa as mãos nos cabelos em sinal de frustração.

– Desculpe, eu me descontrolei por um momento.

– E isso é frequente? – pergunto preocupada.

Ele me dá um sorriso sem humor e balança a cabeça em negação.

– Não, só nos últimos dias.

Ok, talvez eu também seja responsável por trazer o pior dele para fora.

– Desculpa pelo xingamento – tento aliviar o clima – Mas bundão pode ser um elogio, dependendo do contexto...

Ele olha para mim como se não acreditasse no que acabei de falar.

– Ok, Helena. Você ainda quer sair? – ele pergunta meio derrotado.

Dou de ombros.

– Sim, acho que quem precisa de uma bebida agora sou eu.

Ele me analisa da cabeça aos pés, absorvendo completamente pela primeira vez meu visual.

– Eu duvido disso...





# CAPÍTULO 5

Eu pensei que John me levaria em alguma casa noturna grande e famosa, daquelas bem exclusivas, mas o carro parou em frente a um local discreto, com uma pequena fila na entrada.

John abre a porta e sai.

– Vamos, Elle! Vai dormir aí?

– Não vai usar algum esquema de segurança? Ou entrar pelos fundos? – pergunto confusa.

Ele sempre era paranoico com isso quando ia a lugares públicos!

John sorri.

– Aqui não.

Isto é novidade...

– Não vai tentar usar um disfarce? – questiono.

Ele me olha impaciente.

– Só se isto fizer você sair deste carro logo!

Saio do carro e ele me conduz diretamente para a entrada. O segurança é um homem alto e forte, sua careca é coberta por uma enorme tatuagem de caveira. Ele é assustador, mas abre um enorme sorriso para John.

– Quem é vivo sempre aparece, hein? – ele me analisa da cabeça aos pés – Quem é esta beleza que você trouxe, J?

John tenta falar bravo, mas termina batendo as mãos em um cumprimento de homem com o outro cara:

– Cai fora, John!

– Você também é John? – pergunto curiosa.

O John hipertrofiado fala com superioridade:

– O original, este aí não passa de imitação!

Acho sua brincadeira engraçada, mas percebo o meu John ficar tenso. Ops... O *meu John* não! O John *meu chefe*.

– Deixa de falar besteira, cara! Ele já está aqui? – meu chefe pergunta discretamente.

– Não, mas avisarei que você está. – o bombado assume novamente um semblante sério.

Quem será “ele”?

– Ok, até mais. – John me leva para longe do amigo.

O interior do clube era dividido em três áreas: do lado direito tinha o bar com diversas bebidas coloridas, à esquerda havia várias mesas em um estilo pub e no centro estava a pista de dança com um pequeno palco e luz negra, como em qualquer outra casa noturna.

Nos sentamos em uma das mesas mais no fundo e John pede diversos aperitivos.

– Você vai querer beber alguma coisa? Não tem papai Chris aqui para te impedir. – ele levanta uma sobrancelha em desafio para mim.

Deixe-me pensar...Eu sozinha em uma cidade estranha com John, álcool e rock 'n roll. Ele ainda acha que eu sou dessas.

– Não, obrigada! Acho que perto de você é melhor estar em alerta total. – digo brincando. *Mais ou menos.*

O canto de sua boca levanta e ele morde o lábio inferior como se quisesse aprisionar seu sorriso. E é por isto que eu não pretendia beber, *John já era droga suficiente.*

– Sabe, Elle, seu problema é que você precisa aprender a relaxar. Esse negócio de “sempre alerta” está te deixando muito tensa.

Começo a rir. Toda a fonte da minha tensão é ele, nunca fico assim perto das outras pessoas.

Nossa comida chega e ele pede uma cerveja e uma Coca-Cola para o garçom. Pego uma batata frita e mordo um pedaço, apontando o restante para ele.

– Eu posso baixar a guarda... Se você prometer manter a trégua. – digo cautelosa.

– Ok – John pega um punhado de batatas e joga na boca – Me diga como foi a reunião, então.

O garçom reaparece com o restante do nosso pedido e eu assumo um ar superior. É hora de esfregar minha vitória na cara presunçosa do meu chefe.

– Foi bom... – digo mexendo com o canudo do refrigerante – Ótimo, na verdade. Considerando que eu consegui o dobro do esperado!

John que estava no meio do processo de levar o gargalo de cerveja à boca, para em choque. Sua expressão é cômica, os lábios formando um “O” perfeito.

– Tente não parecer tão surpreso, John! Eu posso ser persuasiva... – digo tomando minha coca.

O sorriso dele é malicioso.

– Ah, eu não tenho dúvidas disso... Mas como você conseguiu?

– Simples, eu ofereci 10 convites de um *meeting* com a banda para cada um da reunião! – minha ideia foi genial, como ninguém pensou nisso antes?

John engasga e bate no próprio peito com o punho.

– Você simplesmente deu 100 entradas de *meeting*? – ele pergunta incrédulo.

Eu nunca fui boa em matemática, mas deveria ter parado um segundo para multiplicar 10 vezes 10 antes de fazer a oferta! Na empolgação do momento, esqueci que seriam cem garotas histéricas em cima deles.

– Bem, sim... Na hora pareceu ser um bom plano, já que vocês não gastam nada para fazer um *meeting*! É só chegar lá e deixar as meninas te abraçarem, beijarem no rosto e tirarem uma foto! Nada demais... – agora estou incerta.

*Merda.*

John começa a rir.

– Então tudo bem as mulheres se esfregando em mim, se for pelo bem maior. Não é, Helena?

Ai, meu Deus...

–Não é isso! Era só algo barato para oferecer em troca... – tento amenizar.

Eles não gastam nada para ficar em pé e sorrir!

– Que vergonha! Agora você me chama de barato? – John coloca a mão no peito e faz cara de chateado – Assim fere meus sentimentos, Elle.

– Ah, cala a boca! Que eu saiba, você não tem sentimentos... – falo emburrada, sem pensar direito no que estou dizendo.

John me olha com intensidade.

– Todos os músicos têm sentimentos, Helena. Nós expomos nossa alma em cada canção.

Ele toma outro gole da cerveja antes de continuar a falar:

– E para sua informação, cada *meeting* desses custa de dois a três mil. Você ofereceu quase 300 mil em convites.

*Putá merda!* Eu não tinha noção do valor. Não é à toa que eles aceitaram a proposta tão facilmente. Como fui estúpida!

– Me desculpa, John – falo arrependida – Da próxima vez juro que combino com você...

Estou triste, minha grande conquista profissional foi uma enorme mancada. Eu não deveria ter agido por impulso. Consequências, Ele... Tenho que aprender que tudo na vida tem consequências.

– Esqueça isso, realmente é apenas um incômodo. Mas já que você me tornou um homem prostituto pela caridade, poderia pelo menos dançar comigo? – John se levanta e estende a mão para mim.

Coloco minha mão na sua.

– Olhe pelo lado bom... Pelo menos este seu rostinho bonito vai servir para alguma coisa!

– Venha logo, espertinha. – John sorri com o canto da boca.

Antes de se afastar da mesa, John pega um prendedor do bolso e faz um coque estilo samurai, definindo mais seu rosto. Resgato outro prendedor da minha bolsa e faço o mesmo com meu próprio cabelo, estamos prontos para nos divertir.

É hora da festa.

# CAPÍTULO 6

Na pista de dança não havia banda ou DJ se apresentando, o sistema de som tocava pop e rock dos anos 80 e 90. O ambiente era escuro e os jogos de luzes permitiam que nós víssemos apenas o suficiente dos corpos balançando. Mesmo assim, eu não era capaz de perder um movimento de John.

Ele era hilário dançando, repetia alguns movimentos loucos que eu já o vi fazer nas gravações dos shows, eu só tentava acompanhar. Não sei se as pessoas ao redor não se importavam ou não o reconheciam na escuridão, acho que cada um estava perdido em seu mundo.

John realmente respeitou a trégua e pude relaxar, me deixar ir pela batida da música. Eu não precisava de álcool ou qualquer entorpecente para sentir como se meu corpo estivesse em outra dimensão. Para mim, bastava a vibração do som pulsando em minhas veias e a letra de um bom rock para me mandar às nuvens.

Isto é o magnetismo de John. Eu podia negar o quanto quisesse, mas ele despertava algo profundo em mim. *Primitivo*. Contudo, alguma coisa me impedia de seguir este instinto, eu só não sabia o quê.

Acho que John tinha razão! Eu me sentia como uma corda tensa ultimamente, sendo puxada para dois lados opostos. Espero não alcançar um ponto de ruptura.

– Terra para Elle! Você realmente viaja na música, hein? – John estala os dedos na frente do meu rosto.

Dou de ombros e levanto minhas mãos acima da minha cabeça. Movo meu corpo ao ritmo da batida.

– Acontece às vezes...

Ele se aproxima de mim e coloca a mão em minha cintura.

– Você estava tão perdida... No que estava pensando?

De repente a voz de Mick Jagger começa a soar nos alto falantes cantando “*I can't get no satisfaction...*”. John me olha com a sobrancelha levantada e começa a rir.

– Olha só! Este parece ser meu novo lema. Por que será, Helena? – ele fala sugestivamente.

–Sério? Você me pareceu bem satisfeito na festa, tinha um harém ao seu redor. –digo com desdém.

John me encara com uma expressão satisfeita.

– Está com ciúmes, Elle?

Paro de dançar, coloco meus braços ao redor do pescoço dele e falo em seu ouvido:

– Dasquelas vadias? Não tenho ciúmes delas, John – ele abraça minha cintura, nos aproximando mais – Quer saber por quê?

– Por quê? –sua voz está rouca. Mil promessas em uma pergunta.

– Porque elas nunca vão te conhecer de verdade. Jamais saberão que você se importa com seus amigos e sua banda. Você faz um esforço grande para parecer desinteressado com tudo. Como se nada importasse, mas você quer mesmo ajudar aquelas crianças – olho em seu profundo azul. Seus olhos brilham com uma emoção desconhecida nas luzes intermitentes – E você é a pessoa mais metida que eu conheço! Porém, ainda guarda alguma insegurança sombria em sua alma.

John me olha sério, o momento leve passou com minha última observação. Acho que esqueci de falar sobre as suas alterações de humor.

– Eu não sou mártir ou herói, Helena. Não há camadas obscuras em mim para você desvendar – ele olha para um ponto por cima do meu ombro – Venha, tenho coisas a resolver.

John me guia para fora da pista de dança, em direção ao bar. A bartender é uma garota loira toda vestida em negro. Era linda e sensual, mas não vulgar. Deveria ganhar muita gorjeta.

– Elle, esta é Lya. – John me apresenta à mulher, enquanto aponta um banco para eu me sentar.

– Oi, Lya! Prazer em conhecê-la. – lembro de ser educada.

Seus olhos marrons parecem os de um gavião em cima mim. Será que percebeu que sou menor de idade? É agora que serei expulsa? Mas o John fortão da entrada se intromete logo.

– Ele chegou, J.

John balança a cabeça em concordância e se vira para Lya:

– Você pode ficar de olho nela por mim?

O quê? Eu não preciso de babá! John se vira rapidamente e aponta um dedo para mim.

– Você fica aqui, Helena. Eu volto já – ele me olha preocupado – Faça o que eu peço, por favor.

Já que ele pediu “educadamente”...

Vejo-o desaparecer em outro corredor com acesso restrito para os funcionários. Em que John estará metido? E ele ainda tem a cara de pau de falar que não esconde nada. *Sei*.

Estou com uma sensação estranha, como se estivessem olhando para mim. O que é um absurdo! Dentre todas as pessoas presentes no clube, John seria o único com motivos para ser observado. Estou ficando paranoica igual a ele! Não vi cliques de câmeras ou flash de *paparazzi*, está tudo na minha imaginação.

Um copo longo cheio de um líquido verde com gelo é colocado à minha frente.

– O que é isto? – pergunto desconfiada.

– Kryptonita, parece que você está precisando de uma dose. Por conta da casa.–Lya diz.

Já bebi antes com Sam, sem O Delegado saber. Minha tolerância ao álcool é razoável, mas nunca tomei nada verde e muito menos oferecida por um estranho. Porém, já que John a deixou como “babá”, deve ser de confiança, e um copo não fará mal. Será bom para relaxar um pouco.

Provo um gole. É forte e queima minha garganta, no fundo há um gosto de menta que deixa um leve frescor. O contraste arrepia minha pele.

– O que tem nisso? – pergunto tomando uma segunda vez. Agora queimou um pouco menos.

– Esse na verdade é uma kryptonita leve. Aí tem licor de menta, e como você tem cara de bebê, troquei a vodca por soda.

Ainda bem! Por que se fosse a receita original, eu provavelmente cairia mais rápido que o *superman*.

Lya conversa comigo enquanto atende os outros clientes. Ela parece legal. Tento tirar informações sobre o John ou quem seria o “*ele*” com quem ele foi falar, mas é inútil. Ela não libera nada.

– Este lugar está desocupado? – um homem alto de voz grossa me pergunta, apontando para o banco ao meu lado.

– Claro. – respondo sem dirigir um segundo olhar, esperando pelo retorno de Lya.



– Você vem muito por aqui? – ele insiste.

Que original. Me viro para encará-lo. Seus olhos e cabelos são escuros, ele é forte e me dá um sorriso agradável. Porém, algo nele me envia um alerta na espinha, como uma memória latente de um pesadelo.

–Não. – digo monossilábica.

– Qual seu nome? – ele não desiste.

– Kim. – minto.

Ele franze a testa. O movimento é mínimo, mas eu percebo. Me sinto incomodada. Será que estou exagerando? É o licor fazendo efeito? Mas eu ainda não tomei o meu primeiro copo inteiro... Poderia ser ansiedade em saber o que John está aprontando lá dentro. É... *deve ser isso!*

– Bonito nome...

De repente, um cara chega ao meu lado gritando com a Lya e exigindo uma bebida. Observo a confusão sem propósito do homem e acho um absurdo. A garota era uma bartender maravilhosa, estava atendendo todos com agilidade.

Volto minha atenção para meu copo, mexo um pouco com o canudo para derreter o resto do gelo e tomo o restante da bebida. O final está um pouco mais forte, o licor deve ter decantado.

– Então, Kim. Quer dançar?

Com quem ele está falando mesmo? Ah, sim. *Comigo.*

– Não, obrigada. – cara insistente!

Ele me mostra um sorriso que deveria ser vencedor, mas só me dá uma angústia.

– Eu insisto! Uma garota linda como você não pode estar sozinha.

Ele tenta segurar meu braço, mas outra mão o impede. John.

– E quem te disse que ela está sozinha? – seu tom é duro e a cara de poucos amigos.

*Oh, merda.*



# CAPÍTULO 7

O cara se levanta. Ele não supera John em altura, mas é muito maior em músculos. *Droga!* Não devemos chamar atenção ou isto irá parar nas redes sociais, e aqui não mais será o refúgio de John. Olho para Lya em busca de ajuda, porém ela já está acenando para alguém na porta.

Espero que seja para aquela montanha de músculos que também se chama John.

O segurança não chegará a tempo e só tenho um segundo para agir antes que eles partam para a briga. *Preciso fazer alguma coisa!* Olho para o meu copo, só sobraram algumas pedras de gelo... Terão que servir.

Pego-o e jogo o conteúdo na cara do homem, que desvia seu olhar de ódio para mim. John se põe na minha frente, protegendo-me.

– Saia daqui e vá para trás do bar com a Lya! – ele me ordena.

O cara me dá um olhar maligno.

– Não vá tão longe! Você será minha depois que eu acabar com esta bonequinha.

John parte para cima dele com o punho levantado, mas é interceptado por três seguranças do clube. Dois arrastam o brigão pela porta dos fundos e o amigo dele nos leva para uma sala reservada.

John se debate furioso. Minhas pernas estão bambas, parecem feitas de gelatina. Me forço a acompanhá-los.

– Porra! Por que você não me deixou bater nele? – John empurra o amigo com raiva – Você sabe que eu daria conta!

– Calma, J! Isso só traria encrenca. Primeiro viria a imprensa, depois o cara iria te processar para arrancar grana... E ninguém aqui quer polícia envolvida, não é? – John Fortão fala em tom apaziguador – Olha, se preocupe com sua garota, que vou limpar esta bagunça.

Ele sai e nos deixa sozinhos. John está encostado na parede e respira pesado. A minha adrenalina ainda está tão alta que me sinto tonta.

– Você está bem?

Não me aproximo dele. Não sei se ele já recuperou o controle ou se ainda está na *vibe* da briga.

Ele inspira e expira profundamente, tentando se acalmar:

– Sim, e você? Ele te machucou?

– Não, ele não tocou em mim. – mas me sinto estranha, meu corpo ainda treme de emoção.

John desencosta da parede e vem em minha direção.

– Vamos dançar um pouco mais antes de ir. – não sei se consigo, mas o sigo mesmo assim.

Do lado de fora tudo parece normal, como se nenhuma confusão tivesse acontecido. Ainda bem que apesar dos ânimos exaltados, nada havia sido destruído.

O único resquício estava na música. Ao invés de algo agitado, os alto falantes executavam uma antiga melodia sensual: *Glory Box*, da banda Portishead.

– Vamos para o hotel? – pergunto para John.

John me leva até a pista de dança e segura minha cintura, unindo-nos. Seu corpo ondula contra o meu, seguindo o ritmo. Minha cabeça está muito leve, o cheiro dele e sua proximidade, junto desta música, fazem minha mente divagar.

*“I'm so tired of playing*

*Playing with this bow and arrow*

*Gonna give my heart away...”*[\[1\]](#)

Jogo minha cabeça para trás, deixando-o me conduzir na dança. Ele se inclina e sua barba arranha meu pescoço. Abro meus olhos e ele está me observando atentamente. As luzes se intercalam iluminando seu rosto: claro e sombrio, assim como ele.

John passa a mão em meu rosto, deslizando até a base da minha garganta.

– Ah, Elle...

*“Give me a reason to love you*

*Give me a reason to be... A woman*

*I just wanna be a woman.*”[2]

– Você vai me beijar agora? – meus pensamentos ganham voz em um suspiro que não consegui conter.

Eu espero que John não me ouça, mas ele o faz. Sinto-o encostar levemente os lábios em meu pescoço.

– Por mais tentador que seja, eu não vou te beijar, Helena. Você começou com a trégua, agora vai ter que pedir para acabar com ela.

Enquanto fala isto, John continua a me torturar dançando ao som dessa música hipnótica. Minha mente nunca esteve tão nublada, as luzes parecem dançar ao meu redor e a voz da cantora penetra em minha alma. O meu corpo se encontra adormecido ao resto do mundo, mas hipersensível à presença de John. Sinto-me estranha, entorpecida.

Quando levanto meu rosto e finalmente encaro John, ele franze a testa para mim.

–Elle, você está bem?

Sua voz está distante e preocupada. Meu cérebro parece ter sido preenchido por algodão. Não consigo articular uma resposta coerente. John segura minha cabeça com as duas mãos, me forçando a encará-lo.

– *Porra!* Suas pupilas estão dilatadas!

Eu não consigo processar direito o que isto significa antes que o mundo inteiro vire um grande nada.

# CAPÍTULO 8

– O que porra você fez com ela, John? – escuto o que deveria ser um sussurro, mas parecia um martelar irritado em minha cabeça.

– Você acha que eu faria isso com alguém, Chris? – há um tom de mágoa na voz de John – Você ainda espera algo assim de mim?

Do que eles estão falando? O que Chris está fazendo aqui? Onde é aqui? Mantenho os olhos fechados, assim talvez consiga algumas respostas.

– Eu pensei que você já tivesse superado isso, cara! – Chris dá um suspiro audível – Eu não teria deixado Elle trabalhar, se eu não tivesse total confiança em você, porra!

Como se eu fizesse o que ele manda!

– Como se ela te obedecesse! – John diz com escárnio – Por você, Elle estaria dentro de uma redoma de vidro e bem longe de mim!

John fala a última parte quase gritando. *Ai, minha cabeça!* Eu devo ter feito algum movimento, pois de repente, os dois estão em cima de mim querendo saber como estou.

Bem, acho que não adianta mais fingir, então abro os olhos. Duas cabeças com idênticas expressões preocupadas estão inclinadas em cima de mim, uma loira e outra morena.

– Com vocês assim, não posso respirar direito. – minha voz sai sem forças, sinto um latejar por trás dos meus olhos – O que aconteceu? Onde estou?

Chris senta na beira da cama ao meu lado e fala com raiva contida:

– John deixou que drogassem você, Elle.

Drogas? Mas como e quando? Isso só pode ser um engano...

– Eu não deixei que a drogassem! A Lya estava de olho nela. – John se defende.

Eu não tenho forças para reclamar que não preciso de babá. Até porque, aparentemente, eu precisava sim.

– *Lya?* Ela tem que atender dezenas de pedidos e você sabe muito bem disso! Você deveria

ter levado ela junto.

Então Chris também conhece a Lya? Mas, espera aí...

– Querem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui? – minha dor de cabeça já era estresse suficiente.

Chris se levanta e me entrega dois comprimidos de analgésico e água. Bebo com prazer.

– Qual era o nome daquele homem que te agarrou? – John me pergunta.

Lembro do cara desagradável, desde o início algo nele me deixou tensa.

– Ele não me disse um nome – levanto minha mão para interrompê-los – E não me olhem de cara feia! Não fiquei de conversa e ele também não me ofereceu nenhuma bebida!

Será que Lya teria me drogado? Tento lembrar... Eu estava tomando a kriptonita quando ele chegou, mas já estava quase no fim...

– Já sei! Houve uma confusão no bar, um outro homem ao meu lado quis arrumar briga com Lya para ser atendido logo. Eu fiquei prestando atenção à briga e quando tomei o último gole, achei a minha bebida mais forte – merda! – Eu pensava que o licor tinha decantado...

Chris me abraça e John cruza os braços frustrado.

– O que ele queria comigo? – pergunto assustada com as possibilidades.

Chris me aperta mais contra seu peito, John esmurra a parede e eu deixo as lágrimas que estava prendendo rolares. Ninguém precisa me responder, eu posso imaginar as intenções nada agradáveis daquele homem horroroso.

O telefone de John toca e ele retorna ao bar em busca de mais informações. Decido tomar um banho e colocar roupas confortáveis para me livrar desta noite terrível. Quando retorno para o quarto Chris está sentado na cama com uma bandeja na mão.

– O que é isso?

Ele me dá seu lindo sorriso tímido.

– Cookies caseiros e leite.

Jogo-me na cama, ficando de bruços ao lado dele e pego feliz um dos cheirosos biscoitos:

– Não sabia que o hotel entregava desses.

A comida alivia meu estômago e o sabor doce retira os resquícios do amargo que mesmo o creme dental não conseguiu remover. O Chris acertou no que pedir para mim.

– Eles não entregam, eu mandei buscar fora enquanto você dormia. Sua mãe sempre fazia cookies quando a gente estava doente, eu sabia que eles te fariam se sentir melhor.

Agora o sabor não era tão doce assim... Nunca mais terei os biscoitos caseiros da minha mãe. Gostaria que ela estivesse aqui agora comigo.

– Obrigada, Chris. Você sempre pensa em tudo...

Tento engolir a massa, que agora está pastosa.

– Como chegou aqui tão rápido?

Tomo um gole do leite e apoio a minha cabeça no travesseiro. Ainda me sinto um pouco tonta.

– Eu não cheguei rápido, você que esteve desacordada por mais de quatro horas. – Chris descarta a bandeja e se deita ao meu lado. Já deve estar quase amanhecendo, não sabia que era tão tarde.

– E por que eu estou no hotel e não em um hospital? – me sinto apenas um pouco tonta, mas acho que eles deveriam ter se preocupado com minha saúde.

Chris faz carinho em minha cabeça enquanto fala:

– Lya é treinada em primeiros socorros, ela cuidou de você enquanto John chamava um médico particular.

– Uma ambulância não teria sido mais eficiente? – franzo a testa – E o boletim de ocorrência? Nenhum policial vai me questionar ou fazer algum exame? Vocês sabem que droga me deram?

Chris se levanta agitado, passa uma das mãos nos cabelos e anda de um lado ao outro do quarto.

– Ele, deixa a gente resolver isso do nosso jeito, certo? O que aquele cara te deu foi um sedativo, o médico já te examinou. Você ficará bem, eu nunca colocaria sua saúde em risco – ele me olha quase com desespero – Mas não vamos envolver a polícia.

Um filho de um delegado que não quer envolver a polícia? Sei...



– Você me contaria se estivesse envolvido em algo ilegal?

Chris me olha surpreso.

– Você realmente precisa pergunta isso?

– Não sei – falo nervosa – Me diga você!

– É claro que não, Elle! Pensei que você me conhecesse melhor do que isto. – Chris parece chateado.

– Eu conheço! Mas não sei no que você pode ter se metido enquanto morava nas ruas – falo baixo para tentar acalmá-lo – Você acha que me enganava quando dizia que estava tudo bem?

Ele apenas dá de ombros e eu seguro seus braços, forçando-o a olhar para mim.

– Eu sei o quanto foi difícil para você viver sozinho e com medo – respiro fundo, tentando segurar a emoção – Eu também me sentia sozinha e tinha medo por você. Onde estava e com quem andava.

Beijo sua testa.

– Eu não te julgaria se tivesse feito algo errado.

Ele me dá um olhar triste, cansado.

– Eu sei, mas eu já disse que não tem com que se preocupar.

Sinto que ele fala a verdade. Chris nunca foi bom em esconder nada de mim antes.

– Acredito em você, mas e o John? No que ele está metido? – preciso saber no que *eu* me meti.

Chris suspira alto antes de falar:

– John não deve nada à polícia.

– Mas já deveu? – tenho certeza que Chris está escondendo algo.

Ele balança a cabeça para os lados em negação, mas desvia o olhar antes de responder.

– Não. As pessoas que você conheceu no clube também estão limpas... Bem, exceto o cara que te drogou – ele me olha preocupado – Não posso nem começar a imaginar o poderia ter acontecido com você.

O abraço em busca de conforto.

– Eu também. Mas não vamos pensar nisso, John estava lá para me proteger.

Ele me aperta mais e beija minha cabeça.

– Sim, acho que devo uma a ele.

Tento impedir, mas solto um grande bocejo. Minha mente está inquieta, mas meu corpo ainda se sente cansado. Resolvo escovar os dentes e me ajeitar para dormir.

– Você vai dormir aonde?

Ele olha para a cama e para mim, e depois dá de ombros

– Posso dormir na poltrona da varanda, só preciso de um cobertor e um lençol...

Como se eu fosse deixar isso acontecer! Não seria a primeira vez que nós dividiríamos uma cama.

– Pelo amor de Deus, Chris! Deixa de fazer drama e vai se ajeitar para dormir comigo.

Ele sorri e se tranca no banheiro.

Deito-me na cama e enrolo o edredom como se fosse um casulo. Com quantas mulheres aquele homem usou esse truque tão baixo? Quantas não tiveram a mesma sorte que eu?

Eu acredito que Chris tenha me falado a verdade. Ele e John não devem ter problema com a polícia. Se tivessem, já teria saído em algum tabloide, *não é?* Mas ainda tem alguma coisa errada...

– Já dormiu? – Me assusto com Chris.

Estava tão distraída em meus pensamentos que não o vi sair do banheiro. Ele sobe na cama ao meu lado.

– Você vai ficar parecendo uma lagarta enrolada ou vai me dar um pouco do cobertor?

Viro o rosto para vê-lo. Está apenas de bermuda e com os cabelos úmidos do banho. Chris estica o corpo, ficando confortável para dormir, e dobra os braços por trás da cabeça.

Comparo-o com o garoto de minha infância. Hoje Chris conseguia ser mais bonito do que antes e a fama só aumentou seu carisma natural.

Ele me dá seu sorriso torto:

– Venha cá, Elle – ele me puxa e coloco minha cabeça em seu peito – Eu vou cantar para você dormir, que tal?

Me aninho em seu colo e quando vou dar um beijo de boa noite, percebo uma mancha em seu pescoço.

– O que é isso, Chris?

Ele pega uma mecha do cabelo e tenta cobrir a marca.

– Nada, Elle, vá dormir!

Afasto o cabelo novamente e observo de perto. É exatamente o que eu pensei que fosse.

– Chris, não acredito que você está com um chupão! – aponto rindo – Quantos anos você tem? Quatorze?

–Não enche, Elle!

–Qual era o nome dela? – pergunto curiosa.

– Não sei... – Chris responde evasivo.

– Você usou proteção? – a minha preocupação era genuína.

O grito de Chris ecoa no quarto:

– Helena!

– Não venha com *Helena* para cima de mim! Eu pergunto isso desde aquele susto com a Ana!

– Eu tinha quinze anos – Chris me olha irritado – Aquilo não conta.

– Está bem, hormônios em fúria, vamos dormir!

Me encosto em seu peito e puxo o edredom para nos cobrir. Chris faz carinho em minha cabeça:

–Eu era uma criança...

– Que quase fez outra criança – beijo sua bochecha – Então apenas tenha cuidado, ok?

– Ok! Vai querer ou não que eu cante para você?

– Sim, por favor. – nunca rejeitaria uma boa música.

Chris canta baixinho canções antigas, como fazia quando eu era pequena e estava doente.

– Obrigada, Chris.

– É para isso que os amigos servem, não é? – ele beija o topo da minha cabeça – Tenha bons sonhos, Elle. Eu nunca deixaria nada de mau te acontecer.

Adormeci rapidamente. Eu estava segura com Chris. Ele era minha rocha e meu guia.

Meu protetor.



# CAPÍTULO 9

*A estrada está escura e eu não posso ver nada. O motor do carro é o único barulho que escuto. Mamãe? Papai?*

*O que está acontecendo?*

*De repente, mãos vindas de lugar nenhum me seguram. Sinto cordas sendo amarradas em meus pulsos e pés. Não posso me mover. Tento gritar, mas não há som em minha garganta.*

*A fumaça invade minhas narinas, não vejo o fogo. Apenas a sinto penetrar em minha alma. Sufocando.*

*Não há ar para respirar. Eu vou morrer.*

*“No one knows what it's like*

*To be the bad man.”*[\[3\]](#)

*Uma música invade a escuridão. Não estou sozinha?*

*“To be the sad man*

*Behind blue eyes.”*[\[4\]](#)

*John? Preciso encontrá-lo. Sigo sua voz. Alguém para me tirar desta noite sem fim...*

Abro os olhos e ainda estou deitada com Chris. Ele está dormindo profundamente e todo encolhido, provavelmente de frio. Meu lado da cama está todo desarrumado e o edredom no chão.

Enrolo seu corpo com cuidado, quando percebo a música vinda do quarto ao lado. Não foi meu inconsciente que me acordou, a voz de John realmente invadiu meu pesadelo e me resgatou das trevas.

Sigo a canção e reconheço a densa letra de *Behind blue eyes*, do The Who. John está na varanda, sentado em uma espreguiçadeira com o violão na mão. Ele olha para o nada e parece triste. Perdido.

Ele me salvou ontem no bar e, mesmo que não saiba, espantou meu pesadelo agora.

O céu está começando a mudar de cor, ficando alaranjado. A que horas John voltou? Ele dormiu?

– Vai ficar quanto tempo aí parada? – John fala após cantar a última estrofe.

Me aproximo e sento na cadeira ao seu lado.

– Você não deixa escapar nada?

John coloca o violão no chão e se vira para mim.

– Ao contrário, parece que tudo sempre termina fugindo.

– Incluindo eu?

Ele estende a mão em minha direção. Acho que sua intenção é tocar em meu rosto, mas desiste e baixa o braço.

– No momento, especialmente você.

Ele me dá um meio sorriso triste.

Não sei o que dizer. John está tão abatido, nunca o vi assim. *Derrotado*.

– Você dormiu, John?

– Não – ele me olha cansado – Eu voltei para o clube. Analisamos a filmagem, mas não encontramos nada que os identificassem. Eles entraram e saíram a pé.

– Podemos entregar a filmagem para a polícia e eles iriam identificar o sujeito! –digo agitada.

– Não adianta, Elle. Eles evitaram as câmeras, só passaram por uma na entrada e outra no bar. E mesmo estas não pegaram seu rosto. Não temos uma foto precisa deles.

– Como isso é possível? – pergunto assustada. Não parecem amadores para mim.

– Eles deviam conhecer o interior do clube... Não sei.

Terá sido uma coincidência? Tem algo estranho nisso...

– Por que você está falando no plural? Quem mais estava envolvido?

John exala forte antes de falar:

– O cara que fez a confusão com a Lya, eles chegaram juntos.

Meu Deus! O homem armou um barraco só para me distrair e colocarem a droga no meu copo. *Pior que funcionou.*

Um arrepio me percorre, gelando meus ossos.

É muito cedo para este tipo de notícia, ainda não amanheceu direito. Escondo meu rosto em minhas mãos. John senta na mesma espreguiçadeira que eu e me abraça.

Ficamos assim calados por um tempo, ele apoiado no encosto e eu aninhada a ele. Quebro o silêncio:

– Obrigada por me salvar.

John passeia sua mão por minhas costas, acompanhando a linha da minha coluna. Cada toque seu me aquece e afasta um pouco o medo.

– Eles nunca teriam te tirado de lá. – John fala com segurança.

– Como você pode ter certeza?

– Por que eu não teria permitido. – ele diz sério.

– E por que você se importa? – pergunto confusa. Ele me conhece a poucos dias e só me beijou duas vezes. E eu ainda chutei o seu saco.

John me vira um pouco, fazendo com que eu o encare.

– Não sei, Helena. Escuto Chris falar sobre você há tanto tempo... É como se eu já te conhecesse – ele passa uma mão em meu rosto – Mas eu não acreditava que era real. Achava que Chris estava exagerando...

Não sei se é a noite mal dormida ou tudo que aconteceu ontem, mas deixo que ele continue a tocar em mim. E John está sendo sincero, estamos finalmente tendo uma conversa sem brigas.

– E no que você acredita agora?

– Acredito que você é diferente das outras garotas, não aceita tudo que eu falo e tem opinião própria. Você me desafia, não é algo que eu tenha encontrado ultimamente.



Ele quer um desafio? No momento, eu precisava de uma distração.

Bem, a falta de sono parecia soltar a língua dele. Eu poderia tirar vantagem disso.

– Eu não passo de um desafio? – me viro e monto em seu colo, mas sem encostar nossos quadris.

Pego um punhado de seus cabelos. Levanto sua cabeça como ele fez tantas vezes comigo:

– Quer dizer que se eu te agarrar aqui e agora, então acabou o encanto e você para de me encher?

Seus olhos brilham com o fogo.

– Helena... Você já está implorando para o fim da trégua?

Eu dou o meu sorriso mais sacana.

– Ah, John! Não sou eu que vou estar implorando...

Inclino sua cabeça para trás e beijo seu pescoço, perto da orelha. Seu cheiro me invade e eu exploro seu torso com minha outra mão. John agarra minha cintura, deixando marcas em minha pele. Eu mordo a borda de sua mandíbula.

– Nada de mãos, você fica parado ou *eu* vou parar. Entendeu?

O canto de sua boca se levanta com escárnio:

– Você que manda, *chefinha*.

Ótimo, hora de fazê-lo abrir o bico. E tirar proveito enquanto faço isso...

Continuo a beijá-lo pelo rosto e pescoço, evitando de propósito sua boca... Abaixo meu quadril em seu colo e movo devagar, para provocar. No momento, ele era só meu para brincar.

Meu pijama fino contra o zíper de seu jeans potencializa a fricção que cresce cada vez mais. Preciso de toda minha força de vontade para não me perder na sensação.

– Me diga, John... – aumento a pressão entre nós e sua respiração acelera – Tem alguma coisa que você ainda está escondendo de mim sobre ontem à noite?

John não responde. Ele beija, morde e arranha com sua barba toda pele exposta que sua boca alcança. E está ficando *muito* animado, arranho sua orelha com meus dentes.

– Diz logo, John... – sussurro entre beijos e carícias. É melhor ele falar rápido, antes que eu esqueça meu propósito inicial.

– O quê? – Ele me olha confuso – Que loucura é essa agora, Helena? Eu falei tudo sobre ontem!

Eu teria acreditado nele, se John não tivesse desviado o olhar. Seguro seus cabelos com força e prendo ainda mais minhas pernas em cada lado de seu quadril. Me elevo sobre ele. John tem que entender que agora ele está à minha mercê.

Obrigo-o a me encarar.

– Tem alguma coisa te incomodando sobre ontem ou você não estaria aqui durante o amanhecer cantando aquela música –exijo – Fala, John, o que é?

Sua boca se fecha em linha reta. Raiva e algo mais profundo substitui a luxúria. Ele deve ter descoberto algo sério no clube para ter essa expressão de fúria.

– Eu não gostei de te ver na cama com o Chris! – ele esbraveja.

*O quê?* Não era esta a resposta que eu estava esperando.

– O que você acha que eu senti quando te vi dormindo feliz abraçada com ele? – John se levanta e anda pela varanda de um lado para o outro – Diz, Helena! O que você acha?

John, que se agarrou com outras garotas na minha frente, está com ciúmes *de mim*? Ele devia estar de brincadeira comigo!

– Não aconteceu nada! – digo em minha defesa.

– Nada? *Nada?! Eu já dividi mulheres com Chris, sim, mas nenhuma delas me importava! Eram descartáveis – Ok, eu podia ficar sem essa informação* – mas você é diferente. Quer saber o que eu estava fazendo aqui? O que tirou meu sono?

Me levanto para enfrentá-lo de igual para igual:

– Quero!

– Eu pensava em você, se eu estava destruindo as chances de Chris ter um amor verdadeiro – ele fala decidido – E sabe a conclusão que cheguei?

Balanço minha cabeça para os lados. Esta conversa não está indo do jeito que eu planejei.

John continua:

– Eu descobri que vocês se amam demais e esse amor vai durar para sempre. É puro.

– O que você quer dizer com isto?

– Eu quero dizer que o amor de vocês é *puro* demais. Você não está atraída por ele, passaram tanto tempo juntos que são como irmãos – ele me encara como se pudesse enxergar dentro de mim – Estou enganado, Helena?

Chris era um pedaço de mim, da minha alma. Nossa amizade sempre existiu e era sólida. Mas a meu ver, já era o máximo que podia ser: uma amizade. Eu não poderia me permitir ter outros sentimentos por ele, *não é?*

– Estou enganado, Helena? – John segura meus braços e me apoia contra a parede – Você ama o Chris?

– Sim – respondo sem hesitação.

# CAPÍTULO 10

– Você se sente atraída por ele? – balanço minha cabeça em negação e John me pressiona mais contra a parede – Chris conhece o sabor da sua boca?

Levanto meu queixo em desafio. John pode estar certo, mas eu nunca ficaria de cabeça baixa:

– Não, só você conhece.

Seu sorriso é satisfeito. Era a resposta que ele queria.

– Por que, Helena?

Agora era a minha vez de mostrar um sorriso vitorioso:

– Porque *eu* quis assim.

Ele me agarra pela cintura e pelos meus cabelos.

– Um dia, Helena... um dia vou te fazer minha de corpo e alma.

Enrolo minhas pernas ao redor do seu quadril e o aproximo mais.

– Você é ótimo em fazer as mulheres te desejarem, John. Mas precisa aprender a conquistar o coração delas.

– Não preciso *conquistar* o coração de mais ninguém – ele diz enquanto inala perto do meu pescoço – Só o seu.

– Tem certeza? – falo com a respiração já acelerada – Tinham tantas garotas ao seu redor naquela festa...

– Pelo amor de Deus, Helena! Cala a boca e me beija logo, porra!

Sorrio maliciosa para ele.

– Pensei que você não iria implorar nunca, John.

Eu não sei quem avança primeiro, mas nossas bocas colidem com fervor. Me penduro mais

em seu pescoço e John segura minhas coxas, prendendo-me entre ele e a parede.

Puxo sua camisa sobre a cabeça e finalmente posso explorar seu peito como desejei desde o dia que assinei o contrato. Passo a mão em suas poucas tatuagens e mordo uma de nota musical abaixo da clavícula. Ele aumenta a pressão em meu quadril, duro contra macio, em um atrito enlouquecedor.

Beijar John era como ter uma corrente elétrica percorrendo meu corpo. Uma chama que me consumia, despertando todas as minhas terminações nervosas. A cada toque, cada gemido eu ficava mais consciente dele. *Presa em seu feitiço.*

John retira minha blusa e a joga no chão. Fico só com o short do pijama e um sutiã branco. Ele se afasta um pouco para me observar. Me sinto ao mesmo tempo exposta e presa ao seu olhar.

Ele coloca a mão na minha garganta e a acaricia. Depois a desce pelo meu colo, arrepiando minha pele até a borda sutiã. Seu primeiro toque é por cima da peça íntima, devagar. Testando meus limites.

Minha respiração acelera e John se torna mais exigente. Ele me aperta e fecho os olhos diante da sensação. De repente, sinto o vento frio tocando mais da minha pele exposta. Ele abaixa o bojo do sutiã e eu estava vulnerável à sua exploração.

John me admira antes de falar com voz sedutora:

– Você é linda, Helena.

E então ele ataca. Suas mãos me apertam, enquanto boca, língua e dentes trabalham sem descanso. E ainda havia a barba que arranhava nos pontos mais sensíveis. A boca de John em uma parte tão íntima era a visão mais erótica da minha vida.

Me sinto dominada pelo desejo que me consome. Estico meu pescoço para trás e apoio a cabeça na parede, me expondo mais para ele. Sinto o prazer se acumulando no meu corpo, um calor em ebulição.

– John... – suplico pela libertação dessa doce tortura – Por favor...

Sua boca continua a me enlouquecer. Seus dedos, porém, agora se enterram abaixo da minha cintura, me puxando para mais perto. John aumenta o ritmo do seu o ataque duplo. *Sem trégua.* É excitante e demais para mim.

Ele me morde de leve e eu gemo de prazer.

– Pensei que *você* nunca iria implorar, Helena.

Eu não me importo com o que John está falando, desde que ele não pare o que está fazendo. E ele não para, aumenta mais o ritmo. Não há mais raciocínio, dúvidas ou respostas. Apenas John e Ele, aqui e agora. E o descontrole que me invade.

Prendo minhas pernas ainda mais ao redor de John e agarro seus cabelos. Adiciono o meu ritmo ao dele. Ele beija minha boca e nos agarramos um ao outro como se nossa vida dependesse disso.

Ambos somos combustível para essa paixão que nos consome. O ritmo punitivo é intenso e eu não posso mais segurar, até explodir em um caos delirante de prazer.

John me beija mais forte, cobrindo meu grito com sua boca e eu não o deixo diminuir o ritmo. Não até ter o que quero...

Continuamos neste duelo de línguas, dentes e mãos, até que John também sucumbe. Ele abre sua boca em um grito silencioso. Seus cabelos estão molhados de suor e o sol nascente ilumina seu rosto. Lindo. E entregue a mim, assim como me entreguei à ele.

Ele me solta e fico em pé. Minhas pernas tremem e John me dá um sorriso convencido.

– Você fica linda quando goza – *que romântico!* – Quer saber o porquê?

Eu estou toda assanhada, sem blusa e parada na varanda. E ele quer me contar mais teorias?

– Por quê? – cruzo meus braços para esconder a nudez.

Ele segura meus antebraços e os puxa para baixo, mostrando-me de novo. John coloca uma mão em cada lado do meu rosto e me beija. Porém, pela primeira vez seu beijo é doce, sem pressa.

Este beijo não era para devorar. Ele estava me venerando com sua boca.

– Porque, Helena, é quando você se entrega para mim. É quando eu sinto que você pode ser *minha*.

Solto um suspiro. Agora ele foi romântico... Ou seria machista?

– Ora, John! Quem diria que embaixo de toda essa atitude teria a alma de um poeta – aponto para a minha blusa – Pega para mim?

John franze a testa para mim.

– Por quê?

Eu pensei que fosse bem óbvio...

Falo impaciente:

– Para espanar os móveis. Por que você acha?

Ele me olha meio chocado e aponta para sua calça ainda úmida.

– Você não vai me deixar assim, vai?

Caminho devagar em sua direção e envolvo meus braços ao redor do seu pescoço. Seu peito nu brilha de suor, colo meu corpo ao seu. Beijo-o novamente, aproveitando o momento. John segura minha cintura e apenas o seu indicador invade a bainha do meu short, alisando a pele.

Ele desce sua boca pelo meu pescoço e eu sussurro em sua orelha:

– Eu não vou te deixar assim, John...

Ele para e me dá um sorriso malicioso.

– Não?

– Claro que não! Você sempre pode ir tomar um banho e trocar de calça.

Pego a blusa, ajeito meu sutiã e me visto. John está parado com a boca levemente aberta. Uso meu indicador para levantar seu queixo e dou um selinho em sua boca agora fechada.

– Melhor você tirar um cochilo, John. Parece... *Esgotado*.

Quando estou quase na porta me viro para olhá-lo. John ainda está com uma expressão descrente no rosto e balança a cabeça para os lados.

– Helena... – ele fala em tom de aviso.

– Não fique tão surpreso, John! Eu não sou como as garotas que você está acostumado... Meu corpo e meu coração andam juntos – olho maliciosa para ele – Por mais gostoso que você seja, não conquistou nenhum dos dois por completo.

Pisco um olho e solto um beijo de longe, deixando um atônito John sozinho na varanda.





# CAPÍTULO 11

Volto para o quarto e observo Chris dormir profundamente. Não tenho como evitar em me sentir culpada pelo que acabou de acontecer. *Que loucura eu fiz, ele poderia ter acordado!*

John, Kim e provavelmente até Alysson pensam que Chris está apaixonado por mim. Mas se isso é verdade, por que ele nunca me falou? Eu deveria ser a primeira a saber, não?

Pego uma garrafa de vinho e vou para a banheira. Afundo na água, pensando no que fazer a seguir... O mínimo que devo ao Chris é contar a verdade o mais rápido possível. *Ele merece ouvir de mim!* Até por que nunca fomos de mentir um para o outro.

*E se John falar?* Vou precisar da colaboração dele, terá que ficar calado!

Suspiro ao pensar em John... Ele explodiu minha mente, aquele homem era uma tentação ambulante! Não sei por quanto tempo eu poderia resistir ao seu charme...

*Eu quero resistir?* A questão não é esta! Eu não quero, mas DEVO! Não serei como Nicole ou qualquer uma daquelas garotas que ele está acostumado. Usadas e esquecidas. *Descartáveis.*

Prometi dar uma chance a ele. John teria o benefício da dúvida. Só espero não me arrepender depois. Não sei se ele seria capaz de manter um relacionamento sério. Também não tenho certeza que eu quero um, mas aproveitaria enquanto durasse.

Tomo um gole do vinho e fecho meus olhos, relembando quando o tive agarrado a mim.

– Elle? – uma voz distante me chama – Elle, você está bem?

Abro os olhos desorientada. Poxa! Adormeci durante o banho, meus dedos pareciam uvas passas. Maravilha.

– Elle, responda! – sua voz está ficando desesperada.

– Estou bem, Chris – digo já me levantando – Cochilei na banheira.

– Certo, se arrume que eu vou ver se o John já acordou. – ele fala já se afastando da porta.

Estou me secando quando penso no que John pode falar para Chris. *Oh, merda!* Visto o roupão e corro para a porta que separa os quartos. Tento ouvir o que está sendo dito, mas não consigo.

Droga! Vou ter que abrir a porta só um pouquinho...

– E isso é tudo que você conseguiu? – Chris fala claramente irritado.

– O que você esperava? – John responde ríspido –que eu aparecesse aqui com a cabeça do cara em uma bandeja para te entregar?

Opa... Isso me interessa.

– Você já foi mais eficiente que isso, John! – Chris diz com sarcasmo.

Abro mais a porta para ter uma visão melhor dos dois. Ambos estão em pé e de braços cruzados, se encarando com raiva.

– Eu digo o mesmo! Depois que a Elle chegou você é a doçura em pessoa! – os punhos de John estão fechados, postura rígida.

Isso vai dar em merda, ele vai contar tudo para Chris! Abro um pouco mais a porta para invadir o quarto se for preciso.

– E o que isso tem a ver contigo? – Chris se aproxima mais de John –ao contrário de você, eu sei como tratar uma mulher.

– Sei mais do que você! – John dá um passo à frente, com o indicador apontando para o peito de Chris – Você a protege como se fosse de vidro. Elle é mais forte do que parece, aposto que ela não quebraria sob o meu toque!

Uau! Não acredito que ele disse isso!

Antes que Chris possa reagir eu abro a porta com força, batendo-a na parede. Eles têm um susto e se viram para mim.

– Rapazes... – e agora, o que eu falo? – É... A gente vai para casa agora ou vai comer alguma coisa primeiro?

John analisa minha roupa *ou a falta dela*. Ele parece irado, sua boca em linha reta e levanta uma sobrancelha em questionamento. Eu deveria ter pensado em um plano melhor. *E daí? Dane-se ele.*

– Vamos comer primeiro sim, Elle... – Chris é o primeiro a falar.

John complementa irritado:

– Assim que você se vestir.

– Ah, beleza! Só queria saber o que usar –falo meio chateada –Não consigo ligar para a lavanderia e eles iam devolver minha roupa de ontem.. – termino a frase fazendo bico.

– Eu vou à recepção ver isso, ok? – Chris passa por mim e beija minha bochecha.

Observo-o sair e quando me viro novamente, John está à centímetros de mim.

– Porra, John! – dou um murro em seu peito – pensei que você tinha parado com essa mania de me assustar!

Ele permanece sério.

– E eu pensei que depois desta manhã, você ia me dar chance.

Franzo minha testa para ele.

– E eu vou, é óbvio.

– Óbvio, Helena? – John se aproxima de mim com determinação – Não parece *óbvio* para mim quando você invade o quarto praticamente nua e ainda deixa que o Chris te beije!

Dou de ombros

– Momentos de desespero pedem medidas desesperadas. Eu queria conversar sozinha com o Chris sobre nós! E você não vai dizer nada para ele até eu fazer isso. Entendeu?

John me beija sem aviso, agarrando minha cabeça e cintura ao mesmo tempo. Suas mãos começam a passear pelo meu corpo por cima do roupão.

– Você é minha, Helena – ele fala enquanto ataca minha boca – Não suporto esses abraços e beijos com o Chris.

Passo meus braços ao redor de seu pescoço e o puxo para mais perto. John começa a se empolgar, alisando minha coxa. Quando sua mão sobe por dentro do roupão eu mordo seu lábio com força.

– Ai! – John massageia o próprio lábio – Por que você fez isso?

– Você pode até ter algum domínio sob o meu corpo, John – falo irritada – Mas não pense que vai mandar em mim! Você não vai interferir na minha amizade com o Chris e ficará na sua até eu resolver isso, ouviu?

– Eu não quero ver o Chris te tocando! – John vocifera – Ainda mais quando não posso fazer o mesmo.

– Não é com malícia, idiota! – grito de volta – Nós sempre fomos carinhosos um com o outro. Ele é assim com a Sam também.

– Você ainda se engana, Helena? – John me agarra pelos ombros – Quer fingir que nada aconteceu entre nós, é isso?

Eu sei que John está chateado, mas Chris tem que ouvir a verdade de mim. É o mínimo que devo fazer.

Aliso seus cabelos e dou um beijo suave em sua boca.

– Só por pouco tempo, John. Nós podemos fingir que somos amigos por uns dias, por favor?

Ele me olha cansado.

– Ok, Helena. Apenas lembre-se que enquanto você não nos assumir, as outras mulheres acharão que eu estou disponível.

Sério que ele vai jogar essa conversinha para cima de mim?

– Isto é uma ameaça, John?

– Não, Helena – ele me puxa pelas lapelas do roupão, percorrendo seu nariz por meu pescoço e clavícula – É um fato. Você não pode me culpar pelo que os outros tentam fazer comigo.

A fama de mulherengo dele era um grande atrativo para *groupies* que queriam ganhar o roqueiro e o seu dinheiro...

– Certo! Mas isso não é um passe livre, ok?

– Eu não preciso de outra garota –ele morde a borda da minha mandíbula e me beija profundamente – Só mais uma coisa, Helena.

– O quê? – digo ainda sob o efeito de seu beijo.

– Eu não sou seu amigo – ele me segura com firmeza pela cintura – não pense que vai fazer comigo o que fez com Chris, entendeu?

Balanço minha cabeça para cima e para baixo, concordando. Ele adiciona uma mão ao meu cabelo, aumentando seu domínio sobre mim:

– Diga, Helena!

– Entendi! Você não é meu amigo. – grito em sua cara.

O canto de sua boca se eleva em um meio sorriso.

– Ótimo! Porque eu quero muito mais de você – John me beija novamente. Profundo, porém rápido – Agora vá vestir uma roupa antes que Chris volte ou eu não me importarei com a presença dele aqui.

John me solta e eu volto correndo para o meu quarto. Visto minha roupa pensando que convencê-lo a colaborar já era uma evolução do meu plano. Agora só faltava conversar com Chris.

Eu apenas tinha que decidir como abordar o assunto, mas tudo que consegui pensar foi: *“Ei Chris, todo mundo diz que você tem sentimentos por mim. Eu acho que isso é um monte de merda e você? Qual sua opinião?”*.

Melhor eu trabalhar nisso mais um pouco...

Chris retorna minutos depois.

– Elle, na recepção disseram que a sua roupa já está aqui.

– Sim, me desculpe por fazê-lo perder tempo –pego um cabide com a logo do hotel. Era a roupa que eu havia usado na reunião – Eles deixaram por trás da porta e eu não vi.

E isso era mais uma coisa para me fazer sentir culpada... *Droga!* A cada momento eu cavava um buraco mais profundo.

Ele dá de ombros e senta na cabeceira da cama. Continuo guardando as roupas na mala.

– E aí, dormiu bem ontem? – Chris puxa conversa.

Oportunidade perfeita para falar. Eu poderia dizer: *“Dormi mais ou menos, tive um pesadelo. Não se preocupe! John me resgatou, só para me fazer cair em um espiral de luxúria. Obrigada por perguntar.”*

É... Acho melhor não!

– Elle, você dormiu bem? – Chris pergunta com voz preocupada.

– Ah... Sim! E você? – falo com peso na consciência.

Chris me dá seu lindo sorriso.

– Dormi como um anjo com você ao meu lado.

*Ah, merda!*

Isso vai ser mais difícil do que eu pensei.



# CAPÍTULO 12

Horas depois, estava de volta à casa de Chris e ainda mais confusa do que quando saí. Tudo que precisava era de um banho e cama, mas meu celular toca. É Laura.

– Boa tarde, Laura.

Uma voz simpática me responde:

– Boa tarde, Helena.

– Já disse para me chamar de Elle, por favor. O que houve?

– Claro, Elle. Você virá à fisioterapia hoje? Só estou esperando por você –ela questiona.

– Com certeza! Estava saindo de casa agora –minto.

– Ótimo, até mais então!

Droga, lá se vai meu descanso. Melhor deixar o banho para depois e pegar um táxi.

– Estou indo para a fisioterapia – grito para o Chris.

– Eu levo você! – ele pega as chaves do carro e descemos no elevador.

– Por que você não tem segurança como o John?

Chris dá a partida no carro e vai em direção à fisioterapia.

– Eu tenho um, Bruno, mas não o uso todos os dias. Geralmente ele trabalha para John até eu chamá-lo.

– Por quê?

– Porque não quero uma pessoa me vigiando o tempo inteiro no apartamento –Chris dá de ombros – E ninguém tem a mesma preocupação com a segurança que o John.

E o que teria levado John à paranoia com a segurança?

Me viro para Chris, curiosa:

– O que você quer dizer com isso?



Chris me olha de relance.

– Nada, Elle. John tem espaço de sobra, pode ficar o dia inteiro sem cruzar com outra pessoa naquela casa.

Ele estaciona e entramos no consultório de Laura. Ela estava radiante como sempre, Chris nos observa durante o tratamento do meu tornozelo.

– Eu sou sua última paciente do dia? – questiono.

Ela me dá um sorriso doce.

– Sim.

– Ótimo, alguém topa um sushi?

Laura olha de mim para Chris e diz.

– Ah... Acho que hoje não.

Chris se levanta e anda até nós

– Vamos, faço questão.

– E não aceitamos um não como resposta – complemento.

– Ok, vocês venceram! – Laura finaliza a sessão – Deixe-me guardar as coisas primeiro.

Meia hora depois, ela retorna vestindo calças compridas e uma bela blusa branca. Mesmo em roupas de trabalho, Laura tinha uma beleza tão delicada que era impressionante.

– Prontas? – Chris pergunta.

– Sim! – eu e Laura respondemos em uníssono.

Chris nos leva a um sushi bar sofisticado. Entramos pela porta dos fundos e nos sentamos à mesa mais afastada.

A noite estava divertida! E já que ninguém questionou minha idade quando viram Chris ao meu lado, pela primeira vez tomei saquê. Mais uma vantagem de andar com famosos!

O sabor desta bebida era seco, porém mais suave que a Kriptonita. Parecia que tomávamos mais água de arroz do que álcool. Sua temperatura morna aquecia minha garganta.

– Então, Laura, o que você achou da festa? – pergunto enquanto engulo um delicioso sashimi de salmão.

O rosto dela se ilumina.

– Foi maravilhosa! Conheci muita gente interessante, não sei como vocês ficam tanto tempo ao redor de pessoas famosas e não surtam como tietes.

– Você está do lado de uma dessas pessoas famosas – aponto meu hashi para o Chris – E eu não estou vendo você surtar.

O rosto de Laura se tinge de vermelho. Ela olha de lado para o Chris, que pisca um olho provocando.

– Ah, estou surtando por dentro, acredite! – ela baixa a cabeça com vergonha – acho que essa bebida soltou minha língua...

Laura começa a rir envergonhada e eu a acompanho. Realmente, o saquê parecia ser suave, mas estava causando um zumbido em minha cabeça.

– Quer dizer que você está deslumbrada comigo? – Chris indaga.

Sua posição inclinada em direção à Laura, com olhos brilhando e sorriso maroto são a perdição da fisioterapeuta. Ele fica mais vermelha e suspira, a coitada não tinha a mínima chance de resistir.

Laura abre e fecha a boca antes de finalmente conseguir falar:

– Eu... É... Não é bem assim. É que...

– Chris, isso é realmente injusto – coloco minha mão no braço Laura para acalmá-la – Não precisa falar nada, ele fez de propósito por que é idiota.

Chris faz cara de indignado:

– Ei! Eu não...

– Aaaaaai, Meu Deus! – três adolescentes gritam – É você!

Oh, merda. Fomos descobertos.

Com o grito, os outros clientes ficaram atentos. Em segundos, diversos celulares foram apontados para nós, as pessoas tiraram fotos e vários levantaram para pedir autógrafo. Aposto que já

estávamos nas redes sociais!

Chris se levanta para atendê-los. O álcool estava me deixando tonta ou cada vez tinha mais gente ao redor dele? Me sinto sufocar, os garçons tentam dispersar a multidão que se forma.

Isso era impossível! De onde surgiram tantas garotas? Todas que estavam nos arredores vieram para vê-lo de perto? Maldito twitter!

A gritaria aumenta e Chris tem seus cabelos, camisa, braços e todo o resto que elas podiam alcançar puxados em várias direções. Isso era uma loucura.

Ligo para John e ele atende no segundo toque:

– Sentiu saudades de mim?

– John, precisamos de sua ajuda – grito no telefone para que ele me escute por cima do barulho – Estamos cercados por hormônios em fúria!

– Onde você está?

Explico para John onde estamos e o que aconteceu. Chris ainda tenta atender a todas as meninas, porém são muitas. Preciso fazer alguma coisa!

– Chris! Trenzinho como na segunda série! – me viro para Laura – Segure a mão dele e não solte.

Agarro um dos pulsos de Chris e Laura segura o outro. Vejo a direção da cozinha e saio empurrando todo mundo no caminho para chegar lá. Os garçons percebem o que estamos tentando fazer e nos ajudam.

Com alguns puxões de cabelo e várias pisadas no pé, conseguimos chegar ao nosso destino. Assim que passamos, eles nos trancam e a gritaria pelo nome “Chris” cresce, mas a porta fechada abafa.

– Meu Deus! O que foi isso? – Laura pergunta assustada.

Eu dou de ombros.

– Seja bem-vinda ao Jack Rock.

– Mas isso é insano! – ela aponta para Chris – Quase arrancaram um pedaço dele!

Chris esfrega a própria cabeça.

– Quase? Tenho certeza que perdi metade dos meus cabelos!

– Quem mandou ser famoso e gostoso? Agora aguenta. – digo rindo.

Esperamos cerca de vinte minutos antes de Gabriel aparecer com mais um segurança. Parte da multidão já havia dispersado e conseguimos sair pelos fundos, indo direto para dentro de uma SUV preta.

Sou a primeira a entrar e vejo um emburrado John no banco de trás.

– E aí, John – começo a rir de sua expressão chateada – Tudo beleza?

Ele observa com olhos semicerrados e me puxa para sentar ao seu lado.

– Você está bêbada? – John sussurra em meu ouvido.

– Talvez... – começo a rir novamente – O que foi? Você queria que eu bebesse, não é?

– Helena... – John sussurra em tom de aviso.

– Ei, você já conhece minha amiga Laura? – aponto para ela, que senta ao nosso lado.

– E aí, John? Vai tentar me encantar e causar a terceira guerra mundial também? – ela pergunta séria.

– O quê? – John pergunta confuso.

– Nada não – Chris fala ao entrar no carro. Ele bate na mão de John – Valeu pela ajuda, cara. Vamos Elle, vou mandar o Bruno levar a gente para o apartamento no meu carro. Onde estão as chaves do seu, Laura?

Ela olha confusa para ele.

– Eu vou levar meu carro! Não estou tão bêbada.

– Está sim – Chris fala irredutível – Nós três bebemos.

– Eu não vou entregar meu carro para um estranho!

– Chris, vá com Laura no carro dela – John intervém – O Gabriel dirige e o Bruno segue atrás para te trazer de volta.

– E Elle? – Chris aponta para mim.

– Eu a levo para seu apartamento. – John fala estoico.

– Ótimo – Laura diz e puxa Chris para sair do carro – Até a próxima, Elle.

Eu e John vamos para a frente do SUV e ele dá a partida no motor. John está calado dirigindo e sua mandíbula se aperta com tensão. Minutos depois ele para no estacionamento do prédio de Chris.

– Sabia que essa cara de mau combina com você? Fica mais sexy. – falo enquanto ele ainda olha para frente.

John se vira para mim:

– Então é por isso que você vive testando minha paciência? – ele pergunta – Para me ver com raiva?

– Ah, me poupe, John! Eu só fui comer sushi com dois amigos.

– Ficou bêbada e eu tive que ir te resgatar! – ele praticamente grita.

– Não por que eu bebi, idiota! – espeto seu peito com meu indicador – Não tenho culpa se todas as mulheres daquele lugar queriam um pedaço de Chris!

John levanta uma sobrancelha.

– Todas, Helena? Você está se incluindo?

Ai, minha paciência! E ele não parava de falar!

– Porque se você pensa que...

– Quietto, John! – o agarro pela jaqueta e colido sua boca com a minha. Fúria, luxúria e saquê potencializam o efeito dele em mim. *Não havia combinação melhor.*

Ele aprofunda o beijo e eu coloco minhas mãos por dentro de sua jaqueta. John aperta minha coxa e quando ele sobe sua mão, somos iluminados pelos faróis de um carro.

Pegos no flagra.

Merda.



# CAPÍTULO 13

Os faróis iluminam o ambiente escuro e me ajeito no banco do passageiro. *Putá merda!* Este era o pior jeito do Chris descobrir.

Um carro branco faz a curva e estaciona algumas vagas à direita. Meu coração se alivia, não era ele.

– Eu já vou – digo me virando para sair.

– Não ganho um beijo de boa noite? – John fala com malícia.

– Não! Já ganhou beijo demais, agora vaza daqui. – falo apressada. Em pouco tempo Chris deve chegar.

John liga o motor do carro, mas permanece olhando para mim;

– Você ao menos gosta de mim?

Ah, tenha santa paciência!

Coloco uma mão em cada lado do seu rosto.

– É claro! Acha que eu estaria perdendo tempo com você se não gostasse?

– Então eu sou uma perda de tempo? – John diz com a testa franzida.

Ele escolhe agora para dar uma de inseguro?

– Sério, John? Que tal você deixar de frescura e ir embora? – dou um beijo rápido em sua boca fechada – É claro que gosto de você! Porém, eu amo o Chris, ele é meu melhor amigo e não quero magoá-lo! O que sinto por você não tem nada a ver com ele e vice-versa. Ok?

Eu precisava resolver esta situação!

– Que seja, Helena. – John ainda não está com cara feliz e eu estou bêbada demais para me importar.

– Tchau, John. – dou outro beijo em sua boca e saio.

Ele vai embora, cantando pneus na saída. *Homens.*

Quando entro no elevador, uma mulher coloca sua mão impedindo a porta de fechar. *Merda!* Esqueci de usar os protocolos de segurança do Chris e a motorista do outro carro me alcançou.

– Olá, você é nova no prédio? – a garota loira de olhos castanhos me pergunta.

– Sim? – ela me olha com expressão interrogativa – Sim, claro! Sou Elle.

Estendo minha mão para ela que a aperta com firmeza.

– Prazer, sou Julia. Qual seu andar?

– Vigésimo. – digo sem jeito. Droga! Não deveria estar compartilhando informações.

Chris evitou por anos o contato com vizinhos e agora estrago tudo com esta garota. Bem, mas isso não deve causar problema algum, eu não sou famosa mesmo! Ela nunca vai me reconhecer...

– Eu fico um andar abaixo do seu – seus olhos de repente se arregalam – Você está no apartamento do fantasma! Me faça um favor e diga a ele que o acho um grande idiota!

*Meio revoltada, hein?*

– Por quê? – pergunto pronta para defender meu amigo.

– Você ainda pergunta? – ela põe as mãos na cintura e bate o pé – Ele não fala com ninguém, faz barulho madrugada adentro e não para de colocar música na varanda!

A garota tinha “shows” exclusivos na varanda de casa e ainda reclamava? Pelo que vi hoje, havia milhares de meninas que sonhariam em estar no lugar dela.

– Você não gosta de música? – pergunto chocada.

– Sim, mais ou menos. Olha, eu até gostava do Jack Rock, mas seu namorado tem uma fixação doentia por eles. Abusei!

Começo a rir, ela não tinha a mínima noção.

– Eu tenho que concordar com você, ele tem uma coisa pelo Jack Rock.

O elevador apita no andar dela.

– Até mais, Elle!

– Até, Julia.



No apartamento de Chris está tudo silencioso. Me ajeito para dormir, e, com a cabeça ainda zunindo pelo efeito do álcool, penso nas últimas 48 horas. Desde que Chris voltou para minha vida e trouxe John consigo, tudo se transformou em uma loucura só. Adormeço com Chris e John em minha mente...

*Me encontro em pé, parada em um lugar escuro. Não posso ver nada e tenho medo de me mover. Onde estou? Sinto mãos passearem pelo meu corpo e uma respiração quente em meu pescoço.*

*A falta da visão torna seu toque mais sensual. Quase surreal. Minha pele fica mais sensível e seu aroma me invade. Escuto cada movimento, o roçar de sua barba e sinto o sabor exótico de seu beijo.*

*John cola seu corpo ao meu e sussurra em meu ouvido:*

*– Não tenha medo...*

*Por que eu teria medo?*

*De repente sinto mais um par de mãos em mim. Primeiro nos meus ombros, depois subindo pelo meu pescoço até alcançar um punhado dos meus cabelos. Ele os coloca de lado, expondo meu ouvido e garganta.*

*Outro corpo se une às minhas costas e beija minha garganta exposta. Quatro mãos me acariciam, enquanto duas bocas me beijam. E eu sou apenas uma marionete entre os dois.*

*O que está atrás de mim morde minha orelha e diz:*

*– Sempre quis te provar, doce Elle.*

*Chris?!*

Abro os olhos de repente. Me sinto molhada e não apenas de suor. Que sonho foi este? Última vez que bebo na minha vida!

Apesar de que o sonho não foi tão ruim assim...

*Foco, Elle!*

É muito cedo e eu estou com uma ressaca infernal, precisava urgente de um banho frio. Isso deveria me acalmar, mas não ajudou muito e a minha cabeça ainda martelava.

Quando chego na casa de John, vou direto para o escritório cuidar das cartas. Eram muitas e eu ainda não havia terminado de separá-las, estava em um trabalho sem fim.

À tarde haveria a escolha da modelo para a gravação do clipe musical. A banda inteira estaria presente na seleção. Chris e John juntos... Um arrepio percorre minha espinha.

Respiro fundo. Foi só um sonho, Elle. Nada mais.

Estou classificando as cartas quando meu telefone toca.

– Ei louca! – Kim fala – Você vai vir com John hoje à tarde, não é?

– Sim, Nicole passou a lista das modelos para mim.

– Ótimo, assim a gente combina sua festa de aniversário!

A porta do escritório abre e John entra. Levanto o indicador, pedindo que ele espere um minuto. E, é claro que ele não espera. John dá a volta na mesa e se posiciona atrás de mim, beijando minha garganta enquanto falo com Kim.

– Festa? Que festa? – tento pensar quando John gira a cadeira me deixando de frente para ele.

Ele se ajoelha e suas mãos percorrem minhas pernas por cima da calça jeans. O que John pretendia fazer?

– Seu aniversário é sábado, esqueceu? – ela faz um som *tsc-tsc* com a boca – Já está ficando senil? É a idade chegando...

John coloca as mãos dentro da minha blusa, dedos calejados apertando e amassando. Ele morde meu ombro e eu suspiro.

– Você está bem, Elle? – percebo a preocupação em sua voz.

John baixa a alça, expondo meu ombro. Sua barba arranhando enquanto deixava uma trilha de beijos.

– Sim... Ótima – esse homem quer me enlouquecer! Começo a bater em suas mãos para afastá-lo, mas minha força de vontade não é tão grande assim.

– Certo... – Kim fala soando desconfiada – Quero fazer uma festa grande com todos os

*roadies* e a equipe completa do Jack Rock, que tal?

– Prefiro festa pequena... Mas depois a gente conversa que estou meio ocupada aqui, ok?

– Ok, até mais!



# CAPÍTULO 14

Desligo o telefone e me agarro a John. Sento-me em cima da mesa e ele me dá o melhor beijo de bom dia que já tive. Ajudou até a aliviar minha dor de cabeça.

– O que a Kim queria? – John fala ainda me acariciando.

– Organizar minha festa de aniversário, mas eu não quero. – digo mordendo a linha da sua mandíbula.

Ele segura meu queixo e o levanta para que eu possa encará-lo:

– E por que não?

– Porque eu não quero! – eu o afasto e me levanto da mesa – Olhe só o que a gente fez, espalhamos todas as cartas que eu havia separado...

– E daí? – ele fala com desdém.

Ele me curou da dor de cabeça apenas para me dar uma nova?

– “E daí” que você me contratou por causa destas cartas, John. Esqueceu?

– Não esqueci, mas isto não importa mais – John se aproxima e abraça minha cintura – No seu aniversário, a gente pode fazer uma festa ao redor da fogueira lá fora...

Coloco meus braços ao redor de seu pescoço:

– Deixe-me adivinhar, parte da lenha seriam as cartas?

John sorri com deboche:

– Você já está lendo meus pensamentos, Elle.

O empurro até o sofá, dando um beijinho em sua boca.

– Agora seja um bom menino – coloco um bloco de cartas em sua mão – E me ajude a separar estas belezinhas.

– E por que eu faria isto? – ele me indaga.

– Porque você quer me agradar! – pisco um olho para ele e volto para o restante das cartas.

Meia hora depois John está se dobrando de tanto rir:

– Você deveria aprender com essas declarações a me tratar melhor, mulher!

Talvez não tenha sido boa ideia deixar o John ler o conteúdo das cartas.

Ele pega uma e recita:

– “Você é a luz da manhã, o sol que me ilumina. Por você eu iria ao céu e ao inferno quantas vezes necessitaria. Faça um bebê comigo, não me deixe nesta agonia!”

Definitivamente má ideia. Retiro as cartas da sua mão.

– Você não tem outro lugar para ir? Outras pessoas para perturbar?

Ele se levanta, sua altura é uma vantagem sob a minha.

– Não, você é minha única distração no momento. – ele fala sedutor, mas meu coração gela.

Lembro-me de meu sonho: *“Você não passa de uma distração, Helena.”*

– John, estou falando sério! Deixe-me trabalhar.

– Eu sou seu chefe – ele diz com ar superior – E eu estou dizendo para você jogar toda esta merda no lixo!

Bato meu pé:

– Já disse que não!

Ele alisa sua barba, pensando.

– Certo, teimosa! Você tem até seu aniversário para terminar estas cartas. As que sobrarem vão para fogueira.

– O quê?

John me lança um sorriso vencedor.

– Exatamente isso que você entendeu – ele dá de ombros – Eu aposto que você não consegue terminar nem um terço disso mesmo.

Como eu gostaria de tirar esse sorrisinho da cara dele...

– Impossível enviar uma resposta para cada carta até sábado! – digo revoltada.

– Eu concordo. Então por que perder tempo?

Empino meu nariz.

– Porque não me dou por vencida.

– Então você topa uma aposta? – ele me desafia.

– Que tipo de aposta? – pergunto desconfiada.

– Aposto que você não consegue escrever uma resposta para metade das cartas de fãs até seu aniversário.

– Qual o prêmio?

Ele sorri como um predador para mim. Tenho a impressão que eu sou sua presa favorita.

– Se eu ganhar, você joga todas as cartas restantes fora. E eu tenho direito a um dia com você sem nada para nos atrapalhar. Você minha e me obedecendo por 24 horas, ok?

O coitado ainda pensa que sou tola de cair nessa armadilha...

– E se eu ganhar?

– Você faz o que quiser com o restante das cartas. E eu aceito ficar quieto até você decidir contar tudo para o Chris, sem pressão.

Aí já fica mais interessante...

– Eu topo com uma condição, serei sua uma hora apenas. – estendo minha mão para selar o acordo.

– Duas horas – ele agarra minha mão e me puxa para perto, beijando-me prolongado – E eu juro que você não vai se arrepender.

Meu coração acelera com as promessas ocultas em seu olhar.

– Ok.

John beija o dorso de minha mão e vai em direção à porta.

– Ah, não esqueça que existem várias caixas com cartas guardadas na garagem. – ele pisca um olho e sai.

*Filho da mãe.*

Acho que acabei de assinar o pacto com um diabo de olhos azuis.



Depois do almoço, minha perspectiva de ganhar esta aposta não havia melhorado. Eu precisava bolar um plano e rápido! Mas agora teria que ir à seleção de modelos para o clipe musical. A escolha seria feita em um teatro local, e havia cem meninas de todos as etnias. A gente só precisava descobrir qual delas seria a “garota inalcançável” do clipe.

Os quatro componentes do Jack Rock e o Bobby estavam sentados na primeira fila, esperando o desfile. Fiquei nos bastidores com iPad e *bluetooth* em mãos. Separei as meninas por cor de cabelo, etnia e altura. Elas formam uma fila indiana antes de pisarem no palco.

– Vamos lá, garotas. *Showtime*.

Demoram cerca de quarenta minutos para todas as cem se apresentarem. Peço a elas que se sentem enquanto espero o veredicto.

– Então gente, qual vai ser?

Kim é a primeira a falar:

– Eu não gostei das ruivas. O Jack Rock só tem uma garota de cabelos vermelhos: eu!

Ok, risco todas as ruivas da minha lista.

John é o próximo a falar:

– Não quero que seja loira.

– Mas tinha cada loira gostosa, cara! – Alysson fala revoltado.

Cris responde:

– Eu concordo com John. Ela será como um anjo que ele busca e sempre usam loiras nesse tipo de coisa.

– Sabe seria muito mais fácil se vocês tivessem dito isto mais cedo! – digo revoltada – Eu



teria dispensado as garotas logo!

– Mas aí elas teriam ido embora – Alysson fala com malícia.

– E daí? – não entendo qual o ponto dele.

Aly pisca um olho para mim.

– Daí que garotas rejeitadas são as mais fáceis e ainda fazem de tudo para agradar.

– Você é nojento, sabia?

Aly apenas sorri satisfeito para mim. *Homens.*

Chamo as morenas de volta, eram 30 garotas com tons diferentes de cabelo: do castanho mais claro ao preto. Tons de pele e altura também variavam. Isto iria demorar um século...

Após mais de uma hora de discussão, eles escolhem uma menina de 19 anos com longos cabelos castanhos, da mesma cor de seus olhos. *Finalmente.*

Tive pena ao dispensar as outras concorrentes, mas Alysson estava lá para confortá-las. Não quero imaginar como ele daria conta de todas. Depois da seleção, Kim me chama.

– E aí? Como vai ser sua festa? – ela pergunta animada.

– Kim, odeio ser desmancha-prazeres – na verdade, não me importo muito com isso – Mas não quero festa.

– Elle, todos iriam participar! – Kim faz cara de cachorro pidão para mim – Eles estão doidos para te conhecer...

Não quero festa! Isso só iria distrair minha atenção das cartas e...

Uma ideia surge em minha mente.

– Kim, de quantas pessoas estamos falando?

– Não sei, a equipe com a família deve dar umas oitenta pessoas. Por quê?

– Porque você vai me ajudar...

A festa seria minha, mas quem iria ganhar a surpresa era John.



# CAPÍTULO 15

A semana passou rápida com as correspondências dos fãs, a fisioterapia e as loucuras de Kim. Quando ela decidia fazer algo, não media esforços. Expliquei o que eu queria e dei carta branca, e Kim se divertia com isso.

Chris ainda estava ocupado com as gravações, assim como John, então tive um pouco de folga de toda a agitação em que minha vida tem estado nas últimas semanas. Bem, *quase toda*.

John sempre aparecia para perturbar e atrapalhar meu trabalho. Ele realmente estava empenhado em ganhar a aposta. Eu também! Mas não posso dizer que reclamei muito das suas interrupções. Elas eram extremamente divertidas...

– Elle? – Chris me tira dos meus pensamentos.

Eu estava sentada no chão do escritório, cercada pelas caixas de cartas.

– Oi, Chris! – levanto-me e o abraço – O que o traz por aqui?

Ele sorri e beija minha testa.

– Você! É claro. Eu vim te sequestrar.

– E como seria isso? – falo desconfiada, mas já rindo. O que Chris estava tramando?

Ele dá de ombros.

– Simples. Você entra no meu carro e eu te levo para longe.

– Ok! – pego minha bolsa e saio de mãos dadas com Chris.

Ao entrar no carro, Chris coloca uma venda nos meus olhos.

– Amanhã é seu aniversário e pelo que eu soube, vai estar cheio de gente. Então resolvi fazer uma surpresa exclusiva para você hoje, tudo bem?

– Sim. – respondo tranquila. Tenho total confiança em Chris, afinal ele sempre cuidou de mim. Só não sei o porquê da venda nos olhos. Eu não conheço nada da cidade mesmo! A expectativa me deixava ansiosa.

Minutos depois o carro para.

– Espere um pouco que eu já volto. Não tire a venda!

– Ok, eu não vou olhar.

Bato meus dedos em minha perna. *Eu não vou olhar...* Estou sozinha no carro e a porta do meu lado está aberta. Escutei passos ao meu redor no início, mas agora nada.

Eu não vou olhar!

Onde Chris se meteu? Ah, dane-se! Vou dar só uma espiadinha... Quando começo a levantar a ponta da venda, escuto risadas.

– Cinco minutos, Elle. Deve ser um novo recorde para você!

– Não enche o saco, Chris! Você fez de propósito. – retiro totalmente a venda e saio do carro.

Ele estende a mão para mim.

– Venha!

Finalmente olho ao redor. O lugar é todo arborizado, com bancos de madeira e uma praça com balanços e escorregadores para as crianças.

– Onde estamos? – pergunto maravilhada com o ambiente.

– Aqui é um jardim botânico – Chris passa o braço ao redor dos meus ombros – Preparei um piquenique para nós dois.

Ele me guia até a área das orquídeas. Há vários tipos desta flor, estão agrupadas por cores e separadas formando o desenho de uma mandala gigante. O piso entre as flores é de madeira e vejo um coreto com mesas e cadeiras no centro.

Em cima de uma delas há uma cesta de piquenique e um buquê de rosas brancas com borda rosa. O coreto é mais elevado que o nível do chão, nos dando uma visão panorâmica das flores ao redor e de um lago ao fundo. Era perfeito.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Minha mãe teria amado este lugar.

– Obrigada, Chris. É lindo.

Chris segura meu rosto e passa o polegar na lágrima que escapa. Beijo a palma de sua mão.

– Não chore, Elle – Chris me abraça – Hoje é para ser um dia feliz.

Eu o aperto mais.

– É meu primeiro aniversário sem meus pais. Sinto tanta a falta deles que isto ainda me assombra.

– Te assombra como? – ele pergunta preocupado.

Me solto de seus braços e sento à mesa.

– Hoje é dia de comemoração, vamos comer?

Chris franze a testa para mim.

– Helena...

– Você preparou tudo isso para mim. Vamos aproveitar, por favor?

Ele solta um suspiro alto e senta ao meu lado.

– Certo, mas só por enquanto. Depois você vai ter que se abrir comigo.

*Ah, Chris...* Ele não fazia ideia do quanto eu precisava confessar.

Chris trouxe todas as minhas comidas favoritas e suco de uva. Conversamos sobre músicas e as coisas inusitadas que ele viu durante a turnê. Eu poderia passar mil tardes assim, apenas na companhia de Chris. Com ele, tudo era tranquilo. Com ele, a vida seria... Mais fácil.

Eu deveria ser honesta e contar a Chris sobre John. Mas ele preparou tudo com tanto carinho, não seria justo. *Não é?*

Depois do lanche e gente vai até a beira do lago. Nos sentamos em um pequeno píer de madeira e molhamos nossos pés na água.

– Aqui é tão lindo, Chris! Por que as pessoas não vêm visitar? – não tinha visto ninguém ainda por aqui.

Chris me dá um sorriso tímido.

– Aqui é aberto ao público apenas no período da tarde. Mas consegui que abrissem apenas para a gente pela manhã.

Apoio minha cabeça em seu ombro.

– Obrigada, é o melhor presente de aniversário de todos!

– Elle, por que você não se abre comigo? – Chris passa o braço ao redor dos meus ombros – Eu sei que tem algo errado.

Eu poderia ser sincera com Chris em alguma coisa. Antes, não escondíamos nada um do outro. Fazer isto agora estava me matando. Respiro fundo antes de falar:

– Eu tenho tido pesadelos com o acidente desde o hospital.

Chris aperta meu ombro antes de perguntar:

– E por que você não me disse nada?

– Eu não queria te preocupar... – digo triste – Achei que eles iriam embora e eu poderia lidar com isso sozinha.

– Quando você vai entender que não está sozinha? – Chris segura meu rosto, obrigando-me a encará-lo – Eu sempre estarei ao seu lado. Não importa o que aconteça.

*“Todos mortos. Sozinha no mundo. Não há ninguém. Só a mim.”* Meu subconsciente me alerta.

– Eu sei disso. Apenas entenda...

Chris termina a frase por mim:

– Que você está confusa, eu sei. Mas não gosto de você tendo pesadelos. Vamos procurar ajuda, ok?

– É, foi a mesma coisa que John disse... – digo distraída.

A mágoa na expressão de Chris é visível.

*Oh, merda.*

Chris se levanta e passa a mão nos cabelos, nervoso:

– Porra, Helena! Você confiou primeiro no John do que em mim?

Levanto-me e tento acalmá-lo:

– Não foi isso que aconteceu!

Chris segura meus ombros. Seu aperto é firme, dói. Porém, o que machucava mais era ver como ele estava chateado comigo.

– Então me explique, Elle. O que aconteceu?

– John me acordou de um dos pesadelos no dia que jantamos na varanda!

Sua mandíbula está cerrada e ele encara meu olhar. Tento me manter firme sob a vigia de olhos que costumavam enxergar minha alma.

– E foi só isso que aconteceu, Helena?

Minha língua enrola dentro da boca. Agora seria a melhor hora de confessar tudo? Ele já está tão nervoso...

– Não... Eu também obriguei o John a jurar que não te contaria nada. Não até eu estar pronta.

– John nunca foi bom em seguir ordens – ele me olha desconfiado – Como você o convenceu a ficar calado?

Dou de ombros.

– Eu apenas pedi para ele...

É verdade, na época ele aceitou porque eu pedi. Chris me encara por mais alguns segundos antes de passar novamente a mão pelos cabelos.

– Vamos embora, já está ficando tarde. – ele se vira e vai recolher a cesta de piquenique.

*Putá merda!* Se ele ficou assim por causa dos pesadelos, contar tudo iria ser... Complicado.

Como deixei chegar até este ponto?

Chris me deixa na casa de John e sai ainda chateado. Ele vai ter que superar isto, não tive culpa se John presenciou um pesadelo e ele não.

Posso até ser culpada em muitas outras coisas, mas não nisto.

# CAPÍTULO 16

Volto para o escritório, porém não consigo me concentrar em nada. Estou alisando as delicadas pétalas do buquê que Chris me deu quando John invade o escritório.

– Boa tarde, senhorita Helena. Posso saber onde se meteu a manhã inteira?

– Boa tarde, chefinho. Eu estava sendo paparicada por um cavalheiro.

John cruza os braços irritado.

– Como é que é?

– Chris me levou a um piquenique no jardim botânico – aponto para o buquê – E me deu essas flores. Por quê? Não tenho permissão para sair com meu amigo?

Levanto uma sobrancelha em questionamento e John respira fundo. Parece um touro bravo tentando se acalmar.

– Grande coisa – ele diz com desdém – Eu te dei rosas primeiro.

Nossa, será que a megalomania dele o levou à esquizofrenia também?

– E quando teria sido isso, ó, magnânimo senhor? – pergunto com deboche.

Ele apoia as duas mãos na mesa, inclinando seu corpo para igualar o olhar ao meu.

– No hotel eu te dei rosas vermelhas, você não as trouxe?

No hotel? Lembro-me de lindas rosas ao lado da minha cama. Ele foi muito sutil ao me dar o presente. Na verdade, sutil até demais.

– Claro que não! Pensei que era parte da decoração do quarto.

– Você jogou fora meu presente? – ele pergunta meio chateado.

– Se eu soubesse que era um presente, ficaria com elas. Poderia até ter agradecido...

– Não seja por isto.



John me puxa pela parte de trás do meu pescoço. Nos beijamos mesmo com a mesa entre nós. Nunca me cansava disso. Ele encosta sua testa na minha e fala:

– Eu tinha uma surpresa para você hoje. Mas acho que cheguei tarde demais...

– Por quê?

– Porque eu queria tentar esse negócio de te conquistar, Elle.

Volto a sentar na cadeira.

– Eu perguntei por que você chegou “tarde demais”.

Ele dá de ombros.

– Por que o Chris já deve ter feito um puta passeio romântico de manhã...

John faz bico e eu beijo seus lábios. Era engraçado vê-lo emburrado como uma criança mimada. Parecia tanto uma atitude *não John*.

– Sim, Chris fez um passeio lindo pela manhã. Mas não foi romântico – John abre a boca para protestar e eu levanto minha mão parando-o – Estou cansada de dizer que Chris é meu amigo. Não rolou nada, ele não sente nada além da amizade por mim.

John balança a cabeça de um lado para o outro, em negação.

– Se é nisso que você quer acreditar, melhor para mim – John diz impaciente – Volto mais tarde para te buscar, ok?

– Eu tenho que vestir alguma roupa especial?

Ele me analisa da cabeça aos pés. Apesar de estar de jeans, me sinto nua sob seu olhar malicioso.

– Para mim você está sempre gostosa, Elle. Mas se quiser, a Wanessa deixou aquelas roupas que ela trouxe no outro quarto. Procure algo confortável.

Ele me beija novamente e sai. Continuo arrumando as cartas quando Kim me liga.

– E aí, Elle! Tudo certo para amanhã?

– Eu que pergunto, você que está organizando tudo! Todos já sabem o que devem fazer amanhã?

– Sim! – escuto a risada do outro lado da linha – Todos menos John, é claro. Você já comprou as piscinas?

– Gabriel me levou às compras ontem. Também fui à gráfica.

– Ótimo, mal posso esperar para ver a reação do John! – Kim diz animada.

Eu estava louca para que o dia seguinte chegasse.

– Ei, Kim... O que são roupas confortáveis para você? – preciso decidir o que usar hoje.

– Só uma calcinha e olhe lá, por quê?

– Confortáveis para sair, Kim!

– Ah, sim! Short ou vestido. É para a roupa de amanhã? – Kim pergunta sondando.

– Sim, é – minto.

– Beleza – Kim faz uma pausa – Elle, você vai me dizer o que você e John apostaram?

Não em um milhão de anos.

– Nada demais, Kim. Só bobagem do trabalho.

– Sei... – sua voz é cética – Até amanhã então.

– Até e obrigada por tudo.

Ela ri ao telefone:

– Eu que agradeço! Não é todo dia que posso ver John quebrar a cara.

Desligo o celular e vou ao quarto dos espelhos. Encontro as araras de roupas que não foram usadas na festa da semana passada. *E agora?* Fico perdida entre tantas opções. Então, resolvo seguir o conselho de Kim. Um short curto de tecido mostarda com uma blusinha de seda. Era casual, porém arrumado.

Tomo um banho relaxante e troco de roupa, faço uma trança no meu cabelo. Coloco-a por cima do meu ombro direito. Para completar o *look*, uma maquiagem leve e sapatilhas. Não estava vestida para seduzir e sim, para ser conquistada. Se eu iria dar uma chance para John, precisava saber se havia mais do que luxúria entre nós. Eu não queria ser tratada apenas como um objeto para acalmar os desejos dele.

Estou sentada sozinha no jardim quando um agitado John finalmente aparece.

– Pensei que você tinha ido embora!

– Não, estou apenas pensando na vida... – na verdade, estava pensando na morte. *Em meus pais.*

– O que houve? – pergunta preocupado.

– Nada, quando a gente vai para seu lugar especial? – desvio o assunto.

John me observa antes de finalmente falar:

– Eu posso te levar para um “lugar especial” agora mesmo – ele pisca um olho para mim – É só você subir comigo até o meu quarto...

Levanto uma sobrancelha para ele.

– Ou entrar no carro comigo – ele dá de ombros – Em qualquer um dos casos, vou te fazer ver estrelas!

Não tenho dúvidas sobre ver estrelas com a primeira proposta... Saio da casa esperando ver Gabriel no mesmo carro de sempre. Hoje, porém ele está vestido de chofer com quepe e tudo, dirigindo uma linda e branca limusine.

Por um segundo penso em voltar e trocar de roupa. Eu me vesti confortável e não chique. John coloca a mão na base da minha coluna e me direciona para o carro.

– Pode entrar, Helena. A limusine não morde.

– Eu sei disso, peste! Mas você está aprontando alguma coisa e eu com certeza não estou arrumada suficiente.

– Elle, você sempre está linda – John segura meus ombros, virando-me para ele – Você tem um brilho que ilumina tudo ao seu redor, não importa o que esteja vestindo.

Sorrio para ele. Tinha momentos que John sabia a coisa certa a se falar.

– Você está perfeita. Mesmo em trapos continuaria perfeita ou mesmo nua... – ele me avalia com pura malícia no olhar – Essa parte a gente podia comprovar agora mesmo...

Pena que esses momentos eram raros.

– John...

– Você não pode culpar um cara por tentar! Vamos, estamos atrasados.

Sinto um frio na barriga. A antecipação faz meu coração acelerar. Olho para o misterioso homem ao meu lado.

Para onde John me levará?

A limusine era imensa, mas isso não parecia fazer muita diferença para John. Ele se senta ao meu lado, tão próximo que fico presa entre ele e o vidro da janela. Não que eu esteja reclamando.

Apoio minhas costas em seu peito e John me mostra os principais pontos turísticos e curiosidades sobre a cidade. Ele diz os seus locais favoritos e os que ele detesta. Quando quer, John tem senso de humor. Cada esquina tinha uma anedota diferente.

Em vinte minutos paramos ao lado de um enorme prédio com cúpula arredondada. Nunca tinha vindo aqui, mas sabia o que era.

– Isso é um planetário? – pergunto surpresa.

– Sim! E será só nosso pelas próximas horas, gostou?

O abraço forte. Eu adorei.

– Como você sabia que eu amo estrelas?

John segura minha mão e entramos no planetário juntos:

– Eu estava lá com Chris colocando aquelas estrelas de plástico no teto do seu quarto. Eu achei brega, mas Chris disse que você adoraria.

– E Chris estava certo, foi atencioso e não brega! – dou um tapa em seu braço – Mas você ajudou a colar as estrelas?

John podia ser mais prestativo do que eu tinha dado crédito.

– Claro que sim! – ele diz com ar superior – Eu pedi para o Gabriel colar cada uma com muito cuidado.

Agora fazia mais sentido.

John me leva até a sala principal do planetário. Dentro parece um cinema com fileiras de

grandes poltronas acolchoadas. Porém, a tela aqui era o teto abaulado.

Em uma das poltronas estava um moderno *ultrabook*. Daqueles que parecem um notebook, mas você gira a tela e se transformam em um tablet. Ele digita alguns comandos no teclado e as luzes se apagam, enquanto o teto estrelado se acende.

Estou em um mundo mágico. Envoltos em penumbra e iluminada pela via láctea. As sombras deixam o rosto de John mais anguloso, destacando sua beleza.

Beijo seus lábios.

– Obrigada. Sempre quis vir a um planetário!

Ele me dá um sorriso satisfeito.

– Você não estará apenas visitando, Elle. Hoje você terá o universo em suas mãos – John me entrega o *ultrabook* já em forma de tablet – A tela é touchscreen e controla todas as apresentações daqui. Você está no comando.

Pego o caro aparelho e sento-me na poltrona. Ela é reclinável e sinto como se estivesse flutuando deitada entre as constelações. Com um toque, escolho o que quero ver e amplio a imagem do sol. Ele parece tão próximo que estico minha mão para tocá-lo. É claro que não consigo, mas me divirto mesmo assim.

– Nunca te vi assim tão relaxada e feliz. – John fala ao meu lado.

– Desde pequena, meu sonho era alcançar as estrelas... – Mudo para a constelação da Ursa Maior.

John se aproxima e beija meu pescoço:

– Você sempre pode alcançar a mim!

Egocêntrico como sempre...

– Eu disse estrelas do espaço sideral, não *rockstars* – eu o puxo pela gola da sua camisa e o beijo, aproveitando de sua boca – Apesar de que agarrar as estrelas do rock tem suas vantagens...

– Ah, é? Quais? – ele pergunta presunçoso.

Dou de ombros.

– Passeios de limusine e visitas exclusivas ao planetário...

– Então você só quer me usar, não é? – ele finge estar indignado.

Bato o dedo no meu queixo, pensando no assunto.

– Basicamente, sim! – digo rindo.

– É, espertinha? – John estica os braços, se oferecendo para mim – Pode abusar à vontade. Eu insisto.

Subo em seu colo e coloco meus braços ao redor de seu pescoço. Beijo um caminho da sua orelha até a base da garganta. Estava prestes a tirar a camisa dele quando minha barriga ronca alto.

John começa a rir da minha vergonha. Até fazer uma cara de irritado.

– Porra, esqueci a comida!

– Não tem problema, John. Não estou com tanta fome assim...

Não queria sair do planetário para jantar, mas eu não havia comido nada desde o piquenique com Chris. Minha barriga não se importava com as estrelas...

John saca o telefone e manda uma mensagem de texto.

– Alguma solução brilhante? – pergunto curiosa.

– Sim, Gabriel vai trazer pizza de pepperoni e vinho. É a única comida que eu tenho certeza que você gosta... – ele me dá um olhar predatório – Acho que vou ter que distrair sua fome por comida, com outro tipo de fome...



# CAPÍTULO 17

– Outro tipo de fome, é? – subo no colo de John com uma perna em cada lado do seu quadril. Me apoio em seu tronco, arranhando com minhas unhas o seu peito duro.

John disse que eu podia usar e abusar dele. Esta era uma oferta que nenhuma garota iria recusar... Ele coloca ambas as mãos em minha cintura e alisa minha pele por baixo da blusa, subindo-as até a borda do meu sutiã. O toque áspero de seus dedos calejados me deixa sensível e ansiando por mais.

Eu me inclino e mordo sua orelha. Quem se importaria com comida quando minha boca podia se deliciar com o gosto dele?

– John... – sussurro em seu ouvido – No momento, você é a única fome que tenho.

Este era o incentivo que ele precisava. John me beija. Não... Beijar não descreve o que ele faz. John me *devora*. Sua mão esquerda se prende em meu cabelo, enquanto a direita vai para a base da minha coluna.

Eu adorava quando ele me segurava assim. Como se precisasse me manter por perto, me dominando sem me prender. Acho que não sou tão feminista quanto pensei que fosse...

Ele me empurra para baixo e para frente, pressionando sua excitação exatamente onde preciso. Nossas blusas somem e estou apenas de sutiã e short. Meu corpo treme de antecipação. Minha pele se arrepia... O mundo exterior não existe. Sou só eu, John e as estrelas.

Jogo minha cabeça para trás enquanto John arranha minha garganta com sua barba e deixa um rastro de beijos até o meu ombro. Sinto como se eu estivesse conectada a ele, como se cada poro da minha pele ansiasse pelo próximo toque dele.

Ele abaixa a alça do meu sutiã rendado e morde o ombro exposto. Um gemido involuntário escapa da minha boca. *Preciso de mais!* Retiro o sutiã, ele só estava atrapalhando... Quero sentir minha pele contra a dele.

– Helena, você é tão linda – John me admira, descendo a mão pela minha garganta até meus seios – Eu quero ir devagar e te saborear como você merece. Mas você me deixa ligado para porra...

John se levanta ainda me segurando. Ele me deita e reclina a poltrona ao máximo. Eu coloco



meus braços ao redor do seu pescoço. *Se ele for devagar, eu posso perder a coragem e fugir daqui.*

– E quem disse que eu quero devagar? – enrolo minhas pernas ao redor do seu quadril, puxando-o para cima de mim – Me faça sentir, John. Eu preciso de você.

John me beija forte, como se eu fornecesse o ar para que ele pudesse respirar. Seus quadris imitam um movimento de vai e vem, enquanto suas mãos agarram meus seios. Todos os meus sentidos disparam, ampliando cada sensação que John me proporcionava.

– Helena, olhe para mim. – a voz de comando de John é alta e abro os olhos. Não havia percebido que os tinha fechado – Só eu faço você se sentir assim, entendeu?

Balanço minha cabeça concordando. Sim, apenas John era capaz de eliminar a palavra “prudência” do meu vocabulário.

– Eu e mais ninguém, entendeu? – ele me aperta, tirando um gemido de mim.

– Entendi! Agora quer calar a droga dessa boca?

Caramba! Isso não era hora de conversar. Havia tantas outras utilidades para a boca dele...

John levanta uma sobrancelha para mim, mas obedece. Ele me lambe e em seguida assopra. Uma de suas mãos escorregam pela minha barriga, alcançando dentro do meu short. Dou um pulo com o primeiro contato de seus dedos por cima de minha calcinha.

Se ele era capaz de me fazer perder o juízo com os dedos, imagina com o resto? Até agora eu tinha resistido bem às suas investidas. No hotel e durante toda a semana no escritório dele, eu o parava antes de avançar muito. Quanto tempo mais eu aguentaria?

Seus dedos encontram um ritmo e John engole os meus gemidos com sua boca. Minha cabeça pende novamente para trás. Um calor se forma entre minhas pernas. Quanto mais de prazer John poderia me dar? Qual seria o meu limite? Eu já sinto como se eu fosse estilhaçar em mil pedaços.

– Não se segure, Helena! – até sua voz era excitante – Venha para mim.

Tento me segurar... Não vou fazer isto só porque ele mandou! John coloca sua boca em meu seio. *Língua, lábios e sucção.* Ele adiciona dentes à minha pele sensível.

*Dane-se meu controle.*

Não sou Elle e nem Helena, meu corpo era apenas um fantoche em suas hábeis mãos e minha mente estava afogada demais em sensações para se rebelar.

– John! – meu grito ecoa na sala vazia.

– Você fica ainda mais gostosa assim, Helena – seu sorriso é pura satisfação masculina – Entregue a mim.

Eu provavelmente teria uma resposta esperta. *Se eu pudesse raciocinar.* Mas não posso, afinal, John tem razão. Neste momento, *eu sou dele.*

Em meio ao prazer, uma ansiedade se constrói em meu peito. Eu posso ser dele? E o mais importante, ele pode ser meu? John se ajoelha no chão, me apoio nos cotovelos para observá-lo. Ele desabotoa meu short devagar, olhando em meus olhos. Eu poderia pará-lo por aqui. Eu *deveria* pará-lo por aqui. *Se eu quisesse.*

Ok, Elle... Você não é tímida! Levanto meu quadril para que ele pudesse tirar minha roupa. Estou apenas de calcinha e sinto minha pele queimar pelo seu olhar carregado de luxúria. Não tenho motivos para sentir vergonha, John parece apreciar o que vê...

Respira, Elle... Sem paranoia! Será que ele viu a cicatriz no meu quadril por causa de uma queda de bicicleta?

– Ah, Elle! Estou louco para te provar. – John abre minhas pernas.

Ai, meu Deus! Ele já deve ter visto tantas mulheres lindas. John já saiu com modelos! Sei que sou bonita, mas ainda sou apenas... *Eu.* Poderia me levantar e sair como fiz no hotel...

Tudo evapora da minha mente quando John segura minhas coxas e morde vários pontos delas. Aproximando-se cada vez mais de seu alvo. Meu coração acelera, isso era algo que nunca tinha feito antes.

John retira a minha calcinha. Não há nenhuma peça de roupa para me proteger. A ansiedade me mata enquanto ele observa. Mas logo sua boca avança, fecho os olhos ante seu ataque. Que se danem minhas inibições! Ele estava comigo e não com elas! Eu ignoraria tudo, enquanto ele me fizesse sentir. E como John fazia isso bem. Ele estava em cada centímetro do meu corpo, tudo ligado à sua boca e o que ela era capaz de fazer comigo.

Caramba! *Eu nunca iria deixá-lo tirar a barba.*

Seus dedos se juntam à provocação e John varia o ritmo. Rápido e Devagar. Bruto e suave. Meus quadris parecem ganhar vida própria e se movem em busca de mais fricção. Seguro os cabelos de John, não sei se para interromper esta tortura ou garantir que ele nunca pare.

Era algo que eu nunca tinha sentido com tal intensidade antes. O que aconteceu na varanda do hotel não se comparava a isto. Estou quase na borda. Minha respiração acelera, mas John se levanta.

– Ainda não, Elle.



# CAPÍTULO 18

Ele retira devagar sua calça jeans, o tempo inteiro fazendo uma cara de safado para mim. Mordo meu lábio inferior para não deixar escapar o suspiro que surge quando mais de seu corpo é revelado. *Putá merda!* John era perfeito.

Eu podia ser um pouco autoconsciente em relação ao meu corpo, mas John não era com o seu. E nem deveria! Seu físico magro, porém atlético, era lindo. Ele está apenas de boxer! Eu não tinha muita noção de tamanhos, mas o volume que tentava escapar da cueca era considerável. Meu coração quer pular pela minha boca. *Ai, Ai.*

– Apreciando a vista?

Volto a olhar para o seu rosto.

– O quê? – pega no flagra encarando John... *De novo!* Mas que outra coisa eu poderia fazer? Ele tinha sido feito para ser apreciado.

John não desvia o olhar enquanto retira a boxer. Suspiro. Acho que estou hipnotizada e não só por sua beleza, mas por sua intensidade. Ele era como um ímã, tinha um magnetismo inerente que me atraía cada vez mais.

Ele resgata uma camisinha do bolso da calça. Está pronto e firme para mim. Um arrepio percorre meu corpo, este era um ponto sem volta. Eu vou mesmo fazer isto?

– John, eu... – tento falar, mas gaguejo – É que...

John me silencia com um beijo rápido.

– Relaxe, Elle. Se você não gostar, eu paro, ok?

Balanço a cabeça concordando. Estou enjaulada entre seus braços, presa abaixo de seu corpo e refém de tudo aquilo que ele me fazia sentir. Eu deveria explicar a situação para John, mas receio e vergonha me fazem travar. Não acho as palavras. Ele segura meu cabelo com uma mão e me beija.

Me perco em seu beijo, enquanto John começa a me penetrar. É apertado e dói. John me preenche aos poucos. *Eu deveria ter dito alguma coisa!* O prazer sumiu, sinto-me apenas invadida...

– Helena, você está bem? – John me pergunta preocupado – Eu te machuquei?

Doeu sim, mas ele não fazia ideia do porquê! Respiro fundo e solto o ar. Agora é tarde para arrependimentos. Só espero que isso passe, quero voltar a sentir o John e não a dor.

Minto para não estragar o clima:

– Não me machucou, não pare...

Enrolo minhas pernas ao redor de seu quadril, trazendo-o para mais perto. A incerteza ainda paira em minha mente, mas eu o beijo. Ataco sua boca com paixão. John mantém uma mão presa em meu cabelo e a outra se apoiando na poltrona. Seus olhos se cravam em mim, sua expressão é um misto de desejo e determinação.

– Elle... Não quero te machucar – seus olhos estão fechados. Como se não conseguisse se controlar, caso olhasse para mim – Eu quero te saborear com calma.

Minha paciência acaba. Quero voltar ao êxtase que estava sentindo meia hora atrás.

– Eu não sou a porra de um vinho, John! Cala a boca e me beija logo!

E é exatamente isso que ele faz. Na verdade, John faz isso e muito mais. Ele usa seu corpo inteiro para me excitar. Dos seus pés que se entrelaçam com os meus, até seus cabelos que me arrepiam quando ele baixa sua cabeça para me enlouquecer com sua boca.

Não demora muito e eu sou novamente uma poça de desejo em suas mãos. Ele me penetra com movimentos curtos e rápidos. Suporto a pontada remanescente de dor. Para frente e para trás. Cada vez que John faz isso, a sensação prazerosa começa a voltar e a dor diminui.

– Helena, olhe para mim! – abro os meus olhos. Ver John com um céu estrelado de fundo e me preenchendo totalmente era... Erótico.

Ele estava suado de esforço, seu ritmo agora era punitivo. Eu não tinha controle sob os gemidos que escapavam da minha boca. A essa altura eu estava tão molhada que ele deslizava facilmente. *Finalmente!*

Ele me beija, mordendo meu lábio inferior.

– Helena, eu juro que estou tentando ir o mais devagar que posso.

*Minha nossa.* Se isso era o mais devagar que ele podia, qual seria o rápido?

– Eu não quero que você se segure tanto – antes que ele proteste, eu sussurro em seu ouvido – Se for demais, eu aviso. Mostre-me o quanto você me quer, John!

John me vira, me colocando de bruços. Meu quadril fica empinado, enquanto minhas pernas passam da poltrona. Ele me invade novamente, deste jeito é mais profundo. *Mais forte.*

– É assim que você quer, Helena? – sinto um tapa na minha bunda. John agarra minha trança e a puxa para trás, meus cabelos ficam esticados ao máximo e ele me monta com vigor. Quem se importa com dor quando ele faz isso? Fico ainda mais excitada.

John me atíça. Aperta, morde e esfrega tudo que seus dedos e mãos podem alcançar. Estou à beira de um precipício. Como se houvesse um *big bang* pronto para explodir dentro de mim.

– John, por favor! – digo ofegante.

Ele puxa mais meus cabelos.

– Me diga o que você quer, Elle.

– Você! Mais de você... Não sei!

John aumenta o ritmo. Meu corpo vai para frente e para trás.

– Isso mesmo, Helena – ele bate na minha bunda – Sou o único que conhece você assim!

John me vira novamente, ele dobra meus joelhos e os empurra em direção aos meus seios.

– Segure seus joelhos, Helena. – John comanda. A posição é estranha, mas faço o que ele manda.

John aumenta a velocidade e eu grito a cada batida de seu corpo contra o meu. Ele aperta meus seios, estou perdida em sensações quando meu corpo atinge a libertação desta doce tortura que John me impôs. Ele me segue, gritando meu nome com voz rouca.

*Minha nossa!* Será que o sexo era assim para todo mundo ou só com o John?

Largo meus joelhos e John coloca seu corpo sobre o meu. Ainda ofegante, ele encosta sua testa na minha.

– Você está bem? Eu te machuquei?

Dou um beijo rápido em sua boca

– Estou bem. – *Bem dolorida...*

Mas a dor não é nada comparada ao prazer que John me proporcionou. Não era à toa que as

pessoas se viciavam em sexo! Nada do que eu tinha feito até hoje chegava perto disso.

John se levanta e retira a camisinha. Seus olhos se arregalam quando nota o sangue. Na empolgação do momento ele não havia percebido.

– Helena! O que... – ele balança a cabeça em descrença. O choque é evidente em suas feições  
– O que significa isso?

Bem... Eu pensei que fosse meio óbvio. Me sinto consciente de estar nua agora que o calor do momento passou. Pego minha blusa e sutiã e cubro meus seios.

– Helena! Fale comigo – ele segura meus ombros, obrigando-me a encará-lo –Por que você não me contou que era virgem?

– Bem, eu tentei avisar! – *Mais ou menos.*

John se levanta e veste a cueca. Ele passa as mãos pelo cabelo em gesto nervoso.

– Porra!





# CAPÍTULO 19

Mordo meus lábios para que eles não tremam. Eu não vou chorar na frente dele.

– Por que você está com raiva de mim?

– Eu não estou com raiva de você, Elle – John solta um longo suspiro e se ajoelha à minha frente. Sua voz sai tão baixa que mal passa de um sussurro – Estou com raiva de mim.

– Com raiva de você? Por quê?

John alisa meu rosto. A palma de sua mão cobre quase toda a lateral da minha face.

– Elle, sua primeira vez não deveria ter sido assim! Você merece mais! Não uma poltrona de planetário, não sem um jantar romântico e não a mim... – vejo um pesar em seu rosto que nunca se fez presente antes.

Seguro sua mão.

– Eu não me importo com estas coisas. Além disso – aponto para o teto – Você colocou o universo na palma da minha mão.

John levanta uma sobrancelha para mim.

– Então tive que te fazer ver estrelas?

Coloco os braços ao redor do seu pescoço e dou de ombros.

– Algo como isso. Eu queria você – beijo rápido sua boca – Se eu não quisesse, não teria deixado ir tão longe.

John diz preocupado:

– É algo que não pode ser desfeito, Elle... Eu não fui delicado, não te tratei com o carinho que você merecia!

Levanto uma sobrancelha para ele.

– Então eu só merecia carinho se fosse virgem?

– Não é isso, espertinha! – John beija o canto da minha boca – Eu deveria ter ido devagar, ter

te preparado mais... Não sei! Ter feito algo para ser especial e você gostar!

– Foi especial por que foi com você. Eu senti dor sim, é claro – beijo sua boca para silenciar seu protesto iminente – Mas não foi nada perto de tudo mais que você me fez sentir!

John fala ainda incrédulo:

– Você fez tantas coisas comigo! Na varanda e toda a semana no escritório. Como podia ainda ser virgem?

– Eu era uma virgem – mordo sua orelha – Não uma santa!

– Ah, Elle! Um dia você vai me levar à loucura! – John me abraça. Enchendo a lateral do meu rosto de beijos. Ele se afasta e olha entre minhas pernas, a mancha de sangue suja a mim e a poltrona de vermelho.

Tento me levantar, mas ele me para.

– Fique aí que eu vou te limpar. – John pega sua camisa para passar em mim.

Isso é vergonhoso.

– John, me dá essa camisa!

– Helena, deixa eu cuidar de você! – ele termina de limpar e me beija doce – Era para ser a comemoração do seu aniversário, mas quem ganhou um presente foi eu. Obrigado pela confiança, Elle.

Prendo a respiração. Meu coração sempre perdia uma batida sempre que ele era carinhoso. O beijo de forma doce, saboreando sua boca. Mas o interrompo antes que ele empolgue demais:

– Ok, garanhão. Agora me alimente que estou morta de fome!

Enquanto John sai em busca da nossa comida, eu termino de me vestir. Logo depois ele retorna com várias almofadas.

– De onde você tirou isso?

– São dos sofás na sala de espera – John as coloca lado a lado no chão, no centro do planetário. Parece um grande tapete entre as fileiras de poltronas.

– E vamos comer aqui? – aponto para a placa na parede – Aquele aviso proíbe comida e bebida dentro do planetário.

– Ah, isso só vale para o público durante o dia. Eu aluguei o lugar inteiro, posso fazer o que eu quiser.

Não acho que a diretoria concordaria com ele. Balanço a cabeça em descrença:

– Ok, rei do mundo. Venha comer!

– Você me fez sentir o rei do mundo hoje – John segura minha cintura e beija minha garganta.

Passo meus braços ao redor do seu pescoço.

– Não sei exatamente o porquê, John... Mas eu sinto que posso confiar em você – *espero não estar enganada* – Eu só queria saber mais sobre seu passado...

Ele se afasta e senta nas almofadas.

– A pizza está esfriando, Elle.

Eu ainda vou saber o seu segredo. Só preciso fazê-lo se abrir comigo. Sento-me ao seu lado.

– Você sabia que isso é, tecnicamente, destruir patrimônio público?

Seus olhos brilham de astúcia.

– Seria mais um para adicionar ao seu currículo, não é?

– Verdade, mas não tenho mais nove anos! – e também não era afilhada do delegado daqui.

O brilho lascivo no seu olhar faz minha pele se arrepiar.

– Não, Elle. Definitivamente você não é uma criança – John me puxa para o seu colo. Minhas costas contra seu peito.

Ele pega um pedaço de pizza.

– Abra a boca, Elle.

Mordo o pedaço que ele oferece. Não sei se era a fome, mas mesmo fria, estava deliciosa.

– A pizza está gelada e o vinho quente – John pisca com malícia para mim – Acho que demoramos muito mais do que os quarenta minutos, hein?

Começo a rir. Ah, o ego dos homens! Mas se a comida estava na sala ao lado...

– Ai. Meu. Deus! Será que Gabriel nos ouviu quando trouxe a pizza?

Tudo bem que ele deixou na antessala, mas mesmo assim... Escondo meu rosto na curva do pescoço de John. Ele segura minha cabeça e me faz encará-lo.

– Você tem vergonha do que acabou de acontecer, Helena? – suas feições estão sérias. Ele está chateado.

– Claro que não, John! Eu tenho vergonha dele ter ouvido... A mim.

– Tem razão – ele beija o canto da minha boca – Seus gemidos são meus.

– Não tem jeito de você perder essa mania de me possuir, hein? – levanto uma sobrancelha para ele – Não sou um objeto, sabia?

John passa os braços ao redor de mim e me segura contra seu peito.

– Você não é um objeto, Ele, mas é minha mesmo assim – ele enterra seu rosto em meus cabelos. Sua voz sai abafada – Eu não sei dizer o que sinto, mas sei que a culpa é sua. Você foi a única que alcançou algo dentro de mim.

Me viro em seu colo, passando as pernas por trás do seu quadril. Ficamos um de frente para o outro, abraços no chão.

– John, por que você diz isso? – penteio seus cabelos para trás, assim posso ver seu rosto melhor – Qual o motivo dessa tristeza que você se esforça tanto em esconder?

Sua mandíbula trava

– Esqueça isso, Ele. O passado não importa, não tem nenhum mistério escondido para matar essa sua curiosidade.

Ele pode achar que dizia a verdade, mas não era pelo que observei desde que o conheci. Não sei o que aconteceu, mas o passado ainda assombrava John. Eu poderia *apostar* minha vida nisso...  
*Boa ideia!*

John põe as mãos em minha cintura. Mas antes que ele me distraia, eu sussurro em seu ouvido.

– Tem um outro desejo dentro de mim que só tem crescido desde o primeiro dia que te vi – os olhos de John brilham com promessas obscuras – E isso está me consumindo. Só você pode aplacá-lo...

John responde com voz rouca, raspando os dentes em minha garganta:

– Tenha certeza disso, Helena. Só eu e mais ninguém.

– Sim, por que o desejo que estou falando, John – digo segurando um punhado de seus cabelos e puxando-os para trás – É o de conhecimento! Eu quero saber mais sobre você.

– Ele – ele suspira cansado – Já disse que não há nada de surpreendente em meu passado. Esqueça.

Sua mandíbula está travada em teimosia. John não quer compartilhar facilmente, mas talvez ele negocie...

– Eu quero mudar os termos da aposta. Se eu ganhar você terá que começar a se abrir comigo, um pouco a cada dia.

John me olha desconfiado.

– E se eu ganhar?

– Se você ganhar, eu serei totalmente sua. Sem restrições ou tempo determinado.

John sorri satisfeito.

– Aceito.

Na volta para casa, evito contato visual com o Gabriel. Preciso esquecer esta paranoia, ele provavelmente não ouviu nada. Eu e John ficamos nos beijando na parte de trás da limusine, até que percebo para onde Gab está nos levando.

– Já está tarde, John. Melhor eu ir para casa.

– Mas eu não te mostrei a minha surpresa...

– Não? – pensei que o planetário era a minha surpresa!

– Você já me surpreendeu hoje, agora é a minha vez. – ele beija meu rosto e me ajuda a sair do carro.

John me leva a um local de sua casa que eu nunca fui. O que vejo me deixa sem palavras. É lindo, perfeito e enche meus olhos de lágrimas.

Ele passa a mão no meu rosto, secando-as. Depois beija cada um dos meus olhos e minha boca.

– Já passa da meia noite. Feliz aniversário, Elle.





# CAPÍTULO 20

Eu ainda não conhecia a casa de hóspedes de John. Era linda, feita de alvenaria com uma varanda de madeira. Um pequeno jardim de rosas impregnava a frente com um aroma delicioso. Mas era o belo flamboyant em flor que chamava atenção. Sua copa quase totalmente tomada pelo vermelho das flores era impressionante. Mesmo na pouca luz da madrugada.

A casa parecia pequena, comparada aos padrões megalomaniacos de John. No entanto, era perfeita para mim. Esperava conseguir fazer daqui meu lar provisório. Tudo que eu queria era sentir que pertencia a algum lugar.

– Adorei a casa! É tão linda – beijo a bochecha de John – Obrigada!

– Venha, você precisa ver o interior – ele para e se vira, encarando-me meio inseguro – Eu quis fazer uma surpresa, mas não sei se você vai gostar...

Beijo a ponta do seu nariz.

– Eu tenho certeza que vou gostar.

Só o fato de John ter se esforçado em me surpreender, mostra que ele está tentando. Ele me deixa entrar e o que vejo me deixa sem palavras. É lindo, perfeito e enche meus olhos de lágrimas.

A sala estava mobiliada com os meus móveis favoritos. O mesmo sofá que eu deitava no colo da minha mãe enquanto assistia TV. O tapete que eu e Chris sujamos de tinta quando pintamos nosso rosto para brincar de índio. O vaso que substituiu o antigo que Sam quebrou quando corríamos pela casa. O relógio antigo que meu pai amava por que era de sua mãe.

Era uma amostra da minha antiga vida, um pedaço do mundo que pertencia a mim. Não esperava recuperar nada tão cedo! Passo os dedos na estante de livros que eu e a mamãe construímos.

Eu sentia como se um pedaço do meu coração, que eu não sabia que estava quebrado, tivesse acabado de se colar. John me deu o maior de todos os presentes. Ele me devolveu o sentido de *lar*.

Pulo em seu pescoço e beijo todo seu rosto.

– Obrigada, John! Eu não tenho palavras para agradecer – minhas lágrimas me impedem de continuar a falar.

– Calma, Elle. Você ainda não viu o quarto... – John beija meu pescoço – Tenho uma surpresa lá para você também.

*Safadinho...*

– Sabe, no momento eu não estou com cabeça para isso que você está pensando...

John me pergunta irônico:

– Tem certeza?

– Tenho! Mas não impediria você de tentar...

John me dá um beijo rápido na boca.

– Vamos para o quarto, espertinha.

Ele fica mais para trás e me deixa abrir a porta. Grito alto e corro para a cama, agarrando e caindo por cima da pessoa que estava sentada sorrindo para mim.

– Sam! – eu a abraço aperto e a encho de beijos, ela ri e faz o mesmo – Não acredito que você está aqui!

Como eu estava com saudade da minha *minion* favorita!

– Elle... Ar... Respirar... Por favor... – ops, acho que ainda sou um pouco Felícia com a Sam.

Meu sorriso deve ser maior do que o do Coringa. Me sinto radiante! O dia ontem começara lindo, mas a noite estava sendo perfeita. Eu me encontrava em êxtase.

– Desculpa! Como você conseguiu vir? – pergunto abismada – O Delegado deixou?

Aquela criatura fascista devia estar virando gente!

Samantha sorri.

– Não exatamente... Digamos que eu deveria estar em uma “excursão” da escola.

Ai, meu Deus! Se O Delegado descobrir, estaremos em sérios apuros.

– Elle! Volte a respirar – Sam fala rindo – Mamãe sabe, ela vai me dar cobertura!

– Assim espero... – Samantha não tinha noção do perigo. Até onde ela iria para desafiar o pai?

– Meninas, eu vou indo. – John fala ainda parado na porta.

– Oh, não... Por favor, fique à vontade e deite-se – Sam alisa um espaço vazio ao lado dela na cama – Pode até tirar a camisa se quiser. Eu não vou reclamar!

– Sam! Se Chris te ouvir falando assim com os homens, vai ter um infarto. – a repreendo.

– E por que ele se importaria? – Sam fala com desdém – Ele não se preocupou quando me deixou para trás.

Antes que eu possa falar, John se senta ao lado dela.

– Samantha, Chris não te abandonou de propósito. Ele foi expulso de casa, é diferente! – John passa um braço ao redor do seu ombro – Você sabia que Chris sempre falava sobre a irmãzinha dele? Ele sentiu muito a sua falta, não o culpe.

*Poxa!* Quem é esse e o que ele fez com John? Ele disse que ia tentar conquistar meu coração, mas caramba... Acho que está tentando invadir e dominar.

Sam enxuga uma lágrima.

– Obrigada, John... Mas a oferta ainda está de pé! – ela tenta esconder seu constrangimento com humor.

Ele se levanta e sorri com o canto da boca.

– Oferta tentadora! Mas não quero dar mais motivos para o Chris ter raiva de mim...

Ele sai pela porta e Sam olha como um gavião de suas costas para mim. *Oh, John!* Acho que você acabou de falar demais...

– Sam, volto já! – corro atrás de John, o alcanço já na varanda. Seguro seu braço, interrompendo sua caminhada. Ele me encara, olhos azuis sondando cada reação minha, falo do fundo do meu coração.

– Hoje eu te dei uma parte de mim, mas não esperava nada em troca. Bem, nada além do que ver estrelas – no sentido literal e figurado. – No entanto, você me devolveu uma parte minha que estava perdida. Aquela parte órfã que não tinha mais nada seu, nada que mostrasse suas raízes.

John segura o meu rosto com as duas mãos e beija minha boca com carinho.

– Eu gostaria de poder fazer mais, Elle. O presente que você me deu hoje... Mesmo que você

nunca me ame, eu sempre serei grato por isso. Por sua confiança em mim.

Congelo quando escuto a palavra com três letrinhas. John sorri com o canto da boca e beija meus lábios. Desta vez eu não o impeço quando ele se vira e vai embora. Volto para o quarto com a cabeça em um turbilhão de pensamentos. Não há ordem em meio ao caos em que se encontra minha mente e meu coração.

– Ei, Hello Kitty do mal! Me conte tudo e não esconda nada! – os olhos de Sam brilham com a antecipação pela fofoca.

– Hello Kitty do mal? – essa é novidade...

– Sim! Você fica aí muda, sem boca e ainda quer ser toda durona, mas eu te conheço Elle... Não passa de uma gatinha! – Samantha começa a rir de sua própria piada infame.

– Se superou, hein? Eu vou tomar um banho – definitivamente preciso de um.

– Ah, não! Você não vai fugir de mim! – Sam corre para o banheiro e senta no vaso sanitário – Desembucha logo.

Pelo jeito, terei plateia durante o banho.



# CAPÍTULO 21

Enquanto a água lava meu corpo, eu conto um pouco do que aconteceu nos últimos dias. Falo até do passeio de limusine, omitindo apenas os detalhes mais íntimos...

– E para onde ele te levou? – Sam pergunta curiosa.

– Para o planetário...

– Garoto esperto! – Ela bate palmas – Foi muito romântico o que ele fez aqui! Ele gosta de você, Elle! Você o ama também, não é?

– Como ele conseguiu trazer esses móveis para cá? – digo evasiva.

Escuto a risadinha de Sam. Ela sabe que estou fugindo de responder sua pergunta.

– Eu retornei a sua ligação naquele dia que você me disse que ia para um clube com ele. Fiquei desconfiada do porquê de ele atender seu celular... Mas agora faz sentido. Você devia estar desacordada por causa da droga!

John atendeu meu celular enquanto eu estava desmaiada? Lembro-me da nossa discussão um pouco antes de ir ao clube.

– Ele perguntou se eu tinha um namorado?

– Sim, foi uma das primeiras perguntas dele. Como você sabia?

– Intuição feminina... – *ciumento*.

– Na segunda, ele me ligou pedindo minha ajuda para trazer algumas coisas suas para cá.

– E você disse o que? – pergunto enquanto tiro o shampoo do meu cabelo.

– O que você acha que eu disse? Era seu aniversário e ele queria fazer uma surpresa dessa! Elle... Você é minha melhor amiga! É claro que eu tive que chantageá-lo para me trazer aqui em troca da minha ajuda. Ele conseguiu essa excursão misteriosa no colégio e cá estou eu.

Começo a rir! Sam era um perigo ambulante. Mas como o John teria conseguido isso?

– Agora fala logo. O cara manda trazer um caminhão de mudanças só para te agradar e ainda me traz junto!

A maior *mala* de todas...

– O que você quer que eu diga?

– Que está rolando algo eu já sei... Quero os detalhes sórdidos, é óbvio!

– Sam, posso terminar meu banho primeiro?

– Não! Deixe de me enrolar e saia desse chuveiro logo! – Sam dá a descarga no vaso, a água diminui e queima minhas costas.

*Filha da mãe!*

– Ok, ok... Não sei Sam... John me fascina. No início, eu o detestava – paro um por um momento para lembrar dos primeiros dias – Isso não é verdade... Eu não gostava do jeito que meu corpo respondia à sua presença.

– Por quê?

Esta era uma boa pergunta...

– Acho que me assustava... Saber que outra pessoa tinha tanto poder sobre mim. Mesmo antes dele ter me beijado pela primeira vez.

Sam abre a porta do box e me encara séria.

– Elle, você tem que desencanar disso. Se relacionar com alguém é doar uma parte de si mesma e receber algo valioso em troca: o coração de outra pessoa.

Enrolo a toalha em volta de mim e a abraço.

– Nossa Sam, isso foi lindo! – às vezes, Sam parecia ter muito mais do que seus 15 anos.

– É, eu sei... Tirei de um daqueles livros de banca de jornal. Não que a mamãe saiba que eu descobri sua coleção escondida. Tem cada cara quente na capa...

Caio na gargalhada. Sam já era uma pimenta, imagina como seria agora que estava mais...

*Instruída?*

– Falando em sua mãe, ela sabe que você está aqui?

– Sim! Parece que seu John é capaz de encantar as mulheres até por telefone. Ele até a convenceu a mentir para O Delegado, senão eu não teria vindo...

Sinto toda a animação da noite sumir... Este era o grande problema. John e as mulheres...

– Ei! O que foi? Eu disse alguma coisa errada? – Sam pergunta preocupada.

– Não, Sam. Você disse exatamente a coisa certa! – procuro nas gavetas e não há roupas de dormir. No closet só tem algumas das de festa que estavam no quarto de espelhos – Que droga! O que vou vestir agora?

Sam vasculha sua mala e joga para mim um par extra de pijamas. Olho duvidosa, aquilo iria ficar minúsculo em mim. Visto mesmo assim, era melhor do que deitar toda chique.

– Você tem medo que ele te traia? – Sam pergunta com a testa franzida.

Me jogo ao seu lado na enorme cama. Como senti saudades dos meus lençóis!

– Tecnicamente, ele já me traiu. – explico sobre o beijo e a festa para ela.

– Olha, Elle, eu entendo porque ele fez isso – Sam levanta uma mão para me silenciar – Não que tenha sido certa a atitude dele. Mas você o fez pagar, não foi?

– Sim... É que o Chris me alertou que sobre o John, mesmo antes de eu começar a trabalhar para ele.

Samantha se deita, dobrando os braços atrás da cabeça.

– E qual é a opinião dele agora?

– Ele não sabe... – suspiro alto.

Sam se senta em um pulo.

– E por que não? Pensei que ele iria ficar feliz! Chris sempre preferiu que você namorasse os amigos dele...

Isso por que os seus amigos sabiam que por trás da fachada pacata, havia um lutador faixa preta. Além disto, eles também tinham medo do pai dele. Então Chris garantia que nenhum cara partisse meu coração. Não acho que essa tática funcionaria com o John.

– O problema é que o resto do Jack Rock acha que Chris me ama, incluindo o John! – digo exasperada.

– O quê? – Sam parece chocada – Você não sabia? É claro que ele te ama! Eu também, caso você esteja se perguntando.



– Eles não falaram no sentido de amar um amigo, Sam...

– Eu entendi, Elle! Sabe que eu já perguntei a ele sobre vocês dois?

Balanço minha cabeça negando. Não sabia disso. Ela continua falando.

– Quando Chris começou a sair com garotas, eu era criança. Lembro de perguntar por que ele não namorava você, eu queria que você fosse da nossa família de verdade. Ele disse que não precisava disso, você já era nossa irmã do coração e é ele que bombeia o sangue pelo nosso corpo. Então se você pertencia ao nosso coração, já estava dentro de nossas veias e era sangue de nosso sangue. Parte da nossa família.

Meus olhos se enchem de lágrimas, como o Chris é especial! Abraço a Samantha, esses dois sempre estiveram presentes em minha vida. Eu os amava tanto! Preciso contar tudo ao Chris, eu não suportava mais omitir o John dele. Estava me corroendo por dentro.

– Obrigada, Sam! Só você para trazer luz à minha vida.

– Claro, eu sou quase um sol com pernas! Só que menos redondo – ela pisca um olho para mim – E muito mais quente!

Essa garota não tem jeito!

– Vamos dormir logo que amanhã o dia promete!

Sam e eu dormimos lado a lado, conversando até apagarmos de sono.



No dia seguinte, um barulho distante de sino me acorda. O que é isso? Demoro um segundo para lembrar onde estou e todos os acontecimentos do dia anterior. Um dos melhores dias da minha vida! E hoje eu pretendia ganhar uma aposta!

A campainha continua a tocar. Me levanto antes que acorde a Sam. Quando abro a porta da frente, me deparo com um muito apetitoso John. Ele está novamente com o cabelo em coque samurai e camiseta preta. *Testado e aprovado.*

John me analisa da cabeça aos pés, seus olhos brilham de luxúria. Eu estava com o pijama de

Sam, muito pequeno para o meu corpo.

– Elle, você está querendo causar um infarto em mim? – John entra me puxando para os seus braços. Ele me beija com força enquanto aperta minha bunda – Eu quero tirar essa roupa de você com os dentes!

Se não fosse a Sam dormindo no quarto ao lado... Eu poderia até concordar! Quem estou enganando? Eu não só iria deixar, como adoraria cada segundo...

– Nada de infartos hoje! Preciso de você saudável para perder nossa aposta.

Ele me apoia na parede, usando seu corpo para prender o meu. John coloca seu joelho entre minhas pernas. Oh, sim! Isso parecia divertido.

– Ah, Elle! Eu vi a quantidade de cartas que você ainda tem – ele beija minha garganta e sussurra em meu ouvido – Eu vou adorar ganhar esta aposta, sabia?

Eu me entrego ao seu beijo. Não iria estragar a surpresa de mais tarde. John me agarra. Ele parece ter mil mãos, assim como eu. Se entregar a ele e tê-lo a minha mercê era o paraíso.

– A gente podia ir para o meu quarto – John me diz entre beijos – Eu faria você ver estrelas novamente!

Kim iria chegar em breve e eu tinha muita coisa para fazer. *Que droga...*

– Por mais tentador que seja, John – dou um selinho em sua boca – Tenho uma aposta para vencer.

Me viro em direção ao corredor quando sinto um tapa em minha bunda.

– Nem você conseguiria um plano para responder estas cartas em poucas horas, Elle – John me agarra pelas costas. Sua respiração quente em meu pescoço – Eu vou adorar quando você for totalmente minha. E você também vai gostar, eu prometo.

Ah, eu vou gostar sim... De vê-lo engolir essas palavras.

John que me aguarde.

# CAPÍTULO 22

Fico na porta, observando John ir embora. Mesmo de costas, ele era gostoso.

– É, ele tem um bundão mesmo! – me assusto com a voz em meu ouvido. Por um segundo penso que meus pensamentos criaram mente própria.

– Bom dia, Sam! – viro para encontrar a pestinha sorrindo de orelha a orelha.

– Estava muito bom até você mandá-lo embora! – ela começa a se abanar – Nossa, bateu um calor só de olhar! Como é beijá-lo?

Fecho a porta e arrasto a “hormônios em fúria” para o banheiro;

– Toma um banho que passa o calor.

– Calma! Não precisa ficar com ciúmes...

– Ciumenta, eu? Você está louca! Eu não estou nem aí... – tranco a porta do banheiro – Se arrume logo, que daqui a pouco a Kim chega!

Escuto Sam resmungar através da porta:

– Claaaro... O que você disser, Elle.

Deixo-a falando sozinha e vou procurar minha roupa. Precisava de algo leve para o dia, a “festa” começaria às nove horas da manhã. Optei por um vestido soltinho e sapatilhas, cabelos presos em um rabo de cavalo e apenas rímel e gloss como maquiagem.

Sam sai do banho e se arruma também. Estava linda com um short curto, blusinha e sandálias de tira. Teria que ficar de olho nela, os homens ficariam encantados por sua beleza natural.

Estou tão feliz por tê-la aqui! Para o dia ser perfeito, só faltavam as duas pessoas que eu nunca poderia ter de volta.

– Ei, por que essa cara triste? – Sam me abraça quando as lágrimas começam a se formar – Nada de tristeza, Elle! Hoje vamos celebrar sua vida!

– Mas...

– Nada de “mas”! Seus pais estariam orgulhosos de você, sabia? – Sam alisa meu cabelo e o coloca atrás do meu ouvido.

– Por quê? O que eu fiz para eles terem orgulho?

Sam me olha com mais sabedoria do que deveria ser permitido para sua idade.

– Porque eles sempre te amaram e se orgulharam de você! Vamos Elle, se anime! Você está viva!

Lembro-me do que John me disse no cemitério: “*Viva por eles*”.

– Além disto – Sam complementa – Eu vou embora hoje à noite! Não quero ficar presa aqui com você choramingando.

Sorrio. Apenas Samantha poderia ir de sentimental à insensível em segundos. Quando estou secando minhas lágrimas, Kim surge no vão da porta. Ela corre e pula em cima de mim, quase derrubando a nós duas.

– Parabéns, Elle! – Kim pula animada – Pronta para fazer o John sofrer?

– E por que ela faria isso? – Sam pergunta sem entender nada. *Oh, merda!* Sam sabe demais e Kim de menos. Ninguém mais deveria saber antes de eu conversar com Chris.

Tenho que falar com ele hoje!

– Kim, você conhece Samantha? – me intrometo entre as duas – Ela é a irmã de Chris.

Kim arregala os olhos.

– Sim! Claro! Nossa, você é ainda mais linda pessoalmente e é a cara do seu irmão.

– Obrigada! – Sam pisca o olho para Kim – Mas eu sou mais descolada.

Kim começa a rir.

– Vejo que vamos nos dar muito bem, garota!

Ai, meu Deus... Tenho o pressentimento que estas duas juntas não era uma boa ideia. Principalmente para mim!

Kim sai correndo e volta com um embrulho de presente grande e colorido.

– Este é para você, mas não pode abrir agora! Só mais tarde...

Não sei o que tem na caixa, mas se o brilho malicioso na expressão dela é alguma indicação... Com certeza deve ser *divertido*.

Uma batida na porta chama minha atenção:

– Senhorita Helena, está tudo pronto. – Gabriel avisa.

Me viro para minha nova Dupla Dinâmica:

– Meninas, chegou a hora de arrasar!

A minha festa aconteceria ao redor da piscina e seria regada a churrasco, cerveja e margueritas. Uma tenda foi montada entre os jardins, com DJ e luzes negras para a noite, quando teríamos uma balada para finalizar.

Mas era na quadra de esportes que eu estava interessada. Gabriel fez exatamente o que pedi, dispôs três piscinas infláveis uma ao lado da outra. Junto delas havia todas as caixas de cartas, formando uma pirâmide de papelão.

Em pouco tempo começaram a chegar os convidados. Kim escolheu cada um dos que estariam presentes nesta primeira parte da “festa”. A maioria eram os *roadies* e suas famílias, dispostos a me ajudar.

Ainda era cedo e já tinham umas vinte pessoas. Kim me prometeu cem. Para que meu plano desse certo, precisaria do máximo de pessoas possíveis. Começo a explicar o que será feito antes que John apareça.

– Bom dia! Obrigada por virem ao meu aniversário. O presente que me darão hoje é maior do que qualquer objeto que poderiam comprar – aponto para as pilhas de caixas – Vocês concordaram em me ajudar a responder todas estas cartas de fãs. A primeira parte será dividi-las em três categorias: fãs normais, psicóticas e putas.

Todos começam a rir das categorias escolhidas. Mas fazer o quê? Não havia como adoçar a verdade! Começo a explicar sobre as três piscinas. Em uma, eles deveriam colocar das fãs “normais”, estas seriam guardadas. Na outra, seriam colocados os envelopes para enviar a resposta. Na terceira piscina estariam as cartas com envelopes das psicóticas. Qualquer ameaça, seja para elas ou para a banda, seria analisada por Gabriel e sua equipe antes de decidir como responder.

– E as putas? – Um cara pergunta, ganhando risadinhas dos outros.

– Estas vocês podem jogar ali – aponto para a pilha de madeira próximo à piscina – Servirão de lenha para a fogueira.

#QueimeAsVadias.

Gabriel aparece arrastando uma enorme mesa de madeira com mais dois seguranças.

– Onde coloco isso, senhorita Helena?

Odeio ser chamada assim... Preciso conversar com John sobre isso.

– Aqui, perto da piscina com envelopes, por favor!

Corro para a garagem com Gab e pegamos os itens escondidos. Uma caixa com as fotos de John, consegui uma inédita dele do último ensaio fotográfico com a camisa do “Clave de Sol”. O autógrafo foi fácil, bastou pedir com carinho.

Enviei para uma gráfica e eles já mandaram as centenas de fotos dentro do envelope. Agora era só recortar os endereços e colar no verso. Rápido e prático.

Quando retorno todos estão posicionados. As crianças se divertindo na piscina de verdade, enquanto os homens separavam cartas nas infláveis. As mulheres ficaram com a parte de preparar o envelope com as respostas.

Parecíamos Charlie Chaplin em “Tempos modernos”. Isso até Kim ligar o som alto e a música invadir o ambiente: todos começaram a cantar enquanto trabalhávamos. Agora estávamos mais para um desenho da Disney. Ficou até divertido! Mais ou menos...

*Era hora de ganhar uma aposta.*

Estou distraída colando o endereço de uma fã no envelope quando uma voz irritada fala em meu ouvido:

– Você sabe que isso é trapaça!

Aperto a cola com força e sujo toda a minha mão e a mesa.

– Droga, John! Quem você pensa que é para aparecer do nada? O Mestre dos Magos? Que susto!

Ele não graça da minha piada. Em uma escala de zero a dez, ele está puto nível 15. Levanto-me e vou em direção à minha casa para lavar as mãos.

– Você não vai fugir de mim! – John me segue – Você sabe que isso não vale.

– E por que não? A gente não definiu nenhuma regra – indico a maçaneta da porta – Se importa?

Ele abre a porta para mim e me acompanha dentro de casa. Vou direto ao banheiro para tirar a cola das minhas mãos.

– Tecnicamente, eu não posso estar trapaceando quando não há regras para serem quebradas... – digo com um ar de vitória.

Ele fecha os olhos e respira fundo por um segundo, se acalmando.

– Tem razão, Helena – John cola seu corpo junto às minhas costas. Ele coloca meus cabelos de lado, expondo meu pescoço. Observá-lo pelo espelho me beijando e acariciando era erótico – Da próxima vez eu terei mais cuidado... E eu achando que você aumentou a aposta por que estava ansiosa para ser *totalmente* minha.

– Sabe, até hoje não entendi bem como isso de ser “totalmente sua” funcionaria. – Enfatizo fazendo aspas no ar com os dedos.

John me vira, colocando-me em cima da pia.

– Simples, Elle. Você teria que me ouvir e fazer o que peço. Sem brigas ou discussões. Só um pouco de obediência...

Ah, que iludido. Eu não consigo obedecer nem a mim mesma! Mas isso quer dizer que...

– Você é um *dom*? – Pergunto de braços cruzados. Isso não iria dar certo.

– Não, Elle. E você também não ter perfil para ser uma *sub* – *óbvio* – Eu só queria ter certeza que você não vai...

– Não vai o quê, John? – coloco meus braços ao redor de seu pescoço.

– Fugir de mim, porra! – John segura meu rosto com ambas as mãos – Eu só queria uma garantia que você é minha.

Quase me arrependo de ter feito um plano para ganhar a aposta. *Quase*.

– No amor e na guerra vale tudo e não há garantias, John!

John me encara com uma intensidade que tira o meu fôlego.

– E o que estamos fazendo aqui, Elle? Amor ou guerra?

Sou salva de responder quando Sam grita da sala:

– Elle, Chris chegou!

Desço da pia e vou para a área da festa receber meu melhor amigo.

Aquela era uma boa pergunta... O que eu estava fazendo aqui?





# CAPÍTULO 23

– Feliz aniversário, Elle! – Chris me abraça apertado – Você agora é oficialmente uma garota emancipada.

É verdade! Eu havia esquecido deste detalhe, agora eu era a única responsável por mim mesma.

– Droga! Perdi a chance de cometer um crime e colocar a culpa no meu tutor... – digo sorrindo.

– Você ainda pode dizer que foi por má influência dele! – Sam fala agarrando o irmão. Mesmo que tentasse parecer indiferente, era claro o amor dela por Chris.

– Não dê ideias! – Chris beija o topo da cabeça de Sam e me entrega uma pequena caixa de veludo. É preta e retangular – Parabéns.

Abro a caixa. Era um colar com um pingente oval todo em ouro branco. Sua frente estava gravada com um lindo padrão de flores em alto relevo, circundando o símbolo do infinito.

– Solte a trava, Elle. – Chris me instrui.

Na lateral, encontro uma pequena trava que desbloqueava o delicado pingente, revelando uma fotografia em preto e branco dos meus pais. Era uma foto antiga de um dos meus aniversários. Eles estavam lindos e felizes. Meus olhos se enchem de lágrimas.

Chris retira o colar da minha mão e coloca no meu pescoço.

– Assim você sempre os terá perto do coração.

– Obrigada, Cris! – me penduro em seu pescoço e tento falar, apesar dos meus lábios estarem trementes – Eu não sei o que fiz para merecer um amigo como você, além de nascer na casa ao lado!

Ele limpa minhas lágrimas.

– Ei, hoje deveria ser um dia feliz! E você merece muito mais, não só de mim, mas de todos nós.

– Por que de todos vocês?

– Sem Elle, não haveria Jack Rock! – Chris alisa com o polegar minha testa franzida – O Delegado eventualmente teria matado a música dentro de mim e...

– Ai, meu Deus! Vocês são tão doces que vou terminar com diabetes! – Kim reclama ao nosso lado.

Sam complementa:

– Imagina crescer com esses dois? Eu deveria ser canonizada!

– Você? Santa? Está mais para pestinha! – digo rindo de sua cara indignada.

– Mas você me ama!

– É claro que amo! – aperto sua bochecha – Você é minha *minion* favorita!

Sam bate na minha mão e Kim fala:

– E você, Chris, ama a Elle?

– Sim, 18 anos atrás ela foi o primeiro bebê que eu vi – Chris levanta o canto da boca em um meio sorriso, como se estivesse lembrando de algo bom – E ainda hoje ela é minha menina.

Sam cruza os braços emburrada.

– E eu sou o quê?

Chris a puxa e a envolve em seus braços.

– Você também é minha menina! As duas são.

Sam estira a língua para mim e todos riem. *Menos eu*. A pergunta de Kim só me lembrava da conversa que não poderia adiar mais. Eu nunca escondi nada dele antes e fazer isto agora estava nos afastando. Eu não deveria permitir que nada se intrometesse na nossa amizade, mesmo John.

– É aqui que estão todos se escondendo, hein? – Alysson me agarra em um abraço de urso – Muito bonito, Elle! Você coloca todo mundo para trabalhar e foge? Parabéns... Por seu aniversário, não por transformar todo mundo em seu escravo!

– Obrigada, Aly – *eu acho...*

– Oláááá, Alyson! – Sam estende a mão para ele. Opa! Alerta hormônios em fúria.

– Olá para você também! – Aly a encara por um segundo, ele parece... Fascinado – Você é a

irmãzinha mais nova do Chris, não é?

Chris responde grosso por Sam:

– Sim, ela é!

Alysson olha novamente para ela e bagunça seus cabelos com as mãos.

– Que lindinha! Bem-vinda ao Jack Rock, garota!

Ele faz isso e se afasta. Mesmo quando criança Samantha odiava ser infantilizada. Pelo jeito que ela está fuzilando as costas de Alysson, isto não deve ter mudado muito.

– Vamos! Aly tem razão, tenho que voltar para as cartas, não é justo ficar aqui conversando. – eu poderia conversar com o Chris depois da festa.



Ao pôr do sol, tínhamos uma pilha de cartas fofas de fãs embaladas em um enorme saco lacrado a vácuo. Estas seriam guardadas para a posteridade. Gabriel e os outros seguranças levaram as cartas das psicóticas, que seriam analisadas com calma.

E as que tinham fotos explícitas? Queime, vadia, queime!

Estávamos todos agora ao redor da fogueira, tocando violão e cantando. Peço a Chris uma das minhas músicas favoritas. Havia sido a primeira música que ele cantou na escola, aquela que minha mãe ouviu e construiu um esconderijo secreto só para que ele tivesse um lugar para praticar.

Quando os primeiros acordes de Ben, do *Jackson's Five* começam a tocar, sou transportada para um outro tempo. Uma época mais simples, de amigos, mães e brincadeiras...

*“Ben, the two of us need look no more*

*We both found what we were looking for*

*With a friend to call my own*

*I'll never be alone*

*And you, my friend will see*

*You've got a friend in me''* [\[5\]](#)

Sam envolve seus braços em meus ombros. Ela sabe o significado da música para mim, coloco a cabeça em seu colo e deixo a nostalgia me levar. Observo o Chris tocar, eu nunca estive sozinha por causa dele.

Existem tantas formas de amor! O que sinto por Chris é uma das mais puras: eu já o amava mesmo antes de entender o que este sentimento significava. Ele era meu amigo e protetor, meu irmão. Como Chris disse para Sam tantos anos antes, nós estávamos um no coração do outro. E não havia ligação maior do que esta.

John está sentado ao lado de Chris, tocando o violão junto com ele. Porém não canta, sua concentração está em mim. Eu mal havia falado com ele após o nosso encontro no banheiro e tenho certeza que não estava muito feliz por ter perdido a aposta.

Quando o Chris termina de cantar, todos aplaudem. Como eu sentia orgulho dele! Os anos só aperfeiçoaram o seu talento. Estávamos prestes a começar outra música quando Kim se levanta.

– Ok, pessoal! Que tal nos organizarmos para a segunda parte da festa?

– Hein?

Ela me olha sem paciência.

– Acorda, Elle! A parte que a gente bebe e dança até cair!

– Finalmente! – Sam pula e fica em pé – Eu vou embora daqui a pouco e tudo que fiz foi colar meus dedos!

Estava tão cansada depois de responder todas as cartas que havia esquecido! Kim já tinha avisado aos convidados que a festa seria em duas etapas.

John fala para todos:

– Quem quiser tomar banho e se arrumar, pode ficar à vontade. Maria irá mostrar os quartos.

Ainda bem que aqui tinha tantos banheiros quanto um palácio.

Ok, talvez eu tenha exagerado um pouco...

– Ótimo! Em duas horas nos encontramos aqui novamente. – isso deve dar tempo da maioria se arrumar.

Sam enlaça seu braço com o meu, Kim faz o mesmo do outro lado. Esta fala em voz baixa:

– Elle, hora de te dar o meu presente!

Sam solta uma risadinha. O que estas duas estão aprontando?



# CAPÍTULO 24

Ao entrarmos na minha casa, Kim conecta seu iPhone ao meu sistema de som. Logo “*Man I feel like a woman*”, da Shania Twain começa a tocar. Pego três taças na cozinha e sirvo a kriptonita que roubei do bar.

Hm... Tenho certeza que esta não é a versão leve!

– Meninas – Kim levanta sua bebida em um brinde – Hora de celebrar e esquecer que algumas de nós não têm idade para beber... Pelo menos por uma noite!

Batemos nossas taças e viramos a dose. Eu e Sam começamos a tossir, enquanto Kim ri de nossa inabilidade de tomar álcool como ela.

– Vocês ainda têm muito a aprender, pequenos Gafanhotos!

Quando minha garganta para de queimar, eu consigo falar:

– Cala a boca e vamos escolher nossa roupa!

Entre refis de bebida que um garçom continuou trazendo para nós, danças em cima da cama, maquiagem e cabelo, demoramos três horas para nos arrumar. Essas duas loucas pareciam ter sido separadas no nascimento!

– Nós poderíamos ser As Panteras! – Sam fala animada.

– Com certeza a gente pode chutar alguns traseiros – olho para os meus pés descalços – Agora só faltam os meus sapatos...

Começo a procurar no closet as opções quando Kim me mostra sua caixa de presente.

– Para eu te dar isso, primeiro tenho que explicar o que representa. Lembra dos sapatos de rubi da Dorothy em O Mágico de Oz?

Balanço a cabeça concordando. Creio que todo mundo lembrava disso...

– Os sapatos de uma garota podem ser poderosos. Eles são capazes de levantar o astral ou apenas fazer relaxar. Os da Dorothy podiam levá-la para onde seu coração desejasse! Ela só precisava ter certeza de qual caminho iria trilhar...



Kim sinaliza para eu abrir a caixa. Dentro havia uma linda bota cano médio de couro vermelha escura. Seu salto era de pelo menos sete centímetros, quadrado e marrom. Do mesmo tom do cadarço que a amarrava na frente. Linda!

Calço a bota, ela chegava até a metade da minha canela, dava cor e vida ao meu figurino. Eu usava uma blusa listrada com mangas 3/4 e uma saia godê em couro preto que ia até o meio das minhas coxas. Meu cabelo estava em um coque baixo desfiado, com alguns fios soltos. Kim se empolgou na maquiagem, meu olho estava bem marcado com delineador e sombra preta. Nos lábios, um batom vermelho.

Estou olhando encantada para o meu novo sapato no espelho quando Kim continua:

– No dia que eu rompi com meus pais na minha festa de debutante, eu usava botas iguais à esta. Você agora é a única responsável por sua vida, Elle. Que seus pés a levem para o caminho da felicidade!

Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Nossa, Kim. É perfeito, muito obrigada!

Kim tinha razão, era hora de ser responsável. Estava emancipada e só eu poderia responder por minhas ações. Era a hora de crescer.

Sam pula em cima de nós duas.

– Ok, hora das Panteras detonarem!

Nos olhamos uma última vez no espelho. Kim usava um short jeans preto de cintura alta todo tachado, meia fina fumê e uma bota preta super alta que passava acima do seu joelho, combinando com uma t-shirt preta com desenho de caveira, bem em seu estilo. Sua maquiagem era um delineador muito marcado e um batom vinho escuro.

A Sam usava um vestido preto que assentava em seu quadril perfeitamente dando um detalhe em *cut out* na cintura. Este se ligava às várias tiras trançadas das costas ao ombro, ficando solto da cintura para baixo, até alcançar o alto de suas coxas. Parecia ainda mais felina com o seu salto quinze no modelo “meia pata”, totalmente rosa chiclete e seus longos cabelos bagunçados em lindas ondas.

Após uma última dose do que estava se tornando minha bebida favorita, fomos para a festa. Todos já estavam se divertindo na enorme tenda, dançando sob as luzes negras. Eu entro primeiro,

com Kim à minha direita e Sam à esquerda. Usando as botas vermelhas, com vodca na veia e minhas amigas ao meu lado, eu realmente me sentia poderosa!

Alysson foi o primeiro que encontramos. Ele estava dançando com uma roda de meninas. Havia pelo menos quatro delas e Aly no meio. Esse homem não se cansava nunca? Quando nos vê, ele interrompe seus movimentos. Parece momentaneamente congelado.

Aly pisca os olhos e disfarça, voltando a dançar com as garotas. Só gostaria de saber qual de nós três provocou esta reação nele...

Chris está concentrado em uma conversa com Bobby e mais duas mulheres. *Ai, meu Deus...* Será que a #NiCadeira foi convidada? Se eu tivesse comprado um bolo de aniversário, seria o meu pedido quando soprasse a vela. Estar livre de Nicole... Este sim seria um grande presente!

*Onde está John?*

Sam se pendura em meu braço.

– Elle, aquele ali é quem estou pensando?

Sigo a direção que ela indica e vejo seu alvo. É um famoso cantor de dezoito anos, alto e com cabelos castanhos. Seus olhos escuros se concentram em Sam. Acotovelo Kim e aponto com a cabeça os dois se encarando através da tenda.

– Vamos Sam, eu tenho alguém para te apresentar! – Kim a leva até o rapaz. Espere que ela enfatize a parte que Sam é irmã de Chris, assim o garoto não a confundirá com as vadias oferecidas que circulavam por aqui. *Quem as convidou?* Elas pareciam baratas! Causavam nojo nas outras mulheres, eram indesejadas e onde havia uma, sempre tinha mais.

Como se eu precisasse me preocupar com Samantha! Ela tinha mais personalidade em um dedo do que todas estas garotas juntas.

Não vejo John aqui, então vou até o bar montado próximo à piscina e peço mais um copo de kriptonita. O barman joga uma bolinha dentro e começa a sair fumaça. *Gelo seco!* Amei, parecia que estava tomando algum experimento científico.

Algumas pessoas estão espalhadas pelos jardins e outras ainda na piscina. Quanta disposição! Estou voltando para a tenda quando um garçom me entrega um bilhete escrito: “*me encontre no escritório, J.*”

Então foi lá que ele se meteu! Disfarço minha fuga e corro ao seu encontro. Quando entro no

escritório, ele está de costas para mim, olhando para fora através da porta de vidro. As luzes estão apagadas, a única iluminação vem dos holofotes distantes na entrada da casa.

John está vestido todo de negro e com os cabelos soltos. Fecho a porta e ele se vira para mim, seu olhar viaja por todo meu corpo, da cabeça aos pés. Ele não precisa falar nada, caminha até mim com um propósito. Como um predador cercando sua presa.

Coloco minha bebida em cima da mesa segundos antes de suas mãos me envolverem. Beijar John sempre me levava às alturas, mas fazer isto enquanto estava levemente bêbada era... Surreal. Ele podia parecer um felino, mas eu que me sentia selvagem.

Somos uma confusão de bocas, língua, pele e mãos. Não há preliminares, eu o quero aqui e agora. Não me importo que seja contra a estante de livros. Deixe que os grandes autores testemunhem minha história.

– Elle, só você consegue tirar todo o controle de mim! – John está ofegante, apoia sua testa na minha – Eu não te chamei aqui para isso.

Levanto uma sobrancelha.

– Está reclamando?

John me pega no colo e senta no sofá comigo por cima dele.

– Não, espertinha. Eu tinha todo um discurso preparado e quando te vi com essa roupa – ele me olha ainda com desejo – Eu esqueci tudo.

– Eu pensava que o vencedor que deveria fazer um discurso, não? – beijo rápido sua boca e me levanto. Onde minha calcinha foi parar? Ah! Achei pendurada na cópia de O Código da Vinci. O sorriso da Mona Lisa seria bem maior se ela tivesse um John por perto...

Observo John jogar a camisinha fora e vestir sua calça jeans. Ele volta a se sentar e eu coloco a cabeça em seu colo. John alisa meus cabelos, terminando de soltar o coque que Sam demorou meia hora fazendo. Ajudava a passar o efeito do álcool.

Minha kryptonita! Pulo para resgatar o copo da mesa.

– Você está mesmo bebendo isso? – John olha atravessado para o líquido verde.

– Claro, não foi culpa dela ter sido batizada naquele clube! – digo tomando um gole e me apoiando em seu peito. Ele passa a mão na minha cintura, me aproximando mais. Era bom estar

aninhada assim.

– Vai me dizer seu discurso ou não? E por que você está escondido?

– Bem, era exatamente sobre isso que eu ia falar. O porquê de estar aqui... – John segura meu queixo, virando minha cabeça para encará-lo – Primeiro eu preciso saber por que você me escolheu. Eu não sou perfeito e você sabe disso, Elle. Desde ontem isto está me atormentando. Por que eu?



# CAPÍTULO 25

Penso por um segundo... Por que escolhi o John?

– Uma vez, uma garota muito esperta me disse que seu conceito de perfeição vinha com vários defeitos – beijo sua boca com carinho – E eu concordo com ela. Ninguém é perfeito, John! E essa é a beleza da natureza humana, tentamos ser o nosso melhor, apesar dos defeitos que possuímos. Eu te escolhi por que há uma parte de mim que clama por você.

Meu sorriso é tão grande quanto o seu.

– Mesmo que você me enlouqueça na maior parte do tempo.

*Só espero não estar enganada...*

– Eu estava aqui, Elle, por que as garotas estavam me cercando lá fora. Eu não queria nenhuma delas me tocando.

Me lembro da outra festa, quando o vi beijar uma garota qualquer. Aquilo me machucou mais do que eu jamais admitiria.

– Eu acho que terei que aprender a lidar com elas, não é? – tomo um gole para disfarçar meu incômodo – Você é amado em todo o país e sempre vai ter mulheres tentando te agarrar.

E é como John vai líder com elas que definirá nosso relacionamento. Se é que temos um.

– Existe uma coisa que facilitaria isso... – John fala enquanto desenha com o dedo padrões circulares em minha coxa.

– E o que seria? Eu te atar à cabeceira da minha cama e fazer de você meu escravo pessoal? – digo brincando. *Até que não seria má ideia...*

– A gente pode brincar disso sempre que quiser, Helena... – John afasta meu cabelo e beija minha garganta – Minha solução é menos radical. A gente podia assumir o nosso namoro publicamente.

Ele me pediu em namoro ou afirmou que estamos namorando?

– Isso foi um pedido? – sento-me ereta de frente a ele.

John me olha meio preocupado.

– Você não me quer?

– Eu quero que você me pergunte antes de assumir qualquer coisa, John. Um relacionamento que se baseia na briga pelo poder, está fadado ao fracasso – pego em sua mão, unindo-o a mim – Nós temos que combinar e não impor, ok?

John me observa com os olhos meio cerrados.

– Isso quer dizer que você vai começar a me ouvir?

– Desde que você entenda que ouvir é diferente de obedecer, sim. – John precisava compreender que eu não era uma florzinha delicada que faria tudo que ele comandasse. Companheirismo era a chave do sucesso.

John me perguntou pela manhã se o que fazíamos era amor ou guerra. Ainda não sabia se isto seria o início de um amor, mas eu esperava que fosse o final de uma guerra.

– Ok, Helena. Venha selar nosso acordo – ele me puxa de volta para seu colo e me beija com paixão. Suas mãos começam a subir minha saia, mas eu fico em pé e ajeito minha roupa.

– Agora não, John, tenho convidados esperando! Já fiquei tempo demais aqui... – apesar de eu não conhecer a maioria deles. Ainda assim era rude.

John se levanta e me segue para fora do escritório.

– Você quer falar com o Chris primeiro?

– Sim! Nós somos os melhores amigos dele, ele tem que saber antes. Vá lá para fora que eu vou me arrumar.

Corro para me recompor no banheiro, limpo o batom borrado e refaço o coque no cabelo. Passo no bar primeiro, preciso de coragem líquida para me sentir poderosa novamente.

Na tenda, Kim e Sam estão dançando com o cantor e dois modelos. Chris bebe uma cerveja no canto, algumas mulheres tentam chamar sua atenção, mas ele observa a irmã como um gavião.

– Você não confia na Sam? – pergunto quando vejo sua expressão fechada.

– Não! E nem nesses caras ou em Kim. Eu conheço o pouco juízo da Samantha – ele me olha e sorri com o canto da boca – Vamos dançar?

Cruzo meus braços.

– Deixe-me adivinhar, a gente vai dançando até ficar ao lado deles e você poder ouvir sobre o que estão conversando?

– Elle, você sempre tem as melhores ideias! Vamos lá – Chris me puxa até o meio da pista. Eu procuro John com o olha. Agora eu era aquela que estava sendo observada por um gavião. Aceno com a cabeça, convidando-o para se juntar à nós.

Chris está preocupado com Sam, então eu posso contar sobre o John depois da festa. Por enquanto, podíamos nos divertir todos juntos.

Estava tocando músicas de baladas e eu dançava com Chris e John. Depois de um tempo ele esqueceu um pouco a Sam e nós três curtimos juntos por diversas canções seguidas. Isto até uma unha cor de rosa querer serpentear pelo peito de John.

– Olá, *Ella!* Feliz aniversário amiga! *#Parabéns.*

*#NiCadela.*

– Obrigada, Nicole. – *Agora vaza daqui!*

– Que festinha bonitinha, amiga! – ela olha ao redor com cara de nojo – É verdade que você convidou os *roadies* e ainda os colocou para trabalhar? Pelo menos você sabe como tratar os subalternos, querida!

Tento segurar o ódio por esta criatura! Se seu pai não fosse o responsável por tirar Chris das ruas, eu já teria arrancado seus fios de cabelo. *Um por um.*

– Nicole, está na hora de você ir embora – John fala ríspido.

Ela coloca a mão no ombro dele.

– Mas John, eu não fiz nada! – ela se vira para mim – Foi um elogio, Ella, querida!

John se afasta de seu toque e Chris fala:

– O nome dela é Elle, Nicole. Por favor, saia daqui.

Uma roda se forma ao nosso redor. A *#NiCadela* parece perdida por um segundo, mas logo o jeito altivo retorna.

– Quem você pensa que é? Só por que eles estão ao seu lado agora, não quer dizer que vão



estar para sempre. Você não passa de um brinquedinho novo que logo será abandonado quando aparecer outro mais bonito! – Nicole grita com ódio.

Dou um passo à frente, me separando dos rapazes. A cadela tinha irritado meus nervos. Seguro Nicole com as duas mãos pela blusa, aproximando seu rosto do meu.

– Você se engana se acha que preciso da proteção deles. É comigo que você vai ter que lidar.

– E comigo! – Sam aparece ao meu lado – É melhor fugir, #NiCadela ou eu vou enfiar meu salto rosa em sua cara até ele mudar de cor para vermelho. Entendeu?

Se eu não estivesse tão zangada riria de Sam. Ela falava sério em tirar sangue da Nicole, já vi acontecer antes.

– Eu com certeza não te convidei! – Kim diz.

Nicole tenta se soltar do meu aperto, mas anos de judô garantiram que eu tivesse uma pegada forte. Ela não era páreo para mim.

– Me solte! Eu não preciso de convite! Sou #VIP, queridinha. Posso ir aonde quiser! – ela olha meio assustada para Sam – E quem é essa miniatura de psicopata?

– Esta é minha irmã e é melhor você ficar longe dela. – Chris diz em tom de ameaça.

John fala baixo, apenas o suficiente para ela ouvir:

– VIP ou não, você não é mais bem-vinda em minha casa. Entendeu, Nicole?

Ela não tocaria mais em John, a vitória era minha. Eu a solto e a #NiCadela se desequilibra em seu salto agulha, caindo no chão.

– Vocês vão pagar por isto! – ela se levanta com ódio e tenta avançar para cima de mim. Eu dou um tapa em seu rosto, não usei toda minha força, mas mesmo assim sua cara virou para o lado. Bobby surge ao lado da filha.

– É o suficiente, Nicole. – ele se vira para John e Chris – Amanhã conversaremos sobre isso. Kim, venha comigo.

– Ah, tio! – Kim cruza os braços sobre o peito.

– Agora, Cassandra! Preciso ter uma conversa com você. – nunca tinha ouvido alguém a chamar por seu nome verdadeiro. Ela segue o tio ainda contrariada.

Chris e John começam a discutir entre si sobre o que o Bob faria no dia seguinte.

Me viro para Sam:

– Vamos! Está quase na hora do seu voo.

A festa continua rolando enquanto eu e Sam arrumamos a mala dela. Eu me despeço prometendo revê-la em breve. Gabriel e Chris vão levá-la ao aeroporto.

Não tenho mais clima para festa, apesar da adrenalina ainda estar pulsando em minhas veias. A #NiCadela estragou meus planos de falar com o Chris! Mas dar um tapa em sua cara foi uma ótima recompensa.

Depois que Sam e Chris entram no carro, eu volto para a minha casa. Levo um enorme susto quando vejo John sentado na penumbra da minha sala.

– Você foi vampiro em outra vida? – mania de aparecer do nada e andar sem fazer barulho!

– Por quê? É algum fetiche? Eu posso passar glitter no corpo, se isto te excita... – John pergunta sugestivo. Jogo uma almofada em seu rosto.

Ele se aproxima e me puxa para o seu colo.

– Você me desculpa por Nicole?

Em que John tinha que se desculpar? Pelo mau gosto em mulheres?

– Você não tem culpa – pulo feliz em seu colo – Mas obrigada por colocá-la no lugar dela.

John me vira, colocando seu peso em cima de mim.

– De nada!

Ele se aproxima e me beija. A minha saia sobe até a cintura, facilitando seu acesso. John tinha um talento com as mãos e não era apenas no sentido musical. Álcool, adrenalina, rock e John... Que mistura inebriante.

Retiro sua camisa, minhas mãos precisam de liberdade para explorar. Quando John estava prestes a tirar minha blusa, uma voz irada grita ao nosso lado:

– O que porra está acontecendo aqui?

*Merda!*

– Chris!



# CAPÍTULO 26

– Chris! – eu e John nos levantamos do sofá. Chris nos encara calado, a decepção estava evidente em sua expressão. Sua fúria silenciosa era pior do que se ele estivesse gritando comigo. Parecia uma calmaria antes da tempestade.

– É isso, Helena? Esse era seu grande “trabalho”, a marca que você deixaria no mundo? – ele olha com asco de mim para John – Nunca esperei uma atitude tão... Puta de você!

Desfiro um tapa em sua cara.

– Nunca mais fale assim comigo! O que aconteceu entre mim e John não tem nada a ver com o trabalho!

John se intromete entre nós dois.

– É melhor você dar um passo para trás e se acalmar, porra!

– Eu não sei qual de vocês dois é o pior! – Chris cospe as palavras com raiva – Há quanto tempo isto vem rolando pelas minhas costas, hein?

– Eu não quis te magoar, Chris. Simplesmente aconteceu! Mas eu ia te...

Chris me interrompe aos gritos:

– *O quê??* Vai dizer que você ia me contar tudo? – Chris empurra John e segura meus ombros. Sacudindo-os – Fala, Helena! Se eu não tivesse desistido de ir com Sam ao aeroporto, nunca ficaria sabendo!

– Eu iria sim! – as lágrimas escorrem do meu rosto – Mas a Nicole apareceu e não consegui falar!

– Solta ela, caralho! – John berra e tira as mãos do Chris de cima de mim. Os dois se encaram – Helena não é a única que escondeu a verdade. Diga para ela Chris! Por que você está com tanta raiva? Vamos resolver isso logo de uma vez!

Chris mal olha para mim antes de dizer:

– Isso não importa mais. Eu pensei que você confiava em mim, Elle. Agora... – Chris balança a cabeça para os lados, em negação – Eu não sei quem você é!

Mais do que suas palavras, era a mágoa em seu olhar que me machucava. Chris se vira para sair quando John fala:

– Covarde!

Em um piscar de olho, Chris tem seu antebraço apertando o pescoço de John, prensando-o contra a parede. Seu punho direito está levantado, mirando o rosto daquele que meia hora atrás ele considerava seu melhor amigo.

– Chris, não! – meu grito ecoa pela casa.

Seu braço treme de fúria e ele soca a parede à milímetros da cabeça de John.

– Quer saber, vocês dois se merecem! Você não conhece o John e nunca vai conhecer, Helena! Só não venha chorando para mim quando ele partir seu coração.

Chris para na porta, sua expressão é fria e sem compaixão. A boca dele abre como se quisesse falar algo, mas volta a se fechar em uma linha reta.

Que tola eu fui! Pensei que tinha colado um pouco do meu coração mais cedo com John, porém ele se estilhaça novamente. Chris vira as costas para mim e vai embora, sem olhar para trás uma única vez. Sento-me no chão e choro por mais uma grande perda em minha vida. Sinto como se estivesse entrando em luto novamente.

– Chris me odeia, John – falo soluçando – Eu o perdi também.

John se agacha junto a mim e eu abraço seu tronco, apoiando minha cabeça em seu peito. Ele acaricia minha cabeça, em uma tentativa de me acalmar.

– Não, Elle. Ele está magoado agora, mas um dia você poderá conversar e fazê-lo entender. Enquanto Chris estiver vivo, ainda haverá esperança – John levanta meu rosto e limpa minhas lágrimas – Você está comigo agora, vamos juntos recuperar a amizade dele, ok?

Aceno concordando, mas sem muita convicção. Nunca tinha visto Chris tão transtornado! Eu tinha John ao meu lado, mas ele não tinha ninguém... Precisava ter certeza que estava bem, levanto-me e pego meu celular.

– Oi – Kim atende com voz entediada – A festa já ficou chata sem mim?

Tento falar, mas falho. Apenas na segunda vez a minha voz sai:

– Kim, preciso de sua ajuda!

Explico resumidamente o que aconteceu, ela escuta calada até o fim.

– Eu te avisei, Elle. Falei que isso não daria certo! Obrigada por foder minha banda.

– Kim, eu...

Ela não me deixa terminar:

– Eu sei que você não fez por mal, Elle. Mas de boa intenção o inferno está cheio! Deixe suas desculpas para outra pessoa que queira ouvir, eu vou ver como meu amigo está.

Kim desliga na minha cara e eu jogo o telefone no chão, quebrando-o em pedaços. Eu estraguei tudo! John me abraça por trás, prendendo meus braços junto ao meu corpo.

– Calma, Elle! Respire. – eu não quero respirar! Quero gritar e chorar com a raiva que sinto de mim mesma. John me leva até o quarto e se deita na cama comigo, choro em seu peito até adormecer.

Mesmo quando Chris foi embora quatro anos atrás, ele nunca me abandonou completamente. Agora era diferente, havia um espaço vazio sangrando em meu coração. Era o pedaço que Chris levou consigo, eu só esperava um dia poder recuperá-lo.



No dia seguinte, acordo sozinha e me sentindo um lixo. Eu tive outro pesadelo, mas desta vez Chris queimava no fogo, enquanto gritava por mim. Eu não conseguia alcançá-lo, estava presa ao chão, imobilizada.

Saio da cama ainda com a sensação de mau agouro. Olho-me no espelho, a maquiagem borrada, a roupa amassada, sem as botas da Dorothy e com uma ressaca marcando minhas feições. Minha aparência exterior refletia a interior. Eu estava um caos.

Ligo o sistema de som e a melodia de uma orquestra seguida pela poderosa voz de Freddie Mercury invade o ambiente. *How can I go on* era um clássico e uma das favoritas de minha mãe. Um dueto perfeito dele com a soprano Montserrat Caballé que refletia todas as minhas preocupações.

Como eu iria continuar sem aquele que sempre esteve comigo?

Vou em direção ao banheiro quando noto uma enorme caixa encostada contra a janela. O que era aquilo? Rasgo o papel de presente, era um telescópio semiprofissional. Junto havia um bilhete: *“Para que você sempre possa observar as estrelas de perto. Eu gostaria de dar o Universo em tuas mãos, Helena. Como não posso, terei que me contentar apenas com as constelações. Feliz aniversário, John. ”*

Oh, Deus! Estes homens seriam minha perdição. Tomo um banho e tento assimilar o turbilhão de sentimentos dentro de mim. Eu havia machucado Chris para ter John, eu não era maquiavélica a ponto de afirmar que os “os fins justificavam os meios”.

Os meus “meios” foram errados. Por que eu adiei tanto? Se eu tivesse sido honesta desde o início, nada disso teria acontecido.

– Elle, você está bem? – John questiona.

– Sim... mais ou menos. – digo incerta.

– Venha – John me envolve em seus braços – vamos dar um tempo para ele se acalmar.

– E depois?

– Depois a gente fala com o Chris. – ele fala enquanto me beija.

Eu só gostaria de ter a mesma confiança de John.





# CAPÍTULO 27

Os dias se passam e Chris ainda não atende minhas ligações ou me recebe em sua casa. Kim passou duas semanas sem falar comigo, mas após muita insistência minha, ela quebrou sua lei do silêncio. Ainda bem! Era ela que me dava notícias de como o Chris estava. Alysson foi o único que em nenhum momento escolheu lados. Ele sempre tentava me animar quando me via.

John se mostrava cada vez mais dedicado. Ele tentava cumprir sua parte da aposta. Todo dia contava um pedaço de seu passado, pequenos detalhes que para mim eram como tesouros. Não que eu me contentasse com “migalhas”, mas era perceptível seu esforço em se abrir.

Me dediquei mais ao trabalho. Eu precisava ocupar minha mente ou enlouqueceria! O show beneficente seria amanhã e cuidei dos preparativos até a exaustão. Desta vez, não pedi a ajuda de Nicole. Eu evitaria a #NiCadela ao máximo.

– Elle? – John me tira dos meus devaneios – Está na hora do ensaio, você vem?

Fico em pé em um pulo, não perderia essa oportunidade por nada! Chris não poderia mais fugir de mim. John está parado, mudando seu peso de um pé para o outro.

– Desembucha logo, John! – digo impaciente.

Ele expira alto.

– E se o Chris não quiser ensaiar por que você está lá?

Eu não havia pensado nisso... Será que o amor de Chris pela música era maior do que sua raiva por mim? Era isso que eu iria descobrir...

O show aconteceria no local das futuras instalações da “Clave de Sol”. O espaço não era tão grande, então apenas convidados participariam. Em sua maioria, patrocinadores e pessoas influentes que poderiam se engajar na campanha.

As crianças já cadastradas no programa também viriam. Elas estavam em lares provisórios durante a construção da sede. Eu os queria na primeira fila, elas precisavam sentir a vibração do show e sonhar que no futuro poderiam ser os próximos a subir no palco.

Quando entro, Chris está concentrado afinando sua guitarra. Meu coração se aperta de ansiedade! Quando ele me vê, sua boca se comprime de raiva e sai do palco, indo para o *backstage*.

Foda-se isso! Ele vai me ouvir, mesmo que eu tenha que amarrá-lo com as cordas de sua guitarra! Corro atrás dele. *Você não vai mais fugir de mim!*

Chris está no camarim, peço aos *roadies* que não nos incomodem, ninguém deve entrar ou sair sem minha autorização. Eles não me questionam, há dias era eu quem estava mandando no lugar. Tento abrir a porta, mas está trancada.

– Cris, destranque a porcaria da porta!

– Vá embora, Elle! – ele grita em resposta.

Uso minha chave mestra e entro sem ser convidada. Eu montei esse show, é claro que conhecia todos os truques. Uma vez dentro, tranco novamente e retiro ambas as chaves da fechadura. Ele não teria escapatória.

– Agora você vai me ouvir – digo contundente. Antes dele abrir a boca para protestar, eu seguro seu braço e o faço sentar no sofá – Chris, você nunca mais vai falar comigo? Vamos acabar com nossa amizade de uma vida inteira?

Seus lábios ainda estão cerrados e os olhos carregados de mágoa, mas ele responde:

– E para que serve uma amizade como a nossa, se não há confiança?

– Este é o problema? – pergunto tentando entender toda a fonte de sua raiva – Você acha que eu não confio em você?

– Não, Helena, *eu* não confio mais em você! – o golpe é duro e me acerta em cheio, como ele sabia que faria.

– Então é isso? Estou condenada sem direito à defesa? – seguro minhas lágrimas, eu não iria chorar. Chris permanece indiferente – O que mais te magoa? Eu estar com o John ou não ter te contado que tinha interesse nele?

Chris franze a testa.

– Tem diferença?

*Ah, tem sim e muita!* Espero sua resposta.

– Um pouco dos dois, Elle. Eu te avisei sobre ele, disse para ficar longe e o que você fez? Foi para os braços do John na primeira oportunidade! Você nunca vai ser feliz com ele... No momento que começar a conhecê-lo, ele vai te largar! John não deixa ninguém se aproximar.

Chris fala tudo com raiva e em um fôlego só. Esta barreira com John eu estava quebrando aos poucos, mas ele não sabia.

– Então o quê? Você me expulsa da sua vida por que estava preocupado em me proteger? – olho para ele tentando entender sua lógica – Isso não faz sentido algum! Olha, eu errei sim. Eu deveria ter dito do início, mas foi tudo muito rápido, eu não o suportava no início... – luto para encontrar as palavras.

Chris apenas estreita seus olhos para mim. Pelo menos, ele está me ouvindo.

– Não foi premeditado, Chris! Aconteceu! Eu ia te falar naquele dia, mas você foi embora com a Sam – suspiro cansada – Por mais que me assustasse, eu ia te contar, acredite em mim! Me perdoe, por favor.

– Por que te assustaria me falar a verdade? – suas palavras são carregadas com intensidade.

Eu preciso ser honesta pelo menos uma vez.

– Porque desde que eu cheguei, as pessoas insinuam que você é apaixonado por mim. Me diga, Chris... O que *você* tem escondido?

Ele me observa, como se decidisse o que falar.

– Eu te amei no momento que coloquei os olhos em você, Elle – Chris segura minha mão, mas logo solta. Parecia que minha pele era feita de ácido para ele – Você era minha pequena travessa. Aquela que me enlouquecia e me fazia rir, a que me permitiu seguir meu sonho...

Apesar da tristeza que sentia, sorrio com a lembrança. Chris sempre cuidou de mim e eu dele. John tinha razão, nosso amor era puro! Nascido antes mesmo de termos idade para entender o que este sentimento significava. Contudo, existem diversas formas de amor. Ele era mais que um irmão, fazia parte de mim, mas o que eu era para ele?

– E agora? – meu coração parece que vai pular do peito.

Sua resposta determinaria nosso futuro.

Chris se levanta e dá as costas para mim, observando um ponto qualquer da parede.

– Quando eu te vi machucada naquele hospital, entre a vida e a morte, algo dentro de mim se quebrou. Entenda, Elle, desde criança eu assumi o papel de seu protetor. Quando fui embora, sabia que estaria segura com seus pais...

Ele volta sua atenção para mim.

– Mas você não estava, parecia abandonada naquela maca hospitalar... Perdida. Eu quis cuidar de você novamente, mas não pude. Não era mais a minha menina, estava adulta.

– Me desculpe, Chris. Eu sabia que seu primeiro instinto seria este, sempre foi – fico retorcendo barra da minha saia, em um gesto nervoso – Nos primeiros anos, eu seguia seus passos. O problema é que você nunca percebia que eu estava crescendo! Na sua cabeça você era meu protetor, quando na realidade, éramos parceiros.

Me levanto e coloco a mão em seu ombro.

– Eu necessito de você, não de sua proteção, ok? Não ache que sou mal-agradecida, eu sei o seu valor e reconheço a minha sorte em te ter ao meu lado. Mas eu devo me virar sozinha, preciso cometer meus próprios erros e aprender com eles!



# CAPÍTULO 28

– Então é isso que John é para você? – Chris pergunta com sarcasmo – Um erro? Você me disse uma vez que se sentia confusa e não queria se envolver com ninguém. Era mais uma mentira? Eu pensei que vocês fossem os meus melhores amigos, mas nenhum teve a decência de me contar a verdade!

Agora eu que procurava um ponto qualquer no chão para olhar. Me abrir com ele, enquanto suportava suas acusações, era desgastante.

– John pode até ser um erro, mas não foi planejado. A gente devia ter te dito logo! Não tenho desculpas para justificar isto! Ele conseguiu me alcançar em meio à confusão que minha mente estava. Eu passei de odiá-lo a... a... – luto para encontrar as palavras.

– A o quê, Helena? – a pergunta de Chris ecoa no camarim.

– A... Estar com ele! – digo.

Chris levanta minha cabeça, forçando-me a encará-lo.

– Você o ama, Elle?

*Amar o John?* Eu não poderia amá-lo em tão pouco tempo, não é? Me lembro de seu sorriso de deboche no hospital, do apoio silencioso no velório e do seu sarcasmo provocativo. Do seu jeito sedutor e a preocupação com meus pesadelos, mesmo que fosse do jeito explosivo dele.

Do carinho nos pequenos detalhes, mobiliar a casa com os móveis dos meus pais para eu sentir que tinha um lar. O planetário, o telescópio e o nosso dia a dia. Seus raros momentos de insegurança e o mistério que é seu passado. Do seu corpo e do jeito que ele me faz sentir. Tudo aquilo que me atraía nele...

– Seu silêncio já é resposta suficiente, Helena – Chris me olha com expressão neutra. Não consigo decifrar o que está pensando. Ele se dirige à porta – Destrave, a banda está me esperando.

Abro a porta. Minha mente ainda estava em piloto automático, eu amar o meu chefe egocêntrico, megalomaniaco, narcisista e mulherengo? Isto seria uma loucura! Porém, John era muito mais do que esses rótulos impostos pelo meu preconceito.

– Espero que dê tudo certo para vocês – Chris fala ainda com rancor, mas suaviza a voz antes

de continuar – Eu não quero ver você machucada. Mas não tenho fé, Elle. Como você disse, John pode até ter te alcançado na confusão em que sua mente estava. Mas eu não acredito que você possa chegar ao que ele guarda dentro de si.

Dito isso Chris vai embora. Só depois que ele sai é que percebo um detalhe. Em nenhum momento, ele respondeu a minha pergunta. Chris não negou ou afirmou se os boatos eram verdadeiros. *Merda!*

Eu não tinha cabeça para assistir aos ensaios, então pedi a Gabriel para me deixar em casa. Era final da tarde e eu precisava pensar em tudo que foi dito hoje. Estendo um cobertor na grama, aos pés do flamboyant. Deixo minha mente vagar, enquanto observo o vermelho de suas flores e sinto a brisa fria me refrescar.

– Elle? – alguém me sacode gentilmente – Elle? Acorde.

Abro meus olhos, está escuro e frio. John enrola um cobertor em volta dos meus ombros, eu me apoio em seu peito.

– Você está gelada! – ele esfrega meus braços por baixo do edredom.

– Eu adormeci... – falo ainda letárgica do sono.

– Percebi – John aponta para alguns sacos pardos de restaurante – Eu trouxe sushi! Já que estamos aqui, quer fazer um piquenique?

– De sushi? – não era muito comum.

John dá de ombros.

– Sim, por que não?

Pego os pratos e ligo uma música no meu novo celular. Teremos um jantar à luz da lua. John toma um gole do saquê antes de falar:

– Chris veio conversar comigo hoje... Se bem que era mais uma ameaça do que conversa.

– O que ele disse? – faço furos no salmão cru com meu hashi.

– Ele disse que tinha falado com você – John levanta uma sobrancelha para o coitado do salmão que eu tinha destruído – E, dentre outras coisas, que eu deveria cuidar de você ou teria que me entender com ele.



Sorrio sem humor. Típico do Chris, ele disse o mesmo para todos os meus outros namorados.

– Não se preocupe com isso. Se fizer merda, vai ter que se entender é comigo!

Eu o beijo. Mal tive tempo para ele hoje. John joga os pratos sujos na grama e me deita no cobertor. Hoje nossas carícias teriam novamente o céu de testemunha, porém desta vez não seriam apenas hologramas no teto.

Deito no peito de John, exausta e ofegante, assim como ele. Mas algo do que Chris me disse, martela no fundo da minha mente:

– John, o que você tanto esconde do seu passado?

Ele fica tenso, sinto seus bíceps enrijecerem à minha volta. John fica calado por um momento antes de finalmente começar a falar.

– Eu fui testemunha de uma coisa que nenhuma criança deveria ser – ele se senta, seus olhos estão tempestuosos – Por favor, Helena. Não desenterre meu passado, não há nada nele que te afete, eu juro!

Posso perceber que o assunto o deixa perturbado. O que ele teria visto? Será que eu deveria deixar o passado para trás? Talvez possa fazê-lo se abrir aos poucos! Assim, ele iria falando mais e mais sem perceber...

Tento mudar de assunto para aliviar o clima:

– Eu amei essa árvore! É tão linda, sem folhas, apenas flores.

– Não era primavera quando comprei a casa, então não sabia que ficaria assim. Foi uma boa surpresa.

– Imagino! Por que você mora tão isolado dos outros? – tento sondar.

– Era um sonho de infância! – John dá de ombros – Eu sempre quis ter uma casa grande, um lar para chamar de meu. E eu não deveria estar isolado! Chris deveria ter comprado a mansão ao lado, mas ele disse que queria esperar por sua decisão. Algo sobre uma promessa que ele tinha feito antes de sair de casa...

– Sim, Chris é um homem de palavra! – Lembro de anos atrás, eu fiz o Chris prometer que não me esqueceria. Ele disse que compraria nossas casas quando ficasse famoso, assim poderíamos ser vizinhos até envelhecer.

– Pode-se dizer que sim. Porém, Chris queria ter certeza que você se daria bem comigo, antes de fazer a compra – John pisca o olho para mim – Acho que a gente se dá bem, hein?

Sorrio de seu jeito brincalhão até tudo que ele falou se infiltrar em minha mente.

Oh, Deus! Como não percebi isso antes? Como pude ser tão burra?

Olho chocada para John, o homem a quem entreguei meu corpo e talvez o meu coração. A pessoa que eu pensei conhecer.

– Quem é você?

# CAPÍTULO 29

– Me diga! Quem é você? – me levanto e ando de um lado para o outro, nervosa – *John!* Ou deveria te chamar de Arthur?

Pela primeira vez percebo uma grande vulnerabilidade no olhar de John. Ele parece assombrado.

– Como você soube?

– Isso importa? Você disse que não escondia nada que me afetaria! – grito nervosa – Mas sabia quanto eu me preocupava com o paradeiro do Arthur! E escondeu de mim mesmo assim.. Eu cheguei a duvidar da índole do Chris por causa disso, caramba!

John segura meus ombros e fala sério:

– Elle, me diga como descobriu! Isso é importante!

– Por quê? – pergunto estoica. Eu queria a verdade dele! Sabia que John e Chris escondiam algo de mim, mas nunca imaginei isto.

– Por que eu preciso cobrir meus rastros e achar que falha no meu disfarce você encontrou! – John, Arthur, ou seja lá quem ele fosse, estava nervoso.

– Eu quis dizer o porquê de você fingir ser outra pessoa – falo decidida para ele – Ou você me diz ou vai ter que descobrir sozinho como eu soube, e correr o risco de outras pessoas descobrirem! *Qui pro quo, Arthur.*

Ele suspira alto, a indecisão é perceptível em seu jeito de se portar. Não irei ceder, eu quero a verdade.

– Ok, Elle. Vamos para o meu quarto, lá tem isolamento acústico. – ele diz derrotado.

John pega o resto do saquê e bebe em um gole só. Ele que tome toda a coragem líquida que precisa, desde que abra o bico e comece a falar. Eu me sento na borda de sua cama e ele puxa uma poltrona até ficar de frente para mim.

– Eu já te falei sobre minha mãe. Seu apelido era realmente Sol, ela era uma imigrante mexicana chamada Soledad. O meu pai era descendente de alemão e ele era o melhor pai do mundo,

até que... – John respira fundo algumas vezes. Seus olhos estão tempestuosos e ele fala perdido em um passado remoto:

– Eu tinha três anos quando meu pai morreu. Ele nasceu com um problema cardíaco que nunca tinha sido descoberto. Em um dia éramos uma família feliz, no outro o médico estava dizendo à minha mãe que tinha sido um milagre ele ter sobrevivido até os 26 anos.

“Mamãe sofreu muito e eu também, mas ela quase entrou em depressão. A música a salvou. Ela aprendeu violão e piano, e sua voz era igual a de um anjo. Minha mãe me ensinou desde pequeno a cantar e tocar. ”

“Quando eu tinha sete anos, ela conheceu um homem mais velho. Ele parecia ser um cara legal, se chamava Carlos e também fazia parte da comunidade mexicana. Brincava comigo e nos levava para passear. Minha mãe ficava mais feliz com ele ao seu lado. ”

“Eles se casaram meses depois. Ela achou que era importante eu ter um exemplo de homem em casa. Porém, o que ela não esperava era que ele se transformasse em outra pessoa após o casamento. ”

“Era como se Carlos tivesse fingido até conseguir o que queria: minha mãe. Ele era abusivo, no início só com palavras, minando sua autoestima aos poucos e ela aguentava calada. Eu não sabia! Ela fingia que estava tudo bem, mas cada vez mais suas músicas se tornavam tristes, melancólicas...”

“Eu já estava com oito anos quando ele perdeu o emprego. Brigou com outro funcionário na empresa que trabalhava, foi demitido e passou a ficar mais tempo em casa. Carlos começou a beber muito, de repente suas agressões verbais não eram suficientes. ”

“Começaram com os empurrões, depois eram tapas até evoluir para murros. Minha mãe não saía de casa mais. Eu tentava protegê-la, mas era muito pequeno, franzino. A música era seu único escape, mas ela nunca mais pode voltar a fazer as aulas e cantar com os amigos. ”

“Sua voz havia perdido a alegria de viver. Eu não entendia por que ela não o abandonava, mas o que eu não sabia era que Carlos havia me ameaçado. Ele disse que se ela o largasse, ele iria nos caçar e me matar. Mamãe não podia arriscar. ”

“Aos meus nove anos, mamãe já não me ensinava mais a tocar. Ela tinha perdido seu ânimo, Carlos tinha conseguido o que desejava. Ele havia quebrado sua alma. ”

“Um dia, eu a encontrei chorando no canto, com o olho roxo. Eu não aguentava mais, podia ser franzino, mas era alto para minha idade. E mesmo que não fosse, eu não me importava, estava

vendo tudo vermelho. ”

“Foi muito estúpido da minha parte achar que poderia ir contra um adulto. Mas eu só queria proteger a minha mãe. Ele estava na cozinha, colocando mais uísque em seu copo quando eu avancei em suas costas. Pela primeira vez, Carlos me bateu, e seu soco foi tão forte que me jogou no chão. ”

“Minha mãe veio correndo e gritou com ele. Me ver machucado despertou algo profundo nela, parecia uma leoa protegendo seu filhote. Ela disse que iria embora, não aguentaria mais, mas ele a empurrou e a jogou contra o piso. Carlos disse que jamais permitiria isso, então ele... Ele pegou uma faca de cortar carnes que estava em cima da pia...”

“Eu também ainda estava no chão, indefeso, assustado... Era um alvo fácil. Carlos se ajoelhou, mirando em meu coração, porém quando ele levantou a faca para desferir o golpe, minha mãe pulou em cima de mim. Me abraçando...”

“Ouvi a faca entrar em suas costas e seu grito de dor! Eu estava cara a cara com ela, vi minha mãe dar sua vida pela minha. Seu último suspiro foi “fuja”, e então ela tinha ido embora para sempre. ”

“Carlos urrou de raiva, chutou o corpo sem vida da minha mãe para o lado, tentando me alcançar. Eu aproveitei um momento de distração quando ele parou para olhá-la e fiz o que ela mandou: fugi. Ele tentou me pegar, mas estava bêbado e eu era mais rápido. ”

“Enquanto eu corria sem destino pela noite escura, ele gritou que se eu o denunciasse, ele iria me encontrar e me mataria também.”

John termina o relato com a voz embargada, suas lágrimas escorrem livremente por sua face, e as minhas também. Eu não fazia ideia que ele tinha passado por tudo isto. Que horrível! Ter sua mãe tirada de você assim. Vê-la sofrer durante anos para nunca achar a felicidade.

Eu o puxo para o meu colo, abraçando-o.

– Me desculpe por fazer você reviver isso, John. – eu sabia que ele escondia algo obscuro em sua alma, nunca imaginei que tivesse sido tão traumático.

Ele tenta se recompor e volta para a cadeira, mas seus olhos ainda brilham de lágrimas não derramadas.

– Eu até precisava disso, Helena. Guardo há tanto tempo.

– Ninguém mais sabe? Você foge ainda hoje? – ele deveria viver com medo – É por isto que você se tranca aqui e tem tantas seguranças?

– Sim e não – John apoia sua cabeça no encosto da poltrona e fecha os olhos. Parece que contar tudo havia sugado todas as suas forças – Eu não fujo mais, porém ainda gosto de me sentir seguro. É uma boa mudança em comparação com os anos que passei sozinho na rua.

– Eu não entendo, por que você mudou de nome?

– Eu fugi e me escondi nas ruas, vivia de esmola. Cantava nos parques para agradecer o dinheiro que me davam. Dias depois eu voltei para minha casa – a dor na expressão de John corta meu coração – Passei dias observando escondido, mas ninguém entrava ou saía. Então em uma madrugada, eu quebrei uma janela e entrei.

– Ele estava lá? – pergunto.

– Não, ele fugiu. Não havia rastros dele ou da minha mãe, tudo estava limpo. Eu corri para o meu quarto para pegar algumas roupas e um dinheiro que eu tinha escondido. Em cima da minha cama estava o velho violão da minha mãe – John vai até o closet e volta com um violão desgastado. Ele me mostra uma linha entalhada na parte inferior – Está vendo essa marca? Era onde a faca estava cravada com um bilhete.

– E você o guardou até hoje? – eu teria medo até de tocar nele...

– Sim, é a única lembrança que tenho da minha mãe – ele sorri para o instrumento como se fosse um ente querido – Ele me protegeu também! Com o violão pude cantar e tocar nas esquinas por dinheiro. Cada nota musical dele era como se eu ouvisse a voz dela de volta.

Ele passa a mão no objeto com reverência.

– É o bem mais precioso que tenho.

– O que dizia o bilhete? – minha voz sai em um sussurro.

– Dizia que eu fui culpado pela morte dela, que ele tinha saído para se “livrar” do problema que eu criei. E que se eu ou a polícia estivessem aqui quando voltasse, ninguém iria se jogar na minha frente para salvar minha vida. Eu era lixo morto e ele estava louco para me enterrar.

– Meu Deus, que homem horrível! – meu coração se aperta por ele – Você sabe que não tem culpa, não é?

John dá de ombros, não concordando muito.

– Cresci nas sombras da sociedade, perdido e esquecido, abandonado à minha própria sorte. Quando eu tinha treze anos, pisei na área de uma gangue, eu não sabia que estava invadindo... Eles quase me espancaram até a morte.

Minha boca está aberta em choque, quanto sofrimento uma criança podia aguentar?

– O que te salvou?





# CAPÍTULO 30

– *Quem* me salvou foi um homem forte, com cara de mau e um coração de ouro. Você o conheceu, o segurança John.

Lembro do John hipertrofiado, eles realmente pareciam se gostar.

– É por isso que você adotou o nome de John? Ele foi seu salvador? – pergunto curiosa.

– Sim! Eu tive vários salvadores, mas ele foi o primeiro a me dar a mão. John deixava eu dormir escondido em um quatinho do clube noturno. Naquela época era bem menor e sujo. Eu o reformei assim que comecei a ganhar dinheiro.

– Quem foram seus outros salvadores? – cada vez mais estava envolvida em seu relato.

– Maria era a cozinheira de lá, ela se encantou comigo por que eu sabia espanhol e eu a ajudava com a louça em troca de comida. – John fala com certo saudosismo.

Franzo a testa:

– E você a faz trabalhar em sua casa até hoje?

Ele sorri da minha indignação.

– Maria tem uma ala aqui só para ela! Ela não é minha funcionária, nunca foi.

– Vocês mentiram para mim dizendo que ela era sua governanta?

– Ela disse que era a governanta, ou você a viu pela casa e assumiu isso? – ele pergunta com a sobrelha levantada – Cozinhar é seu *hobby* favorito e ela não consegue ficar parada.

Tento lembrar de quando conheci Maria... Ela falou que era a governanta! Não foi?

– Ok, Arthur, continue sua história. Onde o Jack Rock entra nisso tudo?

John parece chateado.

– Não me chame de Arthur, eu não gosto. Arthur era um perdedor franzino e assustado que causou a morte da mãe. Eu sou John.

Lembro do que ele falou no primeiro dia que entrei nesta casa. Ele queria ser John como o

John Wayne, Rambo e o duro de matar. Agora fazia sentido, eram personagens fortes, bons de briga e que sabiam se defender e proteger os outros.

– Como os astros de Hollywood?

– Exatamente!

– Mas e o Rei Arthur? – faço uma piada para melhorar seu humor – Ele sabia como manipular uma espada.

John me olha de um jeito sugestivo e puxa minha cabeça para dar um beijo.

– Eu sei manipular muito bem minha espada, Helena.

E como!

– Não me enrola, John! Termina de falar!

– Você que me distraiu! – ele volta a se sentar – Um dia, eu e John estávamos voltando para o clube quando ouvimos barulhos de uma briga. Eram três moleques contra um rapaz, o garoto lutava bem, mas um o atingiu com canivete nas costas. Eu gritei e fomos ajudar, mas os pivetes fugiram. Foi assim que conheci o Chris.

Solto um grito e tapo a minha boca com minha mão. Chris foi ferido em uma luta? Ele nunca me disse! Eu sabia que ele ficava me protegendo da verdade, eu poderia tê-lo perdido para sempre...

John se senta ao meu lado e me abraça.

– Chris era mais novo que eu, e ele lembrava a mim mesmo quando comecei a morar nas ruas e não tinha ninguém ao meu lado.

– O que você fez por ele? – eu sabia que Arthur o tinha ajudado, só não sabia como.

John dá de ombros, tentando diminuir sua importância em ter salvo a vida de Chris.

– Nada demais. Ele dividiu o quartinho comigo e me ajudava a cuidar do clube. Depois passamos a tocar juntos. Chris me ensinou diversos truques no violão que eu não conhecia. O resto você já sabe.

– Não sei, não! Por que trocou de nome?

– Eu nunca havia contado a ninguém sobre minha mãe. Chris sabia um pouco, mas não tudo. Quando Bob surgiu, ele foi pesquisar meus antecedentes. O corpo da minha mãe havia sido

encontrado anos antes e eu não fazia ideia!

John se levanta agitado.

– Carlos cimentou seus pés em uma pedra e a jogou no rio! Dois anos depois, uma equipe de biólogos foi pesquisar uma espécie de peixe endêmica e durante um dos mergulhos a encontraram. Eles a identificaram pelas digitais, mas não havia eu ou Carlos para explicar o que tinha acontecido.

– Nossa, John! – falo abismada – E o que você fez?

– Bob discutiu comigo, querendo saber a verdade. Terminei contando tudo para ele e Chris, e eles me convenceram a ir para a delegacia. Fiz a denúncia, mas com a ameaça de morte e o Carlos desaparecido, eu era um candidato a entrar para o programa de proteção às testemunhas.

– Cara... Ser um astro do rock não é exatamente discreto!

Seu disfarce era o pior possível!

John sorri.

– Eu não queria mais fugir, Elle. Havia encontrado amigos e pela primeira vez tinha a chance de um futuro com a banda. O delegado com quem fomos conversar era amigo de Bob, logo, a nossa primeira conversa tinha sido extraoficial. Ele queria me mandar para longe e o Bob me queria para a banda.

– Já sei que Bob ganhou, mas como? – minha curiosidade estava me matando! Quanto mais ele falava, mais eu queria saber.

– Chris surgiu com um plano. Eu adotaria um novo nome e mudaria minha aparência, só até que eles achassem o Carlos. Veja, eu tinha informações sobre os hábitos dele que ajudariam nas buscas. Com isto e meu testemunho, eles poderiam emitir um mandato de prisão.

Eita! Chris tinha convivido tempo demais com Sam e seus planos mirabolantes.

– Bob me mandou para um nutricionista, tomei suplementos alimentares e fiz academia. Deixei o cabelo e a barba crescerem, assumi o nome de John. Tudo isso enquanto a polícia procurava por Carlos e nós ensaiávamos para ser o Jack Rock. Kim e Aly nunca souberam a verdade.

– E a polícia achou esse Carlos? – será que ele ainda estava solto?

– Sim, demorou um ano e meio, mas ele foi preso pelo assassinato da minha mãe. Carlos não me reconheceria de qualquer jeito, eu tinha nove anos quando fugi de casa. Agora estava tão diferente

que nem eu mesmo sabia quem eu era.

– E por que você continua como John? – lembro-me da nossa ida ao clube – Quem você foi ver? E por que não chamou a polícia? – levanto-me nervosa – Meu Deus, você conhecia o cara que me drogou?

– Calma, Elle! Respira! Tenha paciência, porra! – John levanta as duas mãos com palma para cima, em sinal de rendição – Eu continuo como John por que Arthur era um perdedor. É claro que eu não conhecia aquele cara! Se eu conhecesse, o filho da puta estaria preso!

Cruzo meus braços.

– Estaria?

– Claro, Elle! Eu evito a polícia por que não me traz boas lembranças, foi muito difícil testemunhar e detalhar cada aspecto do que aconteceu com minha mãe! Além disso, não posso correr o risco de algum repórter vir xeretar.

Olho para o John. Como eu o havia julgado mal! A opulência da casa, a arrogância, o distanciamento... Tudo fachada para esconder o menino perdido que havia dentro dele. E não posso esquecer que foi ele quem tirou Chris das ruas, forneceu teto, trabalho e amizade... Devolveu a dignidade a ele.

Pulo em seu pescoço e o beijo com carinho.

– Obrigada por ter cuidado do Chris!

John, ainda triste, alisa meu cabelo, colocando-o por trás da minha orelha.

– Quando íamos dormir, Chris contava as histórias de quando ele era criança. Você estava em quase todas elas! E muitas vezes, ao invés de ter os mesmos pesadelos que me assombravam por anos, eu sonhava com você.

John anda até a cama e me deita com cuidado nela, ele se inclina ao meu lado. Acariciando meu rosto com a mão e me dando pequenos beijos salpicados enquanto falava:

– Você era meu sonho, a menina com olhos de mel. Eu queria tanto te conhecer, mas eu tinha medo que a Elle real fosse diferente da imaginária.

– E eu era?

Ele me dá um meio sorriso.

– Sim, você era melhor, espertinha! Me tirou dos eixos – seu sorriso murcha – Eu sei que eu fui egoísta com meu melhor amigo, mas eu precisava de você também. E acho que no fundo, o Chris sempre soube disso.

Me sento com sua última declaração.

– O quê?

– A conversa que eu tive com Chris hoje... Ele me disse que desconfiava da minha intenção desde o hospital, porque eu nunca havia permitido funcionários dentro de casa. Apenas a equipe de limpeza que vem, faz seu trabalho e vai embora. Mas ele nunca pensou que você fosse cair na minha.

– Por quê?

John me dá um sorriso de deboche.

– Porque eu sou arrogante, megalomaniaco e mulherengo. Não era disso que você me chamava?

– Não esqueça do egocêntrico! – sorrio para ele – John podia até conquistar meu corpo, mas foram nos momentos que você mostrava seu eu verdadeiro, o Arthur, que me apaixonei por você...

Arregalo meus olhos, minha respiração para. O que eu tinha acabado de falar?

John parece estar em êxtase, ele beija minha boca aberta de choque por minha própria declaração involuntária.

– Eu também estou apaixonado por você, Elle. Há anos me sinto assim.

Tento formular qualquer pensamento coerente em minha mente, mas a emoção de suas palavras me deixa sem resposta. Até que eu lembro de um detalhe:

– Então você não me contratou para se livrar da #NiCadela?

– Não, espertinha! Eu nunca me importei com a Nicole, ela que foi a desculpa perfeita para contratar você. Agora eu já falei demais! É sua vez de me dizer tudo, como descobriu que eu era Arthur?

– Lembra daquela história que você me contou sobre querer morar em uma mansão e Chris comprar a casa ao lado? Você disse que Chris não aceitou porque havia prometido que eu e ele seríamos vizinhos até envelhecer?

– Sim, Chris disse que primeiro você precisava me conhecer e querer ser minha vizinha. Sem você, ele não compraria casa nenhuma! – John diz impaciente – O que isso tem a ver com você descobrindo a verdade, Elle?

– Simples! Na primeira noite que eu dormi na casa do Chris, ele me contou a mesma história. Só que na versão dele, esta conversa tinha acontecido com Arthur e não com John – beijo sua boca aberta em descrença – Desculpa, você contou tudo por uma brecha mínima que só eu descobriria. Mas veja pelo lado bom, seu nome verdadeiro ainda está bem protegido!

– Ah, Helena! – John se deita por cima de mim – Você vai pagar por me enganar!

Ele me beija com fervor renovado.

*Oh!* Deste jeito eu pagaria até com juro, se ele quisesse.

# CAPÍTULO 31

*Estou deitada na estrada de barro, jogada à própria sorte. Não posso mover, minhas pernas não me obedecem. Olho para o lado, chamas! Duas sombras na fumaça, mamãe? Papai? Saíam daí! Não estão vendo o fogo?*

*As labaredas avançam, engolindo as sombras. Não! Voltem, por favor! Elas se aproximam cada vez mais, vão me alcançar. Não consigo fugir, eu não quero fugir! As chamas me abraçam, estão queimando e me consumindo. Não grito, não tenho voz. Apenas aceito a dor da morte.*

*Abro os olhos, estou em pé em uma rua escura. Escuto um grito. Mamãe? Papai? Corro para socorrê-los, mas encontro uma criança perdida. Um menino magro de olhos azuis, ele está jogado no chão, assustado.*

*Estendo minha mão, quero levantá-lo. Mas ele aponta para trás de mim, seus olhos estão arregalados e a boca aberta em choque. Não tenho tempo de me virar, sinto uma faca cravar em minhas costas. Ela rasga pele, tecidos e músculos, até chegar ao meu coração.*

*Em meu último suspiro, escuto uma voz tenebrosa falar enquanto desfere o golpe fatal: “Você pensa que escapou de mim? ”. Meu sangue gela, era o homem do clube!*

*Acordo assustada, meu corpo treme. Que pesadelo! Acho que vou começar a assistir desenho animado antes de me deitar, quem sabe sonho com o Bob Esponja ao invés disso?*

*Já amanheceu e John está dormindo profundamente. Ele parece tão relaxado em seu sono...*

*Eu sempre admirei Arthur, mesmo antes de saber o quanto havia sofrido. Que sacrifício sua mãe fez por ele! Mas as boas mães eram assim mesmo, dariam suas vidas pela de seus filhos.*

*Arthur poderia ter se transformado em um bandido, mas ao invés disso lutou para se reinventar e conquistar um futuro para si. John tentou tanto esconder seu “eu” verdadeiro que se tornou o homem arrogante que eu conheci.*

*Hoje era o dia do show! Agora seu empenho com o “Clave de Sol” fazia todo o sentido: John tentava ajudar outras crianças que não tiveram a mesma sorte que ele.*

*Olho para seu corpo adormecido... Eu podia acordá-lo de forma especial, não é? Mas*

primeiro corro para o banheiro, ninguém merece despertar ao sabor do bafo matinal! Enquanto escovo os dentes, olho para o chuveiro. Já que estava aqui, poderia fazer serviço completo...

Nada melhor do que água morna para lavar os resquícios do pesadelo. Jogo minha cabeça para trás e fecho os olhos. *Que maravilha!*

Um corpo quente se une às minhas costas, mãos calejadas esfregam minha cintura. Hummm... Isso sim que era uma maravilha! Um arrepio me percorre quando John segura minha garganta e morde minha orelha. *Ui.*

– Lembra a proposta que você recusou no avião? – suas mãos escorregam do meu pescoço até meus seios, apertando-os.

Proposta? Avião? Com ele fazendo isso, eu não lembrava nem o que eu tinha comido ontem!

John segura meus cabelos com uma mão, enquanto continua a me provocar com a outra

– Eu prometi que se você me deixasse ensaboar suas costas – sua mão desce até o meio das minhas pernas – Eu faria você alcançar notas altas!

*Ahhh...* O gemido que me escapa é a prova que John era um homem de palavra...

Depois do banho, fui preparar os últimos detalhes para o show. *Nossa!* Como era trabalhoso organizar um evento, mesmo que fosse de pequeno porte.

No entanto, eu me divertia fazendo isso! Estava sendo paga para mandar nos outros e ainda fazer um show de rock acontecer. Sem mencionar o acesso aos bastidores e o convívio com minha banda favorita! Havia emprego melhor? Para mim, não!

– Elle, onde as crianças irão ficar? – o *roadie* Ed pergunta.

– Na frente, primeira fila – Ed me olha atravessado – Eu não quero saber o que Bob diz! Este show é em prol das crianças, elas são menores e vem primeiro. Os patrocinadores ficam a partir da segunda fila e depois o resto pode seguir a ordem que já definimos.

– Ok, chefe! – Ed bate continência na testa e sai. Começo a rir. Ele e os outros *roadies* que conheci no meu aniversário eram muito divertidos.

Eu já falei que amava esse emprego?

*Droga!* Era bom eu testar novamente os jogos de luzes do galpão, o pós-show precisava bombar! Era lá que pretendíamos fechar os acordos com potenciais patrocinadores.



– Dona Helena! Onde raios você está? – um grito reverbera no meu ouvido. *Maldito bluetooth!*

– Kim! Juro por Deus, um dia você vai me deixar surda! – falo de volta pelo intercomunicador.

– Sem dramas! – Kim ainda fala alto – Estou aqui com o Gabriel, venha logo!

– Venha logo para onde? – pergunto desconfiada – Eu tenho muita coisa para fazer aqui! E John vem para me levar para casa, preciso me arrumar para o show!

Escuto a risada de deboche de Kim.

– Eu sei disso! Por isso vim mais cedo... Você não pode quebrar o ritual e se arrumar longe de mim, *girls power!* E eu sei que você já verificou tudo um milhão de vezes. Venha ou vou te buscar!

Suspiro derrotada. Kim podia estar um *pouco* certa.

– Ok, capitã! Estou a caminho.

Olho assustada para o relógio. Não sabia que era tão tarde! Corro para onde Gabriel estava. Desde o incidente no clube, ele era minha sombra! Me livrar de Gab era mais difícil do que acabar com uma infestação de piolhos em escola primária.

– Oi gata! – Kim me abraça – Vamos no meu carro.

– Não, senhorita Kim – Gabriel intervém – Ela deve vir comigo.

Eu entendo a paranoia de John com segurança, mas tem limites, né?

– Gabriel, isto é coisa de meninas! Você fica e a gente vai, ok? – ele começa a protestar, mas eu levanto minha mão, parando-o – Deixe que eu me viro com o chefe.

– Não é isso, senhorita Helena. É que...

Eu o interrompo:

– Você segue a gente, então!

– Mas... – não escuto o que ele diz. Enlaço meu braço no de Kim e vamos para seu carro.

Os carros de John eram bonitos, mas visavam muito a proteção e discrição. Este era o

oposto! Um conversível lindo branco com bancos de couro vermelho. Se ela já chamava a atenção por ser famosa, imagina atrás do volante desta máquina.

Kim coloca a mão abaixo do meu queixo e fecha minha boca.

– Elle, conheça o Destroyer, meu destruidor de corações.

– Você deu nome a um carro? – levanto uma sobrancelha para ela.

Ela me olha irritada.

– Não é "um carro", é um Aston Martin Vintage Roadster. Então tenha mais respeito!

Entro no carro. Com a quantidade de botões que tinha, o painel parecia algo saído da NASA.

– E o que isso quer dizer? – falo com desdém.

– Isso quer dizer, querida Elle – Kim liga o motor e dá a partida – Que ele vai de 0 a 100 km em 4,1 segundos.

*Putá merda!* Agora entendi o nome. Com certeza a Kim iria me destruir dirigindo feito uma louca. Meu coração saltava da boca a cada ultrapassagem que ela fazia. Vejo pelo retrovisor que Gabriel corria desenfreado para nos alcançar.

– Devagar, porra! Por isso que Gabriel queria me levar, não é? – grito por cima do barulho do vento. Meus cabelos voavam feito loucos e eu tentava segurá-los.

Kim sorri e dá de ombros.

– Provavelmente!

Chegamos vivas ao ateliê da Wanessa, por pouco. *Meus Deus!* Estou até tonta e enjoada. Kim é louca!

– Vamos lá! Na volta eu prometo ir mais devagar – Kim fala batendo em minhas costas. Como se eu fosse entrar nesta armadilha mortal novamente!

A equipe de Wanessa nos recebe com a mesma dedicação de sempre. De novo me sinto como a Sandra Bullock em Miss Simpatia.

– Kim, como o Chris está? – aproveito a pausa do jantar para perguntar isso pela milésima vez desde o meu aniversário.

– Ele ficou muito revoltado no início, se sentia traído por vocês dois – ela me olha com desaprovação – Vocês deveriam ter dito logo. Na minha opinião, o que mais o chateou foi ter sido enganado.

– Eu sei, é um erro que sempre carregarei comigo. – não falo mais nada, fico quieta enquanto deixo outras pessoas me arrumarem.

Dentre as opções que Wanessa me deu, termino escolhendo uma calça jeans destroyed azul claro, em homenagem ao carro de Kim, e um blusão preto de ombro caído e mangas  $\frac{3}{4}$  e sapatos modelo boneca em veludo preto com salto anabella. Meus cabelos foram amarrados no alto com um franjão repartido ao meio e solto. Estava linda por fora, mas por dentro continuava me sentindo uma merda.

Kim coloca o braço ao redor dos meus ombros.

– Hoje é dia de festa! Se a amizade de vocês é tão forte, vai sobreviver ao primeiro conflito que aparece. Vamos?

– Obrigada, Kim! Acho que precisava ouvir isso – a abraço apertado – Mas eu vou com Gabriel.

Kim apenas ri do meu medo e seguimos nosso caminho. *It's showtime, baby!*



# CAPÍTULO 32

Quando entro nos bastidores, o primeiro a me ver é Chris. Ele me cumprimenta, a raiva desapareceu de seu olhar, mas o carinho também. Ele aceitou, mas ainda permanece chateado.

– Pronto para arrasar hoje? – tento puxar conversa.

– Como sempre, Helena! Aqui eu posso liberar tudo, esquecer minha vida e deixar que a música lave minha alma. No palco, eu sou um condutor de energia – Chris olha indiferente para mim – E nada mais importa.

Chris se afasta e vai afinar o baixo com Aly. Acho que esse negócio de recuperar a amizade irá levar tempo. Entro no camarim de John e tranco a porta. Ele ainda está trocando de roupa quando se vira em um pulo para mim.

– Como você entrou?

Mostro a chave mestra para ele.

– Com essa belezinha concedida pelos deuses!

John não sorri, ele está muito ocupado analisando meu visual.

– Ainda bem que você vai estar escondida e ocupada nos bastidores! – John fala enquanto morde o próprio lábio inferior e me puxa para ele.

Eu o deixo beijar meu pescoço enquanto digo:

– Já disse que esse negócio de homem das cavernas não funciona comigo... – bem, talvez um pouco, mas nunca admitiria.

– Não disse isso por ciúmes! – levanto uma sobrancelha para ele – Ok, talvez um pouco. Mas minha intenção era dizer que se você estivesse na plateia, eu não conseguiria tirar os olhos dos seus... – John morde minha orelha – E terminaria esquecendo a letra de todas as músicas!

– Ai, que lindo! – pisco os olhos para ele – Você tirou isso de um comercial de margarina?

John cerra os olhos para mim e bate na minha bunda.

– Você sabe mesmo cortar um clima, hein?

Vou bater em sua bunda também, mas aperto ao invés disso. Hum... firme. John está com os cabelos soltos e rebeldes, adoro quando fica assim... *Selvagem*. A camisa com a logo da instituição teve suas mangas e laterais cortadas, revelando as costelas dele e a tatuagem na clavícula.

*Quem deveria ficar preocupada era eu!*

O ponto no meu ouvido me avisa que chegou a hora. Antes deles entrarem no palco dou um abraço de boa sorte em cada um. Seguro em minhas mãos o *set list* e o resto da programação da noite. Era a primeira vez que eu tinha organizado sozinha um evento, então esta era minha estreia também e eu estava nervosa! Esperava que tudo desse certo.

O palco estava escuro e Kim é a primeira a entrar. Ela começa a tocar sua bateria e um holofote a ilumina. Apesar das cadeiras, todo o público está em pé, batendo palmas com os braços esticados para cima e gritando “Jack Rock”.

Alysson e Chris são os próximos, eles começam a tocar guitarra e baixo ao mesmo tempo. As luzes os iluminam e começam a piscar. Claro e escuro, vermelho, azul e roxo. Quando o ritmo da batida acelera, John me dá um beijo rápido e entra cantando seu último hit que foi sucesso nacional.

A plateia, que já estava animada, vai à loucura! John encaixa o microfone no pedestal e canta com fervor. Eu acompanho a animação, pulando e cantando. John não fica parado, ele corre e agita, pega uma guitarra e toca junto com Chris.

Estou conferindo o *set list* quando vejo que as crianças também estão empolgadas, pulando em suas cadeiras. As cinco menores não podem ver o palco direito! Chamo Gabriel e alguns *roadies* e vamos para a primeira fila.

Cada um de nós coloca um deles sobre os ombros. Eu fico com a mais nova, uma linda garotinha de seis anos. Agora sim! Muito melhor estar no meio da multidão e sentir a vibração da galera, curtindo o som do Jack Rock.

Entre uma música e outra, John solta um beijo no ar em nossa direção, a menininha ri e manda outro de volta para ele. *Que linda!* Alysson chega perto das adolescentes e pisca um olho. É o suficiente para começar uma gritaria entre elas. Chris arrepia a todos com um solo de guitarra de arrasar.

No meio do show, durante uma pausa, sento e coloco a pequena Ananda no colo. *Caramba!* Não vim com o sapato certo para este tipo de coisa! John se aproxima da bateria e chama o resto da banda para perto e eles parecem discutir um pouco. Eu já ia procurar a fonte do problema quando

todos voltam aos seus lugares. O que teria acontecido?

– Estão curtindo o show? – John pega o microfone e fala. A plateia ruge em gritos e aplausos, ele continua – Vocês amam o Jack Rock?

Um coro de “sim” reverbera na multidão.

– Em nome do Jack Rock e da Clave de Sol, eu gostaria de agradecer a presença de todos! – John levanta as mãos, tentando acalmar a plateia – Agora eu vou cantar uma música especial que não está no nosso repertório. Quem aqui gosta do Imagine Dragons levante a mão!

Vários braços se levantam. Eu recupero o *set list* do meu bolso. O que John está fazendo? Isto não estava na programação!

– Esta música se chama *Demons* e nunca a tocamos juntos, então vocês vão ter que me ajudar e cantar comigo, ok?

A multidão grita, mas eu estou paralisada. Conheço a canção e o significado dela. John canta olhando diretamente para mim, seus olhos pareciam perfurar minha alma. Não sei se é um pedido de desculpas ou uma explicação para suas atitudes.

De qualquer forma, seu recado em forma de música me atinge em cheio, fala mais por ele do que palavras. No refrão, Ananda pega minhas mãos e me ajuda a bater palma. Eu ainda estava congelada quando começo a cantar, acompanhando a letra:

*“When you feel my heat*

*Look into my eyes*

*It's where my demons hide*

*It's where my demons hide*

*Don't get too close*

*It's dark inside*

*It's where my demons hide*

*It's where my demons hide”*[\[6\]](#)

Tento curtir o restante do show, mas *Demons* não saía de minha cabeça. Ele apenas queria me proteger de seus próprios demônios internos?

Ananda me anima e volta para meus ombros. No final, eu estava exausta, mas valeu a pena, tinha sido inesquecível!

Ajudo Gabriel a levar as crianças para as vans de transporte. Já estava tarde e elas tinham que partir. Dou um grande abraço na pequenina e prometo visitá-la em breve. Ela era um amor de criança! Quando volto para o camarim, todos estão secando o suor com toalhas e trocando de camisas.

Alysson joga a dele em mim.

– Presente para você!

– E para que eu quero isso? – pego a toalha com a ponta dos dedos, fingindo nojo. Se eles autografassem e eu fizesse um leilão, será que arrecadaríamos dinheiro?

– Para você esquecer este idiota ali! – Aly circula minha cintura com seus braços – É só você sentir meus feromônios que ficará louca por mim.

John o puxa para longe de mim pela camisa.

– Cai fora, Alysson! Vá atrás de suas *groupies*.

Aly pisca um olho antes de sair. Todos riam da sua brincadeira. Bem, quase todos, Chris permanece calado com sua cerveja na mão.

– Hora do *meeting*, galera! – falo tentando animá-los, mas todos curvam os ombros. Parecem que estão indo para a força.

Antes de sair, John me puxa e beija meu pescoço.

– Obrigada pela música, eu amei.

– Eu só quero que você tenha paciência, compartilhar o passado não é fácil – John me beija com força – Acho que chegou a hora de virar seu homem prostituto, não é?

Ai! Ele deveria esquecer minha gafe em fornecer 100 convites de *meeting*...

– Deixa de drama, vai ser moleza! – digo antes de levá-lo para o encontro com as fãs.





# CAPÍTULO 33

O *meeting* era terrível! As pessoas vinham, gritavam, tiravam foto com o Jack Rock, abraçavam cada um e iam embora. Não era muito? Bem, tente repetir isso mais de cem vezes! Não parece tão divertido, não é?

Eu não senti ciúmes... O meu sentimento era de pena! Dos fãs, que só tinham esse momento com seus ídolos, e da banda, que ficou horas em pé, após um show cansativo. Todos estavam aliviados quando acabou, não por ingratidão com os fãs, mas por que era chato mesmo!

Não é à toa que cobravam tão caro pelos convites! Está explicado o choque de John quando soube que eu havia oferecido cem entradas aos patrocinadores. *Ops...*

Na festa pós-show ficaram cerca de 500 convidados. Nosso objetivo era conseguir novas doações e agradecer aos que já haviam doado. John começou com um belo discurso sobre o projeto e as crianças.

Agora que eu sabia do seu passado, sua fala ganhou outra conotação. Ele tinha sido um daqueles jovens assustados e sem rumo. John tentava também salvar o pequeno Arthur.

Depois do seu discurso, foi lançada a propaganda gravada durante nossa viagem. Os produtores adicionaram no final a parte que as crianças pularam em cima dele. *Não sabia que tinha sido gravado!* Ficou perfeito, sua risada estava natural e sincera, algo raro de se ver.

Eu estava ocupada comandando os garçons e os seguranças, enquanto o Jack Rock se empenhava em encantar os patrocinadores. Kim e Chris conversavam com um grupo de uma empresa grande. Eles eram um dos nossos alvos principais. Alysson estava rodeado pelas filhas deles. Sua intenção era que elas convencessem os pais a ajudar. Ele falava com todas, mas não largava uma garota. Eu a conhecia de algum lugar, porém não lembrava de onde!

E John? Ele estava com o pessoal do marketing e evitava as *groupies*. Essas piranhas pareciam baratas! Onde tinha uma, havia um bando inteiro. *Como essas vadias conseguiram passe?* Pelo menos eu sabia que uma não viria: a credencial da #NiCadela “se perdeu” nos malotes de entrega. E ninguém poderia entrar na festa sem uma.

– Obrigada pelo convite – Laura sorri do susto que levou – Eu adorei o show e gostaria de contribuir com meu trabalho. Caso alguma criança precise de fisioterapia, ofereço os serviços da

minha clínica!

Eu a abraço.

– Obrigada, Laura! Muito generoso da sua parte.

– É para uma boa causa... Você estava distraída, hein? – ela sinaliza com a cabeça a direção que John está – O motivo é ele?

Suspiro, acho que fui pega no flagra encarando o John. *De novo.*

– Por que não vamos dançar? Eu posso tirar um tempo de folga.

Laura me dá um olhar conhecedor, mas não diz nada, apenas me segue para a pista de dança. Uma banda em ascensão tocava hits atuais e clássicos, variando entre músicas agitadas e lentas de rock e pop.

Entre uma música e outra, o cantor pede que todos se divirtam e venham dançar. Todos vêm, entre drinks e danças a festa se desenrola noite adentro. John segura minha cintura e cola seu peito em minhas costas.

– Sabia que você fica linda dançando? Sexy...

– Humm... E isto te dá ideias?

John me vira de frente para ele e eu passo meus braços ao redor do seu pescoço. Seu olhar é malicioso quando fala:

– Eu sempre tenho ideias com você!

Após um tempo, a música “*More than Words*”, antigo hit da banda Extreme, começa a tocar. John cola ainda mais seu corpo ao meu e dançamos ao som desta balada romântica.

*“Now that I've tried to*

*Talk to you and make you understand*

*All you have to do is*

*Close your eyes and just reach out your hands*

*And touch me, hold me close*

Fecho meus olhos, apenas absorvendo a letra. Quando volto a abrir, John está me observando atentamente. Seus olhos brilham e ele encosta sua testa à minha. *Como eu precisava beijá-lo!* Mas não queríamos nossa foto na mídia. Então apenas dançamos.

– Posso roubá-la por um segundo?

John olha meio desconfiado, mas estende minha mão para o homem.

– Se for por um segundo, sim. E só por que é você.

Balanço a cabeça para a possessividade de John. *Quando ele vai aprender?* Começo a dançar com o outro homem.

– Helena, você está de parabéns – ele me cumprimenta – Tudo correu bem e sem imprevistos.

– Obrigada, Bob – agradeço ao empresário – A equipe que é muito boa de se trabalhar junto.

Bob acena com a cabeça, concordando.

– Você tem futuro neste ramo, garota. Recebi muitos elogios, isto nunca tinha acontecido antes.

*Claro!* Antes quem fazia isso era a #NiCadela... Eu podia estar me divertindo mandando em tudo, mas não era uma vaca como ela. Dou de ombros.

– Apenas fiz o meu trabalho.

– Eu gostaria de pedir desculpas por minha filha. Eu sei que ela pode ser difícil às vezes, mas ela não é má.

– Tenho certeza que sim, afinal ela deve ter puxado algo do senhor! – *Ops*, eu insultei sua esposa? Bob levanta uma sobrancelha para mim. *Oh, merda!* Péssima hora para o filtro entre meu cérebro e minha boca falhar – Eu quis dizer que Nicole é uma pessoa muito especial, e tendo o senhor e sua mulher como pais, com certeza teve a melhor criação...

*Cala a boca, Elle!* Selo meus lábios, tentando me impedir de falar mais besteira.

– Falando nela, você a viu por aqui?

– Nossa, ainda não! – coloco minha mão no peito e faço cara de preocupada – O que será que aconteceu? Vou me informar imediatamente com Gabriel. Com licença!

Fujo o mais rápido que posso e me escondo dele o resto da festa. Gab explica para Bob que foi uma falha no sistema de entrega. *Ufa! Me livrei de uma encrenca.* O resto da festa se tornou um sucesso, conseguimos novos patrocinadores e a Clave de Sol ganharia em breve um espaço lindo.

O projeto de John iria se tornar realidade.

# CAPÍTULO 34

## Três semanas depois...

Dizem que quando a gente se diverte, o tempo passa mais rápido. Os últimos dias me provaram que esta teoria era verdadeira.

John nunca deixava de me surpreender. Ele continuava o mesmo homem possessivo enlouquecedor de sempre, aquele que me levava da raiva à luxúria em um piscar de olhos.

Em alguns momentos, no entanto, ele mostrava a personalidade do rapaz que um dia ele foi. Isto estava se tornando cada vez menos raro.

Chris recentemente me perdoou por eu ter escondido o relacionamento com John, mas amizade ainda estava diferente. Era estranho não tê-lo cuidando de mim. Ele não era mais carinhoso comigo e eu sentia falta do seu abraço caloroso. O seu lindo sorriso tímido estava cada vez mais raro. Eu queria poder voltar ao que era antes, mas pelo menos tínhamos algo agora. Ter um pouco do Chris em minha vida era melhor do que nada.

Hoje vamos gravar o clipe da nova música. O estúdio já estava todo pronto! Cada um ficará em um cenário diferente e será gravado em um estilo *noir*, ou seja, tudo em preto e branco, porém destacando o tom vermelho.

Alysson estará em um bar parecido com um *pub* com várias pessoas sentadas às mesas, mas as câmeras não focarão nelas. Elas serão como fantasmas esquecidos e Aly estará sozinho em um banco alto no bar, com uma bebida vermelha na mão. O cenário de Kim é uma praça, ela estará sozinha também sentada em um banco, enquanto crianças anônimas brincam em um gira-gira vermelho. O do Chris é o telhado vermelho de uma casa, observando uma lua cheia.

O de John é uma rua. Ele deverá andar enquanto canta. Ele é o único que estará todo em preto e branco, pois como diz a letra da música, permanecerá sempre na escuridão sem a mulher amada. A modelo usará os cabelos soltos, pés descalços e um vestido branco. Sua maquiagem é natural, destacando apenas o batom vermelho.

No clipe, cada um estará perdido, sozinho. John encontrará sua salvadora, seu anjo, mas ela será inalcançável. E ele vai cantar sobre nunca achar a felicidade a menos que ela esteja a seu lado.

E a raiva que ele sente por ela jamais pertencer a ele.

As cenas daqui serão intercaladas com as gravadas no estúdio. Eu estava louca para ver o resultado.

– Elle! – o assistente do diretor me chama – Onde diabos está a modelo que vocês contrataram?

Olho ao meu redor.

– Ela estava aqui um segundo atrás! Eu vou procurá-la.

O estúdio é grande, mas não tanto. Onde esta mulher se escondeu? Estou quase desistindo quando me lembro dos banheiros no segundo andar, corro para lá e escuto soluços de alguém chorando. *Ah, merda!*

Abro a porta e me deparo com o “anjo de beleza natural” do clipe toda vermelha de chorar. Sua maquiagem está borrada e o nariz escorre com restos de secreção. *Eca!*

– O que aconteceu? – tento sondar.

– Ele me largou! – ela começa a chorar descontroladamente – Me usou! Passei três semanas com ele para depois ser jogada fora como um brinquedo que perdeu a graça! Aceitei sair escondido para quê? Para ele não me quer mais!

– Calma – coloco a mão em seu ombro para tentar tranquilizá-la – Quem é ele?

– Você sabe muito bem quem é ele! – ela me olha com raiva – É o seu amiguinho traidor!

Fico em choque! O que ela quis dizer com isto? Observo bem suas feições quando lembro onde a tinha visto recentemente.

– Quer saber? – ela se levanta de repente – Eu vou embora daqui! O dinheiro não vale a pena.

– Espere, você tem uma gravação a fazer! – tento pará-la.

– Não mais, eu me demito! – ela diz e vai embora.

Putá merda, eu vou matar este cara! Volto ao andar de baixo à procura do meu alvo e, como esperado, ele está conversando com duas figurantes. *Mulherengo!*

– Com licença, garotas. Eu preciso dele por um segundo – puxo seu braço e o arrasto para longe. Minha vontade era puxar sua orelha ao invés do braço – Que merda, Alysson! Por que você

aprontou isso logo hoje?

– Isso o quê? – ele me pergunta displicente.

– Não seja cínico! – aponto o dedo em sua cara – Você é a culpa de não termos mais uma atriz para o clipe, ela saiu aos prantos! O que você fez?

– Ela pensou que fosse especial por que eu a levei para a festa pós-show e sai algumas vezes – ele dá de ombros – Eu apenas estava com vontade de testar esse negócio de “monogamia”. Não foi muito divertido.

Só Aly mesmo para achar que monogamia era apenas sair umas três vezes com a mesma mulher e pronto.

– Alysson, um relacionamento é muito mais do que estar com a mesma pessoa. É preciso ter uma conexão com o parceiro, você não pode pegar uma garota aleatória e achar que vai se ligar a ela imediatamente.

– De qualquer forma, foi só uma fase! E foi culpa sua! – ele me acusa.

– Minha? Por quê? – não entendo o que eu possa ter a ver com isto.

– Sua! John tem estado mais feliz desde que você chegou, eu só quis... Tentar também.

Uau! Por esta eu não esperava.

– E o que não deu certo?

– Ela me seguia para todo lado igual a um cachorrinho! Terminou me flagrando aos amassos – Aly aponta para uma porta fechada – Ali, naquele closet.

Fico sem palavras, não era à toa que a menina tinha saído aos prantos. Mas, se fosse comigo, eu não teria ficado escondida no banheiro...

– Esta é sua ideia de monogamia? – levanto uma sobrancelha para ele.

– Não! Eu já tinha desistido desse projeto. – ele sorri com sua melhor expressão de santo.

Quem não te conhece, que te compre! De bom moço, Alysson não tinha nada.

– Vamos lá resolver este problema que você nos arrumou!

No andar de baixo o diretor andava nervoso de um lado para o outro, as gravações já estavam



quarenta minutos atrasadas. A equipe inteira e o resto do Jack Rock já estão impacientes.

Quando me vê ele pergunta agitado:

– Finalmente você voltou! Onde está nosso anjo?

Todos olham para mim.

– É... bem, ela está indisponível! Então teremos que achar outro anjo.

Os olhos dele se arregalam.

– Mas isso é uma tragédia!

Cara dramático! Havia muitas tragédias no mundo, esta não seria uma delas.

– É só a gente escolher uma das figurantes! – as meninas se empinam, querendo mostrar seus dotes. Nossa!

– De jeito nenhum! – John fala – Todas são loiras e concordamos que ela seria morena!

– Isso mesmo! – Chris concorda.

– E o que vocês querem que eu faça? – olho dos dois para o diretor – Pinte o cabelo de uma delas?

Kim sugere:

– Ou *você* poderia ser o anjo!

– O quê? – eu preferia ir comprar a tinta!

O diretor bate palmas.

– Perfeito! Você tem até o mesmo tamanho dela, pode ir colocar seu figurino.

Hein? De jeito nenhum! Não nasci para estar à frente das câmeras.

– Não, não, não! Nem pensar! – bato o pé firme.

John se aproxima.

– Por favor, Elle. Senão teremos que remarcar e fazer outra seleção – ele sussurra em meu ouvido – Você pode ser meu anjo nas telas como é na vida real.

Seu pedido me balança... *Eu?* Em um clipe para todo o país ver? A indecisão ainda paira em mim, olho para Chris, ele está me dando um sorriso encorajador. O mesmo de quando ele me ensinou a andar de bicicleta sem as rodinhas de apoio.

– Ok, aceito! Vamos começar logo antes que eu mude de ideia.

Wanessa me leva para o camarim e me arruma. Meus cabelos ficaram soltos com pequenas ondas nas pontas e a maquiagem leve com o batom vermelho. O vestido branco era todo trabalhado em um tecido fino e chegava até o meio das minhas coxas. Fiquei descalça e Wanessa resolveu deixar minha tornozeleira de estrelas no pé direito. Eu estava com uma aparência etérea.

O nervosismo me bate! Acho que vou vomitar. Ainda dá tempo de fugir? A produtora me segura pelos ombros e praticamente me empurra para o local marcado no chão. Eu deveria estar presente em cada um dos cenários, apenas parada. Não era tão difícil! Eu posso fazer isto!

O diretor mandava repetir cada cena, minha nossa! Como isso era chato! Se gravar um clipe era assim, imagine um filme? Já vi que Hollywood não é para mim.

Agora estou no cenário de John, parada embaixo de um poste de luz estilo *Dançando na chuva*. Ele vem andando em minha direção e cantando sobre viver nas trevas. Está garoando com uma chuva falsa e no princípio ele não olha para mim. Depois John levanta a cabeça e me vê, se encanta pela garota com cara de anjo do outro lado da rua. Porém ele não atravessa ao meu encontro, por que o *anjo* é inalcançável e...

O diretor grita:

– Corta! Não está bom!

Haja paciência para aguentar este homem! Estou congelando com uma roupa molhada, fiquei três horas em pé e ele ainda diz que não está bom?

– Vocês precisam se conectar! – ele falava frustrado – Tem algo faltando!

John diz:

– Eu tenho uma ideia, pode começar a rodar!

– Mas... – o diretor diz.

John olha irritado para ele.

– Eu disse para filmar.

O diretor olha meio desconfiado, mas diz:

– Ação!

John volta a sua caminhada, mas quando me vê parada do outro lado da rua, ele não fica apenas cantando. John atravessa a rua em passos decididos, suas mãos vão para cada lado do meu rosto e ele me beija.

Seu corpo molhado se gruda ao meu, não sinto mais o frio, meu sangue se aquece e desperta à vida sob seu toque. Ele não me beija para seduzir ou dominar, é como se John me venerasse com sua boca. Suas mãos descem para a lateral do meu pescoço e aprofunda o beijo.

John encosta sua testa à minha e sussurra só para eu ouvir:

– Era isto que estava faltando, eu precisava sentir o gosto do paraíso em sua boca.

Eu fico ofegante, enfeitiçada pelos seus olhos azuis que perfuram minha alma.

– Corta! – o diretor grita – Muito bom, o beijo me convenceu! Agora você deve se afastar por que ela pertence à luz e você à escuridão.

– Eu permaneço parada? – pergunto. Minhas pernas já estavam doendo de ficar na mesma posição.

O diretor olha meio em dúvida. Cara, ele deveria ter revisado o roteiro antes e não agora!

– Sim – ele fala sem muita convicção. John volta para a posição de antes e o diretor grita – Ação!

– Corta! De novo! Não está perfeito ainda! – o diretor esbraveja.

Como eu queria dar um murro nesse homem!

Na terceira vez que John se afasta, eu já estou impaciente. Chris fala:

– Não está bom por que ela não pertence apenas à luz...

Mal tenho tempo de entender o que ele quis dizer, antes que venha até mim. Chris segura minha cintura e me puxe para perto.

– O anjo pertence a outro.

E então, sua boca se colide com a minha.



# CAPÍTULO 35

Uma mão de Chris envolve minha cintura, me segurando próximo ao seu corpo. Sua outra se prende à minha nuca, apoiando minha cabeça. A boca macia dele, aquela com um sorriso lindo, colide contra a minha.

*O Chris está me beijando?! Sinto o gosto mentolado quando sua língua invade minha boca.* Meu coração que estava acelerado um segundo atrás, agora parece que vai saltar do meu peito. Não respiro por um momento.

O mesmo que me pegou no colo, que brincou de esconde-esconde. Por ele, subi no campanário da Igreja e cortei o as cordas que prendiam o sino. Só por que ele estava no hospital com pneumonia e tinha dores de cabeça a cada hora que o sino badalava. O Chris que tocava guitarra no meu esconderijo secreto...

*Meu Deus! Estou sendo beijada pelo meu melhor amigo!*

– Corta! – o diretor grita e bate palmas – Ótima ideia Chris, a atuação dos três ficou perfeita. Agora sim, temos o suficiente para o clipe.

*A atuação dos três?* Chris ainda está me segurando quando dou um passo para trás e olho para John. Ele está parado a aproximadamente três metros de nós, mãos fechadas em punhos e sua expressão é um misto de fúria e mágoa.

– O que você pensa que está fazendo, Chris? – John pergunta com raiva pingando em cada palavra.

– O que eu deveria ter feito há muito tempo – Chris se vira para ele – E ao contrário de você, eu não faço pelas costas.

Eu estava congelada no lugar, meu cérebro parecia ter entrado em curto. Era como se eu estivesse assistindo a uma colisão de trem e não soubesse o que fazer para evitar.

– Helena nunca foi sua, Chris! – John aponta para mim – Você não passava do melhor amigo dela! Mas ela está comigo agora, porra!

– E quem você pensa que é, John? – Chris dá um passo para frente, parece estar liberando a raiva acumulada nos últimos dias – Não se garante? Está com medo de ter concorrência?

Acorde, Elle! Faça alguma coisa!

– Vamos acalmar os ânimos, rapazes! – Kim fica entre os dois, com os braços esticados na direção de cada um – Sem brigas aqui!

– É melhor você sair da frente, Kim! – Chris avisa.

– Kim, isto é entre nós dois! Não se intrometa! – John grita.

– O caralho que é! Isto envolve a banda toda – Kim aponta o dedo de um para o outro – Vocês pretendem fazer o quê? Sair aos tapas? Acabar uma amizade de anos? Separar o Jack Rock?

Os dois ficam calados, apenas se encaram com fúria contida. Eu finalmente saio do meu transe.

– Vamos agir como adultos pelo menos uma vez? – meus olhos se enchem de lágrimas, continuo a falar apesar da minha voz embargada – Eu não aguento mais me sentir dividida assim! Eu preciso de vocês dois na minha vida e vocês precisam um do outro, por favor?

– Olha, o John escondeu que estava pegando a Elle e o Chris a beijou na frente do John – Alysson intervém – Vocês estão quites! Minha proposta é irmos beber para afogarmos nossos problemas!

Ah, como se isso fosse uma boa ideia! Se sóbrio eles queriam brigar imagina com coragem líquida na veia?

– Certo, vamos ao bar do Ed então. – Chris fala já se encaminhando para a saída.

Tento dizer:

– Eu não acho que...

– Venha trocar de roupa, Elle. – Kim me puxa pelo braço e me acompanha ao camarim. Olho para os lados, procurando pelo John – Ele foi tirar a dele também.

No camarim, sento-me na cadeira, com minha cabeça entre as mãos. Como posso consertar esta bagunça?

– Isso é tudo culpa sua! – Kim está em pé com o dedo apontado para mim – Eu te disse, Elle! Porra! Eu falei para você não bagunçar minha banda!

Me levanto em um pulo, encarando-a de frente.

– E você vai fazer o que, Kim? Onde está a paz que tanto defendeu lá fora?

– Não é isso, Elle! Eu só espero que a culpa que você está sentindo seja castigo suficiente.

Meus ombros se curvam em derrota.

– Desculpe-me! Se eu pudesse voltar no tempo, teria seguido seu conselho. O problema é que eu não posso.

– Ninguém sabe mais do que eu que não podemos corrigir os erros do passado – Kim parece triste quando termina sua frase – Mas podemos aprender com nossos erros e tentar fazer um futuro melhor.

– Kim, o que...

– Não, Elle! Um problema de cada vez – ela levanta a mão, me interrompendo – Vamos logo, temos que equilibrar a quantidade de testosterona naquele bar! Antes que eles se matem!

Coloco novamente meu vestido azul marinho com um cinto e sandálias de tira vermelhas. O colar que Chris me deu pesa em meu pescoço. Ele sempre foi tão atencioso comigo, mas por que fez isto hoje? Queria só provar um ponto ou algo a mais? Meu coração estava partido em dois, dividido entre amor e amizade.

Quando saio do estúdio, Gabriel estava me esperando com a porta já aberta. Kim vai embora na armadilha mortal que ela chama de carro. Quando entro, John está sentado no banco de trás. Ficamos calados, novamente terei que ser a primeira a falar:

– Você vai me ignorar por quanto tempo?

– Você gostou, Helena? – John me olha de lado e pergunta estoico, suas emoções bem guardadas

– O que você espera que eu responda? – digo cansada.

– Eu espero a verdade! É uma resposta de sim ou não.

Coloco a mão em seu rosto, forçando-o a me olhar.

– Não é, John. Se eu disser sim, você vai ficar revoltado. Se eu disser não, você não acreditará em mim, continuará duvidando dos meus sentimentos por você.

– E o que você sente por mim, Helena? – ele não pergunta isso com superioridade. Percebo

por sua expressão uma ponta de insegurança, do garoto perdido carente de atenção.

Beijo seus lábios com delicadeza.

– O mesmo que você por mim – aliso seus cabelos para trás – Vamos superar tudo e pôr uma pedra sobre isso. Eu vou conversar com o Chris e vamos nos entender, ok?

– Quando o vi te beijando... Fazia tempo que eu não sentia uma dor tão intensa – John olha novamente pela janela – Você não o afastou, Elle.

Fecho os olhos diante de sua declaração. Era verdade, eu fiquei sem reação.

– Me desculpe, eu... Eu não tive... – tento articular meus pensamentos confusos – Eu não tive tempo de ter uma reação. Acredite, eu fiquei tão surpresa quanto você.

John se vira para mim e coloca o polegar nos meus lábios, esfregando-o de um lado a outro.

– Não foi fácil te ver com outro.

– Também não foi fácil para mim quando você beijou outra *de propósito* naquela festa. – sei que o contexto era diferente, mas aquilo também me magoou. Na época, quebrou a pouca confiança que eu tinha nele, porém John conseguiu me mostrar que ele era mais que um mulherengo.

John tira a mão do meu rosto, sua expressão se fecha.

– Não tem comparação, aquela garota nunca foi uma ameaça para você! Até quando vai usar isso contra mim?

Minha vontade era dizer: “até quando eu quiser”, mas acho que ele já estava chateado suficiente. Eu estava tentando ficar de bem com ele, não arrumar outra briga.

– O que aconteceu hoje nunca vai se repetir. – digo decidida.

John me beija com força, dominando minha boca. Depois encosta sua testa na minha.

– Você é única para mim. Aquilo também nunca vai se repetir.

Sinto como se nosso relacionamento estivesse amadurecendo. Era uma boa mudança resolver tudo conversando e não discutindo ou agindo por impulso... Eu tinha certeza de seus sentimentos por mim, John não me trairia novamente. E nem eu a ele.



# CAPÍTULO 36

Fomos a um bar no centro da cidade. Não era muito grande, mas estava movimentado. Gabriel deu a volta e entramos pelos fundos, indo direto para uma mesa mais reservada. Tinham várias outras ao redor de um palco com uma cortina vermelha ao fundo e um pedestal com microfone no centro.

O *roadie* Ed estava sentado em um banco no canto deste palco com um violão na mão.

– Não sabia que o Ed cantava! – eu o vi afinando os instrumentos antes do show, mas nunca o tinha visto se apresentar.

– Ed não canta, este é o bar da tia dele. Sempre que não está conosco em turnê, ele toca violão na noite do karaokê – John me provoca – Que tal atingir notas altas fora do chuveiro?

*Socorro!* Cantar ao vivo na frente de todas essas pessoas? De jeito nenhum! Meus pés travam no chão e John vai praticamente me arrastando até a mesa onde estão todos do Jack Rock. Ele se senta no lado oposto ao de Chris e eu fico no meio, com Kim e Alysson na minha frente.

A garçonete traz uma rodada de cerveja para todos. É amarga e tem gosto de xixi. Não que eu já tenha bebido isso, mas é o gosto que imagino para ele. Continuo tomando mesmo assim.

– Pensei que estávamos em uma celebração e não em um enterro! – Alysson diz levantando seu copo.

– E o que exatamente estamos celebrando? – Chris pergunta com sarcasmo.

Aly dá de ombro.

– A gravação do clipe? Tenho certeza que vai ser um sucesso, graças à nossa Elle aqui!

Ele termina dando uma piscada de olho e eu chuto sua canela por baixo da mesa. O idiota tinha que tocar no assunto! Fora que foi tudo culpa dele, se não tivesse feito a modelo fugir, nada teria acontecido. O Chris... ele não teria me beijado...

John segura o copo com força e Chris dá uma risada de deboche. Kim chama a garçonete novamente:

– Eu quero uma rodada de tequila e de chope.

O que ela estava aprontando? Quando o pedido é entregue, um copo grande e um pequeno com fatias de limão e sal são colocados na frente de cada um. O que eu deveria fazer com isto? Chris vendo minha confusão me explica.

– Isto se chama “submarino”, ou pelo menos uma versão improvisada dele – ele bebe um terço do chope antes de continuar, depois coloca sua língua para fora e lambe o dorso da mão, colocando sal no local – Você deve jogar o copo de tequila dentro da cerveja e beber em um gole só.

E assim Chris vira o copo com a mistura, lambe o sal da mão e chupa o limão. Bem, isso parece... *Intenso*. Todos repetem o processo, incluindo John que me beija logo em seguida. Seu gosto é de limão e álcool, exótico.

Ele sussurra em meu ouvido:

– Se ficar bêbada, eu prometo cuidar de você, doce Elle.

Ok, não serei a única careta! Faço como Chris me ensinou, o submarino desce queimando, mas o limão corta parte do efeito. Todo meu corpo se arrepia. *Uau!* Cara, a kryptonita era coisa de criança perto disso.

Depois de mais uma dose do submarino, todos estavam mais relaxados e começaram a falar sobre a turnê que começaria nos próximos meses. Nada como bebida e música para aliviar o clima.

Isto e as performances no palco! A maioria dos que tinham coragem para pegar no microfone e cantar estava bêbada demais para ser afinada. E os outros simplesmente eram ruins demais. Estávamos rindo de uma apresentação horrorosa quando Ed se levanta e assume o microfone.

– Agora chegou a hora da roleta russa! – as pessoas gritam e batem palmas – Nós vamos sortear o número correspondente à uma das mesas! E alguém deve vir cantar uma música surpresa!

Eu uivo com a multidão, minha cabeça está zunindo pelo efeito do álcool. Ed coloca a mão dentro de um saco colorido e retira um papel.

– Número 16!

Estou rindo e gritando “Canta, canta! ”. John olha para mim com o sorriso de deboche e aponta para a meio da mesa. Olho para a direção que ele indica e meu sorriso morre, nós éramos o número 16. *Merda*.

– Você vai ter que ir, Elle! – Kim diz rindo.

– Estamos aqui “incógnitos”! – Aly faz aspas no ar.

Chris pisca um olho para mim.

– Eu sempre confiei em você, Elle!

– *Showtime, baby!* – John diz enquanto beija minha bochecha.

*Droga!* As pessoas vão terminar apontando para cá. Se apenas com o Chris foi aquele inferno no restaurante... Como seria aqui que todos estão bêbados e a banda inteira está presente? Levanto-me contrariada e ando para o palco como se estivesse indo para a força.

Ed me reconhece e fala baixo no meu ouvido:

– Boa sorte, chefe!

– Juro que no próximo show você vai carregar as caixas mais pesadas! – sussurro de volta para ele. Duvidava que tivesse a porcaria do número 16 naquele papel.

Ed apenas sorri e senta em seu lugar. Na borda do palco há uma pequena tela com a letra da música, mas quando os acordes do violão começam, sei que não precisarei disso. É “*One*”, do U2, uma música profunda que fala sobre amor, perda e as consequências de não cuidar do amado.

A bebida diminui minhas inibições e canto com minha alma exposta. Observo Chris e John sentados lado a lado na penumbra do bar. Eu não estava no meio para atrapalhar. Tão diferentes, mas ao mesmo tempo parecidos e ambos faziam parte de mim.

Me envolvo com a letra e a emoção parece querer vir à tona. A música acaba e a multidão me aplaude, mas não enxergo direito. Sinalizo para John que irei sair um pouco. *Preciso de ar!* Saio pela mesma porta que entrei. O ar frio da noite me refresca, olho para o céu e não há estrelas, nuvens começam a se formar. Esfrego meus braços para espantar o arrepio que me percorre.

– Eu lembro de outra noite assim – me assusto com a voz de Chris ao meu lado.

– A noite que você partiu foi a mais difícil da minha adolescência. – digo.

– Gostaria de poder dizer o mesmo, mas tive piores – ele chuta uma pedra solta na rua – Noites que fiquei sozinho na rua com fome, frio e medo. Longe de todos que eu conhecia e amava.

Eu sempre carregaria comigo a angústia de temer pela vida de Chris. Eu me preocupei tanto com ele! E ainda me preocupava...

– Tudo era tão simples antes – falo triste – O que aconteceu com a gente?

– Não sei, acho que crescemos. – Chris dá de ombros.

– Você me ama? – pergunto direta. Eu precisava saber de uma vez por todas.

Chris olha para mim, seus olhos brilham com emoção contida.

– Eu sempre te amei.

Suspiro cansada.

– Não estou falando como amigo ou irmão. Quando Sam te pediu para me ter como cunhada, você disse que eu já estava dentro dos seus corações e era parte da família. Você me considerava uma irmã, isso mudou?

Chris dá de ombros, mas permanece calado.

– Porra, Chris! O que isso quer dizer? Eu não era suficientemente bonita antes e agora você me quer? – aponto meu indicador para ele, acusando-o – Ou é por que você está acostumado a ser o único homem na minha vida e não quer perder seu posto para o John?

– Você sempre foi linda, mas era uma criança para mim, porra! – ele berra de volta.

– Então o quê? Você também era uma criança, dois anos de diferença não é muito! Eu não era gostosa o suficiente? – aponto para meu próprio corpo – E agora passei pelos seus critérios?

– Não é isto! Eu só queria cuidar de você e te fazer feliz! – Chris me segura pelos ombros – E você nunca será com o John! Ele não deixa ninguém se aproximar suficiente para conhecê-lo de verdade!

– Eu sei a verdade sobre Arthur! – grito.

Chris me solta em choque.

– Ele te contou?

– Sim!

Na verdade, foi mais ou menos, eu o chantageei para conseguir a informação dele.

Chris suspira cabisbaixo.

– Ele nunca se abriu com ninguém...

– Mas comigo sim! E você me beijou na frente dele só por vingança, para marcar um ponto!

– acuso-o.

Chris se aproxima, ficando a centímetros de mim.

– Eu não apenas te beijei, Elle – sua mão acaricia meu rosto – Você me beijou também.

– Isso não é verdade! – *Eu não tinha retribuído, tinha?*

Chris novamente me beija, seu corpo envolve o meu, me pressionando de encontro a ele. Uma parte de mim sentia que estava beijando meu irmão! No entanto, uma porção secreta, enterrada no fundo do meu ser desejava aquilo.

Não importava qual parte iria prevalecer, aquilo era errado e injusto com John. Eu não iria cometer o mesmo erro duas vezes. Estou prestes a afastar o Chris quando uma porta batendo nos assusta.

– Chris, estou com John agora! Você não pode sair me beijando quando bem entender!

Ele me olha com raiva.

– Você era para ser minha! Eu tinha tudo planejado!

Isto agora era novidade.

– Planejado o quê, Chris?

– A gente deveria curtir bastante a vida! E depois, quando estivéssemos mais velhos, iríamos nos casar e eu poderia cuidar de você para sempre!

Isto era para ser uma declaração romântica? Respiro fundo, tentando controlar a ira e a frustração que me consomem.

– E que tipo de amor é este, porra? Por “curtir” – faço aspas no ar com minhas mãos – Você quer dizer ficar se agarrando com todas as garotas da escola na minha frente e depois com suas *groupies*? Eu via os tabloides, Chris, você podia não ser tão promíscuo como o Aly ou até mesmo o John, mas sempre tinha uma garota ao seu lado!

Chris abre a boca para falar, mas eu o interrompo. Agora era minha vez.

– Eu nunca me permiti te amar de outra forma que não fosse como irmão por que você nunca demonstrou pensar em mim como algo a mais! E se for assim, para “curtir” a vida – falo com

sarcasmo – Por que você ficou tão chateado em me ver “curtindo” com John?

– Porque ele sabia dos meus planos! – Chris grita para mim – E se mesmo assim John foi atrás de você, é por que ele não queria apenas curtir!

*Ai meu Deus!* Não passávamos de um bando de egoístas! Todos os humanos eram assim ou só nós?

– Foda-se, Chris!

– Foda-se você, Elle! – Chris grita e vai embora, desaparecendo na noite escura. Só que desta vez, não levava uma parte de mim com ele. Hoje, Chris tinha destruído parte da minha alma.

Volto para o bar. Lá dentro o barulho era ensurdecador, as pessoas estavam em pé ao redor do palco. Que confusão era esta? Entendo tudo quando vejo John cantando feito um louco, as pessoas o filmam, Gabriel e Bruno tentam controlar a multidão.

Não entendo o que aconteceu até compreender a música que ele está cantando. John me encara e faz o inimaginável.

Se antes meu coração havia sido partido em dois, agora ele estava estilhaçado.



# CAPÍTULO 37

John estava com o violão em mãos apresentando-se em cima do palco e as pessoas se empurravam para alcançá-lo. Ed e os seguranças tentavam controlar a multidão. Uma olhada rápida me mostrou que Kim e Aly ainda bebiam escondidos na nossa mesa.

John me encara, olhos azuis perfurando os meus. Estava tão absorta tentando entender o que ele fazia que demorei a perceber qual música John estava cantando. E quando o faço, o que sobrou do meu coração se quebra.

Cada estrofe de *Sexed'up* do Robbie Williams é uma punhalada em mim! Para os desavisados, parecia a melodia de uma canção romântica, mas não era. John se comunicava melhor através da música e não havia melhor para destruir qualquer esperança de um relacionamento do que esta.

Ele não demonstrava emoção alguma, sua expressão estava vazia. John também não desviava o olhar, ele estava me transmitindo uma mensagem alta e clara:

*“And we're not sexed up  
That's what makes the difference today  
I hope you blow away”*[\[8\]](#)

Ele esperava que eu me explodisse para longe? Bem, o sentimento estava se tornando recíproco. John fica de joelhos no palco, e, como esse era baixo, as fãs podiam alcançar seu torso. Na próxima estrofe, ele olha para as mulheres, estica o braço e puxa uma ruiva para perto. John olha para mim até dizer a penúltima frase:

*“Anyway, I chose you and that's all gone to waste  
It's Saturday, I'll go out  
And find another you”*[\[9\]](#)



Então, quando ele canta sobre achar uma substituta, John beija a outra mulher. Desta vez, ele não olha para mim enquanto faz isto. Sua atenção inteira é para a garota. As pessoas gritavam obscenidades e filmavam aquela cena degradante.

Estávamos tão bem mais cedo! Conversando ao invés de agir por impulso! Eu não podia mais dar um passo para frente e dois para trás. Aquilo era o fim para mim, não queria o Chris e nem o John. Eu apenas desejava ter minha antiga vida de volta.

A ruiva sobe ao palco e ele continua a música, eu não escuto mais nada. Kim vem em minha direção, mas antes que ela me alcance, eu saio pela porta da frente. Estava chovendo agora, deixei a água me lavasse. Para onde iria agora? Eu não tinha casa para voltar.

Grande independência que eu conquistei! Eu não me reconhecia mais, havia me tornado um nada. Entro em um táxi e decido ir para as únicas pessoas que eu tinha certeza que me amaram...

*Droga!* Não havia avião partindo para minha cidade, então compro para a mais próxima. O resto do caminho eu faria de ônibus. Eu não tinha mais uma casa lá, mas também não tinha uma aqui. Tudo não passava de ilusão.

Paguei com o dinheiro da minha poupança. Não iria usar o cartão que John me deu. Minhas roupas estavam úmidas da chuva e eu devo parecer uma louca tremendo de frio e toda molhada no saguão do aeroporto. Meu celular toca, é Kim ligando. Não atendo, apenas desligo o maldito e jogo de volta na minha bolsa.

A viagem de avião é longa, mas não consegui dormir. Minha cabeça era um turbilhão de pensamentos. Agora viajava no ônibus a caminho de onde eu nunca deveria ter saído. A poltrona ao meu lado estava vazia, então pude deitar as pernas nela. O dia ainda não havia amanhecido, mas faltava pouco. Tentei dormir, pensando no que iria fazer com minha vida...

*Papai dirige concentrado na estrada. Por que segura o volante com tanta força? Mamãe está distraída, olhando pela janela. O que a perturba, mãe?*

*Olho pelo teto solar, não gosto das nuvens, está tão frio aqui! Meu corpo treme, eu quero o calor e o brilho das estrelas! A rodovia está longe e o silêncio no carro é angustiante.*

*Eu preciso de música na minha vida! “Liga o som, mamãe!”*

*– Claro, filha. – mamãe responde.*

*O carro se enche dos acordes conhecidos da guitarra de Chris e da voz rouca de John.*

*Chris e John.*

*Eu os amo!*

*Chris e John.*

*Amor? Ou amizade?!*

*Chris e John.*

*Eu os odeio! E a mim também...*

*A canção atinge seu ápice, o refrão. “Aumenta o volume, mãe! ”. Ela não escuta, e me estico entre os bancos para alcançar o som.*

*– O que é isso, menina? – meu pai grita comigo – Volte e coloque seu cinto!*

*Papai ainda está virado para mim, me encarando com olhar recriminador. Ele olha para baixo, minhas mãos estão cobertas de sangue, não é chuva que cai pelo teto solar. “Você não passa de uma distração, Helena”... É o sangue dos meus pais.*

*E então vem o caos: os faróis que me cegam e o grito da minha mãe perdido na noite escura. Estou jogada na beira da estrada, não posso me mexer. Grito para as chamas: “voltem, voltem! ”, mas tudo que posso ver é o fogo com duas sombras dançando e queimando nele.*

*Acordo sobressaltada, meu corpo está muito quente e estou com calafrios. Em meu delírio de febre, eu me lembrei do acidente. Havia sangue em minhas mãos sim! Matei meus pais por causa da música.*

*Merda! Eu distraí meu pai! Se eu não tivesse aumentado o som, ele teria visto o carro chegando! Passo o resto da viagem entrando e saindo de pesadelos... Minha febre aumenta. Eu era uma assassina. Por que não morri no lugar deles?*

*Eu queria morrer... Poderia reencontrar meu pais e me livrar de toda esta angústia!*

*Não, Helena! Era a febre falando por mim, precisava ser forte. Depois de horas de tortura, chego ao meu destino. Me sinto fraca e cansada, o que iria fazer agora?*

*Eu não queria ir para casa da Sam, seria o primeiro lugar que o Chris iria me procurar. Eu*

poderia ir para o hospital, a febre não cedia... Mas eu odiava aquele hospital, a única pessoa meio legal de lá era o DJ!

DJ! Isso! Chris e John insistiram que eu precisava falar com um profissional e era isto que eu iria fazer. Pego na minha carteira o cartão de visitas que ele me deu: “David M. Junior – psicólogo clínico e hospitalar”.

No segundo toque ele atende:

– Bom dia.

– DJ? – até para falar, meus lábios tremiam.

– É ele, quem está falando?

– Elle... Helena, amiga do Chris. – ou eu achava que era, não sabia se ele ainda queria ser meu amigo.

– Elle? Onde você está? – DJ soa preocupado.

– Eu acabei de chegar, precisava falar com alguém... Por favor. – minha voz sai tão desesperada quanto eu me sentia.

Como ainda era muito cedo e a clínica estava fechada, DJ me passou o endereço de sua casa. Quando desci do táxi, ele já estava esperando por mim. Eu sabia que estava parecendo uma merda e a cara de choque dele apenas confirma.

Ele não fez perguntas estúpidas como “Você está bem? ”, “o que houve? ” ou “o que está sentindo? ”. Apenas me convidou para entrar. Pedi licença para ir ao banheiro e lavei meu rosto, eu estava uma bagunça!

– Você quer mais alguma coisa? – DJ pergunta assim que chego na sala.

– Você teria um termômetro? Eu tive um pouco de febre durante a noite...

DJ volta com um termômetro, um copo de água e um antitérmico. Agora minha temperatura não estava tão alta, mas tomei o remédio mesmo assim. Ele me convenceu a beber também um suco de laranja para não desidratar e me deu um casaco.

Mesmo estando aquecida por fora, ainda me sentia fria por dentro.

– Eu matei meus pais.



# CAPÍTULO 38

DJ se senta na poltrona em frente a mim. Sua voz sai limpa, sem choque ou outra emoção:

– Por que você afirma isso?

– Porque é a verdade – me encolho no casaco em busca de calor – Lembrei do acidente, eu distraí meu pai enquanto ele dirigia – meus olhos se enchem de lágrimas, falo com a voz entrecortada – Ele não viu o outro carro por minha culpa!

– Acidentes acontecem, Helena. Você não pode viver com este peso para sempre.

Me levanto e ando de um lado para o outro.

– Você não entende! Por causa de mim e da porra da música do Jack Rock, eu matei meus pais!

– Você não tem controle das consequências de seus atos, Helena! – sua voz é controlada no intuito de me acalmar – E seu pai também não deveria ter tirado os olhos da estrada, independente do que você tivesse feito.

É sério que ele estava culpando meu pai?

– Desculpe DJ, vir aqui foi um erro – parecia que minha vida era uma sucessão deles – Você não pode me ajudar, ninguém pode.

– Helena, espere! – ele se levanta, mas já estou na porta. Tiro o casaco para devolver a ele.

– Obrigada por me receber.

– Por favor, fique com ele. Me devolva quando você se sentir pronta para conversar.

Estou muito fraca para discutir e apenas aceno em concordância. Ando pelas ruas enquanto meu corpo luta contra a febre, mas não estou sem destino. Sei exatamente aonde preciso ir.

No velho cemitério, o mausoléu da minha família parecia abandonado. As urnas dos meus pais ainda estavam uma ao lado da outra, cercada pelas lápides de parentes que nunca cheguei a conhecer. Peguei um lenço da minha bolsa e comecei a limpar a poeira acumulada.

Depois me sentei no banco e contei tudo que tinha acontecido desde o acidente e o quanto eu

sentia muito por ter destruído nossa família. Ao lado daqueles que sempre me amaram incondicionalmente, consigo adormecer.

– Elle? – alguém me sacode – Elle! Acorde.

Abro os olhos e me deparo com olhos azuis e cabelos loiros à minha frente.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto enquanto me levanto – Por favor, quero ficar sozinha.

– Como se eu fosse te deixar sozinha! Eu sempre estive ao seu lado, não foi?

– Como você me encontrou?

– Cidade pequena, sabe como é! Você desceu do ônibus e todos já sabiam que estava aqui – Sam dá de ombros – E se você não foi para minha casa, era óbvio que teria vindo visitar seus pais.

Sam me abraça, apoio minha cabeça em seu ombro e começo a chorar tudo novamente. Deste jeito, eu ia terminar desidratando mesmo!

Tiro o casaco. A febre havia passado e eu estava suada, pegajosa.

– Você vai me dizer o que aconteceu? – Sam pergunta.

– Eu matei meus pais. – confesso para ela.

– Você vai me dizer o que aconteceu que não seja um completo absurdo?

Conto à Sam tudo que lembrei da pior noite de minha vida. Ela escuta atentamente e fala:

– Isto tudo foi um acidente, Elle! Você não quis que acontecesse!

– Não querer que tivesse acontecido, não isenta minha culpa. – digo simplesmente.

– Caramba, como você é teimosa! Não sei como o John te aguenta. – Sam fala em tom de piada, tentando aliviar o clima, mas as lágrimas ameaçam sair novamente.

– Ele não aguenta – seco meus olhos com a ponta dos dedos – John terminou tudo ontem e eu não sei porquê.

– O John te dispensou? – Sam parece surpresa – Ele estava tão apaixonado!

Ele não havia apenas me dispensado, John havia despedaçado meu coração.

– Estava tudo bem entre nós, até eu sair para tomar uma ar. Chris me seguiu e a gente discutiu...

– Por que vocês discutiram?

– Porque ele me beijou na frente de John e...

Samantha grita:

– *Chris te beijou??* – o choque é óbvio em sua expressão.

Resolvo contar do início antes que Sam morra de um ataque cardíaco. Um arrepio percorre minha espinha. Não deveria fazer piada sobre isso, não queria causar a morte de mais ninguém.

– Então é isso, em um momento estávamos bem, mas quando voltei John estava beijando uma mulher qualquer.

– Sim, mas você também havia beijado o Chris do lado de fora. – Sam aponta.

– É diferente, Sam. Chris me beijou durante uma discussão e eu o afastei, eu briguei com ele por causa disso! – suspiro frustrada – John agarrou aquela vadia de propósito! Ele sabia que iria me machucar. Nunca pensei que John fosse sabotar a gente. Que tola eu fui!

Sam me abraça novamente.

– Vamos para minha casa, você precisa tomar um banho e descansar.

Concordo com ela, dou mais um adeus aos meus pais e saímos juntas do cemitério. Estamos passando entre as lápides quando ouço um zunido atravessar as árvores da floresta. Sam grita e cai no chão.

– Sam! – eu me agacho e viro seu corpo. Oh, não! Seu lindo cabelo loiro está vermelho, sangue mina de um corte na testa. Seguro o casaco de DJ contra sua ferida, tentando estancar o sangue – Acorda, Sam! Por favor!

Estou desesperada, eu não posso perdê-la também! Por favor, Sam! Passos rápidos se aproximam, me viro para pedir ajuda, mas dou de encontro a um punho fechado. Minha cabeça gira e também caio de cara no chão. Meu rosto lateja de dor e um pé pressiona minhas costas.

*Oh, Deus!* Em que eu me meti?

– Finalmente nos reencontramos, Helena – ele me vira de frente – Você é uma vadiazinha

difícil de pegar!

Com meu olho inchando, demoro um pouco para conseguir focar seu rosto. Quando o faço, desejaria não ter feito. Era um rosto que assombrava à noite.

– Por quê? – é tudo que consigo dizer.

Seu sorriso é maligno, ele aponta uma arma para minha cabeça.

– Não vai implorar pela sua vida?

– Não, mas gostaria de implorar pela de Sam. – não desvio o olhar da arma. Não me importava com o que acontecesse comigo, mas eu queria a Samantha fora disto. Mesmo que eu não soubesse o que *isto* era.

– Não se preocupe com ela, é efeito colateral – ele baixa a arma até a altura do meu peito – Se eu fosse você, eu me preocuparia com minha própria vida!

A arma dispara. O barulho me assusta e a dor é menor do que eu pensei que seria. Luto contra a dormência que me domina. Sam, Sam... É tudo que consigo pensar, me estico para alcançá-la, mas só consigo tocar em seus cabelos.

Novamente tenho sangue em minhas mãos e desta vez era da Samantha. Eles me arrastam para longe dela enquanto a escuridão me domina.

Tudo que posso ver é seu corpo desfocado, caído no chão, sangrando... *Sam! Não!* E então, não vejo mais nada.





# CAPÍTULO 39

Minha cabeça parecia feita de chumbo e doía. Sinto como se meu rosto tivesse uma pulsação própria de tanto que latejava. *Onde eu estava?*

– Sam! – tento enxergar, mas meu olho esquerdo estava tão inchado que mal podia abri-lo. Mesmo com um olho só procurei por ela ao meu redor. Um velho piso de madeira e janelas empoeiradas, mas nada de Samantha.

Este lugar me era familiar, mas minha cabeça doía muito para eu lembrar.

– Até que enfim a bela adormecida acordou! – aquele homem asqueroso para em frente a mim.

– Você atirou em mim! – olho para meu vestido, além das cordas que me mantinham presa, não havia sinal de agressão – Como ainda estou viva?

O homem usava um coldre em cada lado do corpo. Ele saca a arma do lado esquerdo.

– Atirei com esta maravilha aqui! 12,7 milímetros, mira ajustável, propulsão de CO2, uma das pistolas tranquilizantes mais leves do mercado.

Ele guarda a arma e pega a do lado direito, encostando-a em minha têmpora.

– Agora se eu tivesse usado esta aqui, você estaria decorando o chão do cemitério com seus miolos – ele segura meus cabelos com força e puxa para trás, sinto a dor, mas não grito. Eu já estava à mercê dele, presa em uma cadeira, não iria dar a ele a satisfação de me ver implorar.

– Fiz um estrago grande aqui, hein? – ele enfia a ponta da arma no inchaço do meu olho, mordo meu lábio com força para evitar o grito – Me responda!

Ele me dá um tapa forte. Meu olho, que já estava sensível, agora era uma sinfonia de dor. Sinto um líquido quente escorrer por minha bochecha. Sangue e lágrimas pingam em minha blusa.

– O que você fez com a Sam? – eu precisava saber que ela ainda estava viva.

– Espero que respirando no mesmo lugar que a deixamos, afinal não queremos problemas com o delegado. – ele pisca um olho para mim.

– Então você não deveria ter me sequestrado!

– Não era para você estar viva, Helena – ele me olha com raiva – Ou deveria dizer Kim? Sabe que é muito feio dar o nome errado aos homens no bar?

Ele segura meu queixo e me beija à força, depois morde meu lábio até o ponto de sangrar. Quando me solta, cuspo uma mistura de sangue e saliva em seu sapato. Ele desfere outro golpe em mim, desta vez do lado direito do meu rosto.

Ele retira um canivete do bolso de trás e abre a lâmina, coloca a ponta no meu esterno, logo abaixo do pescoço. Tento recuar, mas a cadeira não permite, e a sinto penetrar um pouco na pele. Depois ele afasta e corta o meu vestido entre os seios, apenas o suficiente para tornar meu decote mais... generoso.

Meu sequestrador lambe os lábios.

– Eu vou me divertir muito domando você, Helena.

Meu corpo treme de medo, aquela promessa era pior do que a tortura física.

– O que você quer comigo? – pergunto entre lágrimas – O que eu fiz para merecer isso?

O homem brinca com o canivete, gesticulando com ele em frente a mim.

– Você... Nada! Quer saber um segredinho? – ele aproxima sua boca da minha orelha e sussurra – Eu matei os seus pais.

O choque me faz parar de respirar por um segundo.

– O quê?

– Não se faça de surda, Helena! Você ouviu muito bem. – ele passa o canivete por minha pele. O metal frio não penetra, mas faz meu corpo se arrepiar de medo – Eu era o outro motorista e fiz seu pai capotar o carro!

*Oh, Deus!* Não foi um acidente, meus pais haviam sido assassinados.

– Por quê?

– O que você acha? Grana, é claro! – ele corta um lado das alças do meu vestido azul e sutiã, o tecido pende quase me deixando nua – Seu papai foi um promotor muito levado, Helena! Ele achou que poderia pegar dinheiro emprestado e depois não pagar...

Ele me olha com raiva e corta meu ombro exposto. Solto um silvo de dor. *Filho de mãe.*

– Ele achou que era uma ameaça para nós! Acredita nisto? Um promotorzinho de merda em uma cidade de interior achou que podia nos enfrentar! Me arrependi na hora que ateei fogo naquele carro, quer saber porque?

Fico calada e ele aperta meu ombro ferido.

– *Por quê?! – Grito.*

– Porque ele morreu rápido demais! Ficamos lá assistindo as chamas o consumirem, mas não me deu satisfação. – meu Deus! Eles eram as sombras nas chamas que eu vi. Choro, pois é como se meus pais morressem novamente. Uma parte de mim ainda tinha esperança que eles estivessem vivos.

– Você é doente!

Que homem horrível!

Ele me dá outro tapa no rosto.

– Se coloque no seu lugar, vadia! Você deveria estar dentro daquele carro! No escuro, não vimos seu corpo caído no chão ou nem estaríamos tendo esta conversa! – ele levanta minha saia com a ponta do canivete, expondo minhas coxas – Também seria uma pena ver este corpinho queimar... Antes da gente se aproveitar dele.

– E por que você não me matou logo? – pergunto tentando desviar a atenção dele.

– Primeiro porque você guardou a porra das coisas do seu pai na casa do delegado – ele crava o canivete na madeira da cadeira – Eu preciso daqueles documentos e você vai entregar para mim.

– E segundo?

Ele me deu um sorriso de deboche.

– E segundo, você foi ser a prostituta daquela bandinha de merda e sempre tinha a porra de um segurança na sua cola.

A paranoia de John com segurança salvou a minha vida. Bem, até eu largar tudo e fugir.

– Para quem quer sair incógnito, você fez uma bagunça grande em meu rosto! – Ele é louco! Não deve ter intenção de me deixar sair viva daqui. Não haverá mais Elle no mundo... Eu simplesmente deixarei de existir.

– Meus planos mudaram, você vai me devolver o dinheiro que seu pai levou! – a porta da frente se abre e o capanga dele entra. Tento identificar o lado de fora, mas só vejo árvores. Quando a porta está fechando, reconheço a cor vermelha.

– Achei a bolsa dela – o novo homem é o cara que fez a confusão com Lya no bar! John tinha razão, eles se conheciam.

Eles jogam tudo em cima da mesa até encontrar meu telefone.

– Desbloqueie – ele ordena.

– Não! – eu não envolveria mais ninguém com este sádico.

Ele pega o canivete que estava na cadeira e enfia na minha coxa. Grito de dor.

– Me diga o código ou vou cortar você em pedaços!

– 1409! – era o dia do casamento dos meus pais.

– Tape a boca dela! – o capanga pega um pedaço de tecido velho e coloca na minha boca, prendendo por trás da minha cabeça.

Agora não posso fazer mais nada, apenas ouvir.

– Não, eu não sou a Elle – escuto gritos do outro lado da linha, mas não entendo o que é dito

– Sim, eu estou com ela e se você a quiser de volta, é melhor me ouvir direito. Eu quero meio milhão em notas não marcadas. Você tem seis horas para arrumar este dinheiro ou eu terei que arrumar alguma forma de me distrair aqui com ela. Você não iria gostar disso, não é?

Eu preciso fornecer uma pista para o Chris! Ele terminaria matando a mim e a quem viesse pagar o resgate.

– O quê? É claro que ela está viva – o homem se aproxima para mim e puxa a mordaça para baixo – Fale com ele!

– *Dr. Chris Venkman*, não venha me procurar! – grito o mais alto que consigo.

O homem volta a falar com Chris:

– Ela está viva, por enquanto. Você tem seis horas e eu ligo com as instruções para o resgate.  
– ele desliga o telefone e o joga em cima da mesa com raiva.

– Que porra foi essa que você falou para ele? – ele me segura pelos ombros, apertando com

força – Foi algum código? Diga!

– Não é nada, é só um jeito carinhoso para ele saber que estou realmente bem!

O cara parecia nervoso, ele não acreditou em mim. Passa de um lado para o outro e pega uma faca de caça em cima da mesa.

– Eu devia cortar esta sua garganta para você nunca mais mentir!

– Eu não estou mentindo! – grito desesperada.

– Pois, me escute bem – ele fala apontando a arma para o meu olho bom – Quando eles derem o dinheiro, você vai entrar na casa do delegado e achar os documentos que seu pai tinha e depois vai nos entregar, entendeu?

– E por que eu faria isto?

Sua expressão é tão maligna que me arrependo de ter feito a pergunta.

– Porque se não fizer, vou matar todos os seus amigos! Um por um, e depois farei você se arrepender de ter nascido.

Engulo em seco. Como eu poderia me livrar deste homem? Por que meu pai tinha se envolvido com este tipo de gente? Nenhum dinheiro no mundo compensava isto.

Ele e o comparsa desaparecem da sala. Espero que não estejam tramando algo pior em um dos quartos. *Oh, Deus!* Como eu queria que isto fosse um delírio louco da febre, mas a minha imaginação não era tão mirabolante assim.

Por que eu deixei John me afetar? Eu estaria segura se não tivesse fugido. DJ tinha razão, não podíamos prever as consequências dos nossos atos... Não até que fosse tarde demais.

Minutos passam antes que o homem retorne.

– Sabe, Helena, eu estou ficando impaciente de esperar.

*Ah, não!*



# CAPÍTULO 40

– Você prometeu que não me machucaria! – eu tentei negociar.

Seu sorriso é maligno, ele se aproxima passando a lateral da lâmina na minha pele

– Eu nunca prometi nada...

Minha respiração fica presa.

– Não faça isso, por favor!

– Isso, implore! – sua faca desce, cortando mais do meu vestido – Eu adoro quando vocês choram!

Ele dá uma tapa em meu rosto novamente e se abaixa para cortar as cordas dos meus pés. Quando ele solta um, percebo uma movimentação no lado de fora da janela. Esperança surge em meu peito, será que Chris entendeu meu recado?

– Você finalmente vai saber como um homem faz!

Ele solta a outra perna e quando começa a se levantar, eu grito com asco:

– Você não é um homem de verdade!

Coloco meus dois pés em seu corpo e empurro, mas não tenho forças suficientes para derrubá-lo.

– Vadia! – ele grita e me empurra de volta, a cadeira cai no chão e eu bato minha cabeça. *Ai!* Enquanto ele paira em cima de mim, a porta da frente se abre e um único tiro é disparado. O sangue respinga em todo meu rosto e o seu corpo cai. *Estou salva?!*

Outro tiro soa, vindo da direção oposta. *Oh, não! O capanga!* Um tiroteio começa e não sei o que acontece. Estou no chão, amarrada e olhando para o teto. Minha cabeça latejava. A visão escurecia e voltava, eu não ouvia direito. Era como se eu estivesse com fones de ouvido e o mundo ficasse abafado ao meu redor.

Preciso me manter acordada! São segundos que parecem uma eternidade... Por favor, que esta agonia termine! E então, o silêncio reina, apenas minha respiração pesada faz companhia.



– Você está salva, senhorita Helena. – meu salvador surge na minha frente.

– Acho que agora você pode voltar a me chamar de Elle... – foi a única coisa que consegui dizer antes da inconsciência me levar.



As luzes me incomodavam mesmo com os olhos fechados. Será que eu tinha morrido e estava flutuando no céu de encontro ao sol? Pelo menos isso significava que eu merecia ir para o paraíso, não é? A não ser que esta luz vibrante pertencesse ao fogo do inferno...

Abro os olhos e me arrependo imediatamente, droga de fluorescentes! Acordei no purgatório ou ainda estava viva. Com a sinfonia de dores que sentia, apostava no primeiro. Reconheço o papel de parede sem graça do hospital, estava de volta ao ponto de partida. Um gemido me escapa antes que eu perceba.

– Elle? – Gabriel se aproxima – Como você está se sentindo?

Eu não faria piada sobre perguntas idiotas. O cara salvou minha vida, ele tinha direito a um passe livre. Tento duas vezes antes que minha voz funcione:

– Tudo dói, então ainda decidindo se estou no inferno ou purgatório.

– A dor é sua amiga, Elle – Gabriel fala sério para mim – Quer dizer que você está viva.

– E a Sam? – eu não suportaria perdê-la também! Olho ao redor e não vejo mais ninguém – Você está sozinho aqui?

– Agora ela está fora de perigo – Gabriel me dá um sorriso reconfortante – Está vindo uma comitiva de jatinho para visitar vocês.

Estico meu braço e aperto sua mão.

– Obrigada – falo com a voz embargada. Saber que estávamos seguras tinha sido a melhor notícia de todas – Você me salvou de um destino pior que a morte. Agora entendo por que uma vez me disse que eu não gostaria de saber em que você era bom.

Lembro do momento em que aquele monstro levou o tiro, tinha sido certo e no meio de sua

testa.

– Eu falhei em meu trabalho, Helena – Gabriel afasta sua mão de mim – Desde antes de sua chegada, eu cuidei de sua segurança, mas mesmo assim deixei que quase te matassem.

– Como assim? Não entendo.

– Quando você aceitou trabalhar para John, ele determinou que eu cuidasse pessoalmente de sua segurança. Eu fiquei escondido enquanto você estava em casa com a senhorita Samantha e até compartilhamos o mesmo voo.

– Mas você já estava no aeroporto esperando por mim!

– Eu fui o primeiro a descer do avião e não tinha bagagens extras – Gab dá de ombros – Foi fácil chegar ao lobby antes de você.

*Não fazia ideia!* A paranoia de John com segurança não tinha limites. Não poderia realmente reclamar, aqueles homens teriam me alcançado muito mais cedo e eu não teria chances de salvação.

– E hoje? Você me seguiu também?

– Ontem à noite, eu não vi quando você saiu – Gabriel olha arrependido para mim. Como ele poderia ter visto? Estava evitando que a horda de vadias atacasse John – Demorou para conseguirmos tirar John do palco. Já estava amanhecendo quando rastreamos a compra da passagem com seu cartão de crédito...

– Isto ao menos é legal? – pensei que esse tipo de informação fosse privada. Gabriel entorta a boca antes de continuar seu relato como se eu não tivesse o interrompido.

– Eu vim o mais rápido que pude. Fui na casa de Sam, mas você não estava e nem ela e a sua antiga casa ainda estava fechada. Minha segunda tentativa foi no cemitério... Encontrei Samantha desacordada e ensanguentada.

Lembro-me do seu cabelo loiro tingido de vermelho... Pobre Sam, quase morreu por minha causa.

– Ela vai ficar bem mesmo? – seguro um soluço.

– Sim, ela levou um tiro de tranquilizantes, bateu o rosto em uma lápide quando caiu e cortou o supercílio.

Lembro-me das lutas de UFC que eu assistia com o Chris. Este tipo de corte costuma sangrar

muito.

– Eu chamei a ambulância. O pai dela ficou transtornado quando a viu. Ele a acompanhou para o hospital e eu fiquei lá, tentando entender os rastros. Até Chris me ligar falando sobre um chalé vermelho no meio da floresta.

Suspiro aliviada! Ainda bem que Chris compreendeu o meu recado. Meus captores haviam me levado para o mesmo chalé vermelho que nós brincamos de caça-fantasmas na infância. Eu o chamava de *Dr. Chris Venkman* por causa do personagem de Bill Murray. Se não tivesse lembrado disso durante o velório de meus pais, provavelmente não teria reconhecido a porta vermelha e as janelas velhas.

– Você foi sozinho? – pergunto.

– Sim, não podia perder tempo. Eu escutei seu grito e um barulho de pancada, sabia que teria de agir logo. Você estava caída no chão, então tive uma mira limpa.

Ele fala tudo tão... seco. Como se estivesse me contando uma história qualquer. Pergunto antes que possa me parar:

– Isso não te afeta, Gabriel? Matar alguém? E a polícia?

– Foi um mal necessário, Helena – ele me fala sem demonstrar outras emoções – Era você ou ele, eu não poderia arriscar. O pai do Chris está cuidando de tudo, foi em legítima defesa.

Espero que ele não tenha problemas com a justiça! Ainda bem que O Delegado servia para alguma coisa...

– E o capanga?

– Está sendo operado agora, a bala ficou alojada em seu ombro. – ai, Deus! Ele devia estar aqui no mesmo hospital!

– Obrigada, Gabriel! Você definitivamente é meu anjo da guarda.

– Apenas fazendo meu trabalho, Elle – ele sorri para mim – Vou chamar a enfermeira. Ela me pediu para avisar assim que você acordasse.

Concordo com ele e uma mulher simpática vem checar meus sinais vitais. Além dos cortes e contusões, eu estava desidratada por causa da febre, mas o importante era que eu e Sam não teríamos sequelas físicas.

Estou comendo o que deveria ser sopa, mas parecia lama, quando meu quarto é invadido. O Jack Rock chegou! Ou pelo menos, parte dele. Kim é a primeira a pular em cima de mim e me abraçar.

*Ai, meu ombro!*

– Elle! Juro a você que se me der um susto deste de novo, eu te mato!

Abraço-a de volta.

– Meio contraditório, não acha?

– Eu não quero saber! – Kim começa a chorar – Você está tão horrível!

Alysson se aproxima e beija meu cabelo com cuidado.

– Não se preocupe! Vai voltar a ser linda logo, logo.

Sorrio para não chorar, eu sabia que estava desfigurada.

– Com amigos como vocês, quem precisa de inimigos, hein?

Eu com certeza não queria encontrar mais nenhum...

Chris está parado, apenas me olhando. Sua expressão é fechada. Nossa despedida não tinha sido bonita e não sei o que ele iria falar agora.

– Vocês podem nos dar licença? – Chris diz para Kim e Aly. Eles me abraçam uma vez mais e saem.

Chris se senta na borda da maca. Ele segura meu queixo com delicadeza, virando de um lado a outro enquanto analisa meus ferimentos.

– Me desculpe, Elle – Chris fala triste – se eu não tivesse discutido com você, poderia ter vindo a mim ontem à noite.

Seguro sua mão entre as minhas.

– Você não tem o que se desculpar, Chris. Eu que estava errada! Estive este tempo todo me enganando com uma falsa sensação de independência. Eu fui egoísta e te magoei.

Chris tenta me interromper, mas eu continuo a falar:

– Eu não tenho nada a dizer em minha defesa. Não sou perfeita, Chris! Eu... eu tinha tanto

medo de perder sua amizade que terminei te afastando! É absurdo, eu sei, mas sou apenas humana... Passível de erros.

– Eu também errei, Elle. Se eu achava que merecíamos mais do que amizade, deveria ter feito alguma coisa – Chris beija minha mão – Te ver tão machucada assim... Te proteger é como se fosse uma necessidade viva dentro de mim.

Eu o abraço. Estava com tantas saudades de seu carinho.

– Eu também me sinto assim em relação a você, Chris! Nós sempre cuidamos um do outro, tem sido assim desde que nasci. Existem várias formas de amor, mas a nossa amizade é única.

Meus olhos se enchem de lágrimas, eu continuava a falar mesmo entre soluços:

– Eu achei que iria morrer hoje! Tudo que eu queria era ter certeza que vocês estariam à salvo daquele monstro.

– Eu sei, Elle! Eu também só pensava em te ter de volta a salvo... Mas você vai realmente estar de volta? – ele pergunta, mesmo que já soubesse qual seria a minha resposta.

Eu precisava aprender a cuidar de mim e morar sozinha, sem depender de Chris ou de John. Não que eu ainda quisesse morar com este. Quase morrer tinha colocado minha vida em perspectiva, eu não guardava mais rancor contra ele. Contudo, não ficaria à mercê de seu humor flutuante.

Aquele era o fim do Jack Rock para mim.



# CAPÍTULO BÔNUS

**John**

“Tentemos ensinar generosidade e altruísmo, porque nascemos egoístas.”

Richard Dawkins – O gene egoísta

O ser humano é, em sua essência, um egoísta. Pelo menos, é isto que Richard Dawkins explica em sua famosa teoria do “gene egoísta”. Quando os homens viviam nas cavernas, os corajosos e altruístas defendiam sua tribo dos perigos.

E quem você acha que sobrevivia tempo suficiente para reproduzir e transmitir seus genes para as futuras gerações? Isso mesmo... Nós somos os filhos do egoísmo humano, sempre visando nosso próprio interesse. Agora me pergunto, quão altruísta realmente alguém é?

A última vez em que fui generoso, ajudei outro garoto a não morar sozinho nas ruas. E mesmo assim, este meu “ato de bondade” me rendeu um melhor amigo, um companheiro de palco e uma banda de sucesso. E agora eu estava tão concentrado em ter Helena para mim que não levei nada disso em consideração.

Chris ficou tão abalado quando soube que ela quase morreu no acidente que matou seus pais, que eu tive que acompanhá-lo. No avião, porém, tudo que eu pensava era nela! Eu não acreditava que finalmente iria conhecê-la. A garota com olhos de mel...

O que ela poderia querer comigo? Já tinha Chris, seu perfeito cavaleiro de armadura brilhante. No início, eu só queria provocá-la! Mas cada vez mais ela se parecia afetada por mim e eu não poderia me afastar.

Eu precisava prová-la apenas uma vez, mostrar para mim mesmo que ela era apenas mais uma. Chris não iria se importar, já havíamos compartilhado outras mulheres antes. E se era para aproveitar a vida antes de casar, ela poderia curtir comigo, pelo menos uma vez.

Mas quando a beijei, parecia que meu mundo finalmente tinha entrado nos eixos. Porra! Nunca imaginei que estar com ela seria tão viciante. Eu não podia mais negar que estava apaixonado, por isso a odiei quando me esnobou. Mesmo sabendo que ela nunca seria minha, eu não conseguia ficar longe.

Eu a traí naquela estúpida festa e ela chutou minhas bolas! Helena nunca fazia o que eu esperava. Não havia parâmetros para ela. Era ao mesmo tempo o desafio e a recompensa. Não entendia como Chris poderia querer estas vadias quando estar com ela era o paraíso. Talvez seja porque ele nunca realmente provou de Helena.

Pego meu celular e olho novamente para a foto dela sorrindo em meu colo no avião, foi a primeira vez que ela me abraçou por livre e espontânea vontade. Ela estava rindo de mim, gritando como uma louca, achando que eu precisava de sua idolatria. Elle estava enganada, eu queria idolatrá-la e não o contrário.

Nunca me importei com nenhuma das mulheres que tive, mas com Elle eu me sentia possessivo, animalesco. Se Chris não dava valor a ela, eu daria! Ele poderia ter o plano que quisesse, mas a decisão final seria dela. E Helena escolheu a mim!

Quando ela me disse que seu conceito de perfeição vinha com vários defeitos, eu me senti no nirvana. Por semanas descobri o que era felicidade, pela primeira vez desde que minha mãe casou com o crápula do Carlos, eu estava feliz. Elle sabia de tudo e ainda me amava. Ou melhor, eu achava que ela poderia estar me amando.

Quando fui procurá-la no bar depois de sua apresentação no palco, eu estava atordoado pela ligação que recebi e não pensava direito depois de tanta tequila. Meu maior medo se tornou realidade, por duas vezes Elle não afastou o beijo do Chris. O ciúme me cegou, fui estúpido e irresponsável.

Não olhei para Elle enquanto a traía da forma que ela jamais me perdoaria, a dor em seus olhos era mais do que eu podia suportar. Olhava para a garota ruiva e sentia nojo de mim mesmo. E por causa do meu egoísmo, Helena fugiu e quase morreu. Por minha causa ela foi torturada, eu não a protegi no clube e a enviei aos seus carrascos.

Por isto, eu faria o meu maior ato de altruísmo: deixaria Elle me odiar. Eu era venenoso e não iria manchá-la com minha sujeira. Ela merecia mais, o cavaleiro de armadura branca. Não eu... Eu estava fadado a ser o vilão de sua história.





# EPÍLOGO

## Três meses depois...

Estou em meu novo escritório e desta vez posso afirmar que realmente é meu, não emprestado na casa de *alguém*. Localizado em um grande edifício no centro da cidade, também não era na cobertura como o de Nicole, mas não me importo com isto. É pequeno, aconchegante e meu.

Meses atrás, eu havia sofrido na mão dos meus captores. Não sabia o que faria da minha vida, mas tinha uma única certeza: não seria mais *assistente pessoal* do John. Mandeï minha carta de demissão por Gabriel.

Estava considerando minhas opções quando um homem de terno entrou em meu quarto do hospital.

– Boa tarde, Helena. Sinto muito pelo que aconteceu.

– Boa tarde! – digo meio surpresa. Nunca o tinha visto tão arrumado.

Ele sorri e aponta para a própria roupa.

– Sempre coloco um terno quando preciso fechar um negócio.

– E que *negócio* você veio fechar aqui? – não entendo o que eu poderia fazer por ele.

– Elle, eu tenho uma proposta para você.

– Deixe-me adivinhar: *uma proposta que eu não poderei recusar*.

Ele sorri para mim.

– Algo como isso.

E realmente não tinha como eu dizer não para este novo emprego. Era a melhor opção que eu tinha. A única, na verdade.

Passei duas semanas na casa da Sam, eu só queria apertar e cuidar dela. Ela já estava ficando louca comigo!

Depois, eu voltei para a cidade e procurei um apartamento pequeno para mim, Gabriel levou as minhas coisas que estavam na casa de John. Chris, Kim e Aly me ajudaram a arrumar tudo.

Eu mantive minha amizade com eles, mas não os via com tanta frequência. Mesmo o Chris: a gente ainda saía juntos, mas não era como antes.

Já com o John, eu não tinha falado desde aquela noite no bar. Ele nunca me procurou e nem eu a ele. Eu tentava não pensar nele todos os dias, mas esta era uma tarefa quase impossível.

Meu interfone toca, me tirando dos meus devaneios:

– Bom dia, senhorita Helena. O senhor Gabriel está aqui, posso autorizar sua entrada no prédio?

Gab está aqui? Folheio minha agenda, eu não havia marcado nada com ele!

– Bom dia, Jaime! Ele pode subir sim.

Gabriel tinha se tornado um bom amigo nos últimos meses. Não era mais sua função me proteger, mas ele sempre passava para ver como eu estava. Quando entra no meu escritório, seu semblante estava mais sério que o normal.

– Qual foi o problema, Gabriel?

– Finalmente conseguimos ler todas as cartas de fãs consideradas suspeitas – ele retira um papel do bolso interno do terno e me entrega.

Pego a carta e me sento à mesa.

– Pensei que você tivesse dito que não havia nada com que se preocupar.

– E não havia! Mas sempre chegam novas. Recebemos esta ontem.

Olho para o que tenho em minhas mãos. Era um papel comum, escrito com letras tortas. Minhas mãos tremem quando leio o conteúdo. *Merda!* Apenas uma pessoa poderia ter enviado esta carta. Meus olhos ficam marejados ao pensar em um mundo sem John.

– O que John falou quando leu isto? – dobro novamente aquele papel vil e devolvo para o Gab.

– Ele não sabe ainda.

– O quê? Por que você trouxe para mim?

Gabriel fala com determinação:

– Porque John não é mais o mesmo desde que você partiu! Ele se culpa por tudo que aconteceu!

Nossa, em todos estes meses, aquilo era o máximo de emoção que eu vi o Gab demonstrar. Eu também sofria por não ter mais John em minha vida, mas isso não significava que éramos bons um para o outro.

– Isto ainda não explica por que você trouxe a carta para mim primeiro.

– John está em um caminho destrutivo, Elle. Talvez você seja a única pessoa que ele escute – Gab se levanta e vai em direção à porta – Pense nisso e me ligue quando tomar uma decisão.

Não trabalhei direito o resto do dia. Gabriel não deveria ter me mostrado aquilo! O que eu poderia fazer? Não conhecia nada de segurança pessoal, eu tinha sido um fracasso até como uma simples assistente.

Fico inquieta mesmo em casa. Há dias em que eu via pessoas nas sombras, mãos que tentavam me agarrar. Eu precisava de ajuda, e com esta novidade, John iria necessitar também. E eu já tinha ideia de onde conseguir isto...

*Droga! Naquela noite não consegui dormir, não com a ameaça que pairava sobre a cabeça de John: “você tem o nariz de sua mãe e os olhos do seu pai. Achou que brincar de roqueiro iria te proteger? Eu sei quem você é, seu filho da puta, e nem todo o dinheiro do mundo vai te salvar de mim. ”*

E agora, o que eu faria?





# ELLE – Amor e redenção

## Série Jack Rock – Volume 3

### SINOPSE

Helena teve sua vida perfeita manchada pela tragédia. Ao perder seus pais, contou com a ajuda do seu melhor amigo Chris para se reerguer, mas foi nos braços de outro que encontrou consolo. Após uma sucessão de erros, Elle quase pagou com sua própria vida as consequências dos seus atos.

Agora ela está sozinha, sem o amor de John e com sua amizade com Chris abalada. Helena poderá realmente se afastar do Jack Rock? Um vídeo que vaza na internet, uma ameaça em forma de carta e demônios do passado mostram para Helena que amadurecer não será tão simples.



# Prólogo

Já teve a sensação de estar sendo observada? Como se as paredes tivessem olhos e as sombras pudessem ganhar vida a qualquer momento? É algo assustador e você não se sente segura nunca. Os momentos de terror que passei naquele chalé estarão para sempre gravados em minha memória. Gabriel salvou meu corpo, mas eu ainda era refém da minha mente.

Pego meu cobertor e me arrasto para um grande pufe vermelho na varanda. Em quase todas as noites eu terminava aqui. Nos últimos meses, as estrelas têm sido minhas únicas companheiras. Estas e a insônia. Não posso dormir! Tenho medo de reviver tudo através dos sonhos.

Meu coração se aperta quando vejo no chão a única caixa que não tive coragem de abrir desde que eu mudei. Era o telescópio que John me deu de aniversário. Uma lembrança de momentos felizes, de quando eu pensei que ele poderia amar alguém que não fosse ele mesmo.

Uma vez, Chris me perguntou se John era o meu erro. A vida é feita de escolhas e não existe uma que esteja totalmente certa ou errada. Eu não me arrependia de ter me entregado a John, foram dias maravilhosos. O meu grande erro foi esconder do Chris. Eu tinha medo que os boatos sobre ele me amar fossem verdadeiros. Ele era meu porto seguro, meu irmão. Na tentativa de proteger nossa amizade, eu terminei quase a destruindo.

Para o Chris, ainda havia esperança, eu poderia retomar nossa amizade. Quanto ao John, nem isto eu queria. Afinal, ele deixou bem claro que não pretendia ser meu amigo, tanto em palavras, quanto em atitude. Foda-se o John! Eu não poderia me afastar do Jack Rock, mas evitaria seu vocalista como a praga que ele era.

Esta banda mudou o curso da minha vida! Desde antes do primeiro CD ser lançado, era parte de mim por ser a realização do sonho do Chris. Mas agora eu teria o meu papel no Jack Rock também.

Quer saber como? Eu vou contar...





# Agradecimentos

Primeiramente, eu gostaria de agradecer ao meu marido João e meu filho João Marcos por todo apoio, carinho e compreensão neste meu novo projeto. Sem o suporte de vocês e dos meus sogros João e Eugênia, eu jamais conseguiria escrever Elle em tão pouco tempo.

Às minhas “Piradas em after”, Cris Barrilari, Daniele Oliveira, Fernanda Oliveira, Ludmila Públio e Maiara Grimm que com suas conversas loucas diárias me inspiraram a escrever, sem vocês nada disso seria possível. Obrigada pela paciência e dicas, vocês são as melhores amigas e leitoras beta que eu poderia querer! Samyra Imad, agradeço por ter tanta confiança em meu trabalho e pelos bate papos malucos no Wattpad.

À minha mãe Fátima, a mulher mais guerreira que já tive o prazer de conhecer, a senhora é incrível. Meu padraсто Lira, o melhor PAIdastro do mundo, minhas irmãs, Ariadne, Daphne, Penélope e Kalinka e meus sobrinhos lindos, mesmo que eu suma quando estou presa ao mundo do Jack Rock, vocês todos estão em meu coração.

Um agradecimento especial vai para todos os meus leitores e seguidores do Wattpad, é a atenção e os comentários de vocês que me estimulam a continuar escrevendo. Eu não acho que eu tenha conquistado leitoras, eu fiz amigas! Vocês são especiais e fazem eu me sentir especial também. Muito obrigada, espero que este seja o início de uma longa jornada.

E por último, mas não menos importante, às duas pessoas que transformaram Elle neste e-book lindo: Clara Taveira, minha revisora/coach e Izzy Ximenes, a capista mais divertida e esperta do mundo inteiro! Meninas, vocês têm um futuro brilhante.

Obrigada,

Aretha V. Guedes



# Siga Aretha V. Guedes nas redes sociais:

[Twitter](#)

[Facebook](#)

[Grupo no Facebook](#)

[Instagram](#)

[Google+](#)

[Playlist de Elle no Youtube](#)

---

[1] “ Eu estou tão cansada de brincar

Brincar com este arco e flecha

Vou dar meu coração por aí ”

[2] Me dê uma razão para te amar

Me dê uma razão para ser... uma mulher

Eu apenas quero ser uma mulher

[3] “Ninguém sabe como é

Ser o cara mau. ”

[4] “Ser o cara triste

Por trás de olhos azuis. ”

[5] “Ben, nós dois não precisamos mais procurar

Nós dois achamos o que estávamos procurando

Com um amigo para chamar de meu

Eu nunca estarei sozinho

E você, meu amigo, verá

Que tem um amigo em mim”

[6] Quando você sentir o meu calor

Olhe nos meus olhos

É onde meus demônios se escondem

É onde meus demônios se escondem

Não se aproxime muito

É escuro aqui dentro

É onde meus demônios se escondem

É onde meus demônios se escondem

[7] “Agora que eu tentei

Falar com você e te fazer entender

Tudo que você tem a fazer é

Fechar os olhos e só estender suas mãos

E me tocar, me segurar perto

Nunca me deixe ir”

[8] “E nós não nos sentimos mais atraídos

E isso é o que faz a diferença hoje,

Eu espero que você se exploda”

[9] “De qualquer maneira, eu te escolhi e já foi tudo gasto.

É sábado, eu vou sair,

E achar *outra você*”